

*Organização, seleção, notícia biográfica e
estudo crítico por Pedro J. Nunes*



*Roberto Mazzini
e outros navegantes*

Ivan Borgo: Vida e Obra

c o l e ç ã o Roberto Almada

*Roberto Mazzini e
outros navegantes*

Ivan Borgo: Vida e Obra.



PREFEITURA DE
VITÓRIA



ACADEMIA
ESPÍRITO
SANTENSE
DE LETRAS

ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

Francisco Aurelio Ribeiro (Presidente)
Ester Abreu Vieira de Oliveira (1º Vice-Presidente)
Matusalém Dias de Moura (1º Secretário)
Anaximandro Oliveira S. Amorim (1º Tesoureiro)

**SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
PREFEITURA DE VITÓRIA**

Luciano Santos Rezende (Prefeito Municipal)
Sérgio Sá Freitas (Vice-Prefeito)
Francisco Amálio Grijó (Secretário Municipal de Cultura)
Leliane Krohling Vieira (Subsecretária)
Elizete Terezinha Caser Rocha (Coordenadora da Biblioteca Municipal Adelpho
Poli Monjardim)

*Organização, seleção, apontamentos biográficos
e notas sobre seleção de textos de Pedro J. Nunes*

*Roberto Mazzini e
outros navegantes*

Ivan Borgo: Vida e Obra.

Vitória (ES)
Prefeitura Municipal de Vitória
Secretaria de Cultura
2019

Copyright © Prefeitura Municipal de Vitória, 2019

CONSELHO EDITORIAL

ADILSON VILAÇA • ÉSTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA • FRANCISCO AURELIO RIBEIRO
ELIZETE TEREZINHA CASER ROCHA • GETÚLIO MARCOS PEREIRA NEVES

ORGANIZAÇÃO: ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

REVISÃO: PEDRO J. NUNES

CAPA E EDITORAÇÃO: DOUGLAS RAMALHO

IMPRESSÃO: GRÁFICA E EDITORA FORMAR

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim (Vitória/ES)

R639 Roberto Mazzini e outros navegantes : Ivan Borgo : vida e obra / organização, seleção, apontamentos biográficos e notas sobre seleção de textos de Pedro J. Nunes. – Vitória, ES : Secretaria Municipal de Cultura, 2019.
136 p. ; 21 cm.— (Coleção Roberto Almada, 31).

ISBN : 9788595861077

Publicação em convênio com a Academia Espírito-Santense de Letras.

1.Literatura brasileira – Crítica e interpretação. 2. Crônicas brasileiras.
I. Borgo, Ivan 1929-2017. II. Mazzini, Roberto. III. Nunes, Pedro J. IV. Série.

CDD B869.09

B869.8

CDU 869.0(81)-09

Distribuição Gratuita. Venda Proibida.
Biblioteca Municipal de Vitória “Adelpho Poli Monjardim”
bmvitoria@correio1.vitoria.es.gov.br
55 27 3381.6926



Sumário

<i>Apresentação</i>	<i>09</i>
<i>Prefácio</i>	<i>11</i>
<i>Introdução</i>	<i>13</i>
<i>Cronologia</i>	<i>17</i>
<i>Notícia Bibliográfica</i>	<i>29</i>
<i>Estudo Crítico</i>	<i>42</i>
<i>Antologia</i>	<i>47</i>
<i>Apêndices</i>	<i>128</i>
<i>Referências</i>	<i>135</i>

Apresentação

A IVAN, COM AMOR

Pernambuco e Rio de Janeiro dividem a glória de ter parido Nelson Rodrigues, o maior cronista brasileiro. Minas Gerais trouxe à superfície Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino, dois craques do escrete crônico brasileiro. O Espírito Santo enviou ao mundo das palavras Carlinhos de Oliveira e Rubem Braga – este último, para muitos, é o cronista maior, o ponto mais alto, o cume. Sinceramente? Não considero Ivan Borgo literariamente distante dos senhores citados. Claro que comparações servem muito pouco ao mérito que cada um carrega por si e para seus leitores. Ivan os tinha e, caso se quisesse enfileirá-los, ali estaria eu, à frente, segurando bandeira, estampando flâmula, de uniforme. Ivan era um craque. Escreveu com a elegância dos ingleses e com a sábia ironia dos franceses. Foi norte-americano na precisão do vocábulo, foi brasileiro na maneira tão distinta quanto simples de olhar o objeto do qual falava. Global, sem dúvida. Homem universal, capaz de conciliar literatura, futebol, cinema, viagens, sentimento, arte e cotidiano. Mas isso todos fazem, dirá alguém. Não como Ivan – e olhe que quem fala é alguém que escreveu crônicas por cinco anos ininterruptos, tentando, quase inutilmente, compreender como ele conseguia ser sutil e ferino, generoso e implacável. Sou fã, assim como sou fã do citado Nelson, lá em cima, no início do texto, o qual concluo afirmando que o ES pode, sim, ter orgulho do Ivan escritor. Do Ivan amigo, professor, mestre, companheiro e leitor eu falo num outro texto. Ou num livro inteiro, para realmente caber o que há.

Francisco Grijó
Secretário de Cultura de Vitória

Prefácio

Este “Roberto Mazzini e outros navegantes. Ivan Borgo: Vida e Obra” escrito por Pedro J. Nunes, escritor residente na Biblioteca Pública Estadual e acadêmico da Academia Espírito-santense de Letras é o 31º volume da coleção Roberta Almada, criada por Adilson Vilaça, na Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de Vitória, em 1993, para homenagear os escritores capixabas. Esta Coleção que se iniciou há 26 anos e que já tratou de importantes nomes das letras capixabas como Roberto Almada, Amylton de Almeida, Haydée Nicolussi e tantos outros, agora homenageia o escritor e Professor Ivan Anacleto Lorenzoni Borgo, um dos mais ilustres capixabas de sua geração, que, junto com Renato Pacheco, Miguel Depes Tallon, João Bonino, Victor Biasutti e seu irmão Ivantir Borgo, fez parte do grupo que deu suporte e consistência às reuniões do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, nas décadas de 1980 e 1990. Ivan foi o último de sua geração a nos deixar, no ano passado.

Ivan Borgo nasceu em Castelo, em 1929, descendente de imigrantes italianos e radicou-se em Vitória a partir de 1940. Foi bacharel em Direito com Especialização em Economia, fiscal da previdência do IAPI, diretor regional do SENAI do Espírito Santo e professor titular da Universidade Federal do Espírito Santo. Foi chefe do Departamento de Ciências Sociais, membro da Comissão de Treinamento de Pessoal de Magistério e da Comissão de Criação do Curso de Serviço Social da UFES, do Conselho Estadual de Educação do Espírito Santo e do Conselho Editorial da Fundação Ceciliano Abel de Almeida. Foi ainda membro da Comissão de Estudos de mão de obra para os projetos industriais do Espírito Santo, nos anos 70. Recebeu a comenda do Mérito Industrial da Federação das Indústrias do Espírito Santo, o título de Cidadão Vitoriense da Câmara Municipal de Vitória e recebeu da Presidência da República da Itália a comenda de Cavaleiro da “Ordem da Solidariedade”. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e à Academia Espírito-santense de Letras. Publicou contos no *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil (SDJB)*, no jornal de cultura **Paratodos** e na revista **A Cigarra**. Em 1987, publicou **História do Pensamento Econômico (Aspectos metodo-**

lógicos). Foi colaborador permanente da revista de cultura *Você*, da Ufes, colaborador e editor da revista *Espírito Santo Sociedade Aberta* (ESSA). Publicou **Crônicas de Roberto Mazzini** (Ufes) em 1995. Em 1997, publicou pelo IHGES os livros: **Chão de Araguaia** (*poesia*) e **Recordações do Futebol de Vitória** (*memórias*). **Novas Crônicas de Roberto Mazzini** na Coleção Gráfica Espírito Santo de Crônicas, em 2003. **Navegantes** (*contos*) em 2011. Colaborou em alguns números da série *Escritos de Vitória*. Participou da coletânea de autores capixabas *A parte que nos toca* e do livro *Norte Espírito Santo: ciclo madeireiro e povoamento* (1996). Recebeu em 1957 prêmio da Petrobras pela monografia **O monopólio estatal do petróleo**. Usava o pseudônimo de Roberto Mazzini. Ivan nos deixou em agosto de 2017 e este livro busca manter sua memória entre nós.

Vitória, dezembro de 2019.

Prof. Dr. Francisco Aurelio Ribeiro
Presidente da Academia Espírito-santense de Letras

Introdução

Alguns meses após o falecimento de Ivan Borgo, seus filhos Eugênio, Inês e Giovanna me convidaram para tomar um café na casa em que ele havia residido com a família nos últimos anos, na Mata da Praia. Nos dias que antecederam sua morte, eles me haviam revelado, o pai tinha grande preocupação com o destino de sua biblioteca. No dia anterior à sua morte, no leito do hospital, Ivan Borgo chamou a mim e a Reinaldo Santos Neves. Fazendo a vontade de nosso querido amigo, Reinaldo fez a primeira visita, eu, a segunda. Ele quis ficar a sós comigo, foi o que pediu à filha Inês, que então o acompanhava no hospital. Ivan, fitando-me com seus profundos olhos azuis, segurou-me a mão e sussurrou por alguns minutos palavras incompreensíveis – e eu daria tudo para saber exatamente o que meu amigo me dizia naquele momento. Sentados os quatro à volta daquela enorme mesa, duelando com lembranças dolorosas, os quatro acreditávamos que ele havia nos dado a missão de dar um bom destino às centenas, talvez milhares, de livros que ele havia amado tanto durante toda a sua vida, e que estavam ali, do outro lado do quintal, numa silenciosa biblioteca.

A primeira vez que entrei naquele recinto sagrado de seus livros foi com profunda reverência, mas também com uma enorme sensação de perda. Ao longo dos meses seguintes, enfrentando todas as dificuldades relativas à doação de um acervo, tenha ele o valor que tenha, estivemos sempre em contato para dar cumprimento à tarefa, e eu pude voltar àquele recinto em outras ocasiões, mas nunca me desfiz da sensação original de reverência e perda.

Ivan tem filhos dedicados. Encontrei em Eugênio, Inês e Giovanna grande respeito pelas coisas deixadas pelo pai naquela sala enorme que comportava sua biblioteca. Mas Ivan tem também amigos dedicados. Um desses, o escritor Francisco Grijó, atualmente secretário de cultura da Prefeitura Municipal de Vitória, ofereceu uma valiosa contribuição à nossa missão ao aceitar boa parte do acervo para a Biblioteca Adelphi Poli Monjardim. De modo que hoje, com uma marca que indica haver sido propriedade de Ivan Borgo, seus livros continuam sua tarefa de educação e entretenimento em várias partes, como a Biblioteca Pública Estadual, a Biblioteca Pública Municipal e a Biblioteca da Universidade de

Vila Velha, com o concurso de vários amigos de Ivan envolvidos nesse sentido. Seus livros, antes de sair de sua casa, foram ao final rigorosamente catalogados e embalados por Inês Borgo para seguir suas jornadas.

A convidar-me para organizar este volume da Coleção Roberto Almada, a Academia Espírito-santense de Letras ofereceu-me, numa ponta, a alegria e a honra de uma tarefa para a qual nunca estive à altura, e, na outra, o reflorescimento de uma saudade inconciliável de meu querido amigo. Foi por isso que, mesmo conhecendo os limites de minha aptidão para organizar este volume, aceitei fazê-lo, contando com a possibilidade de, ao final, atualizar para o público leitor capixaba a obra e o nome de Ivan Borgo, sem sombra de dúvidas um dos maiores nomes da literatura produzida no Espírito Santo.

Para este volume selecionei textos publicados na revista *Você* entre 1992 e 1996, nos livros *Crônicas de Roberto Mazzini*, 1995, *Novas crônicas de Roberto Mazzini*, 2003, no livro de contos *Navegantes*, 2ª edição, 2011, de *Recordações do futebol de Vitória*, 2015 e de textos inéditos que ele publicou no site *Tertúlia* .: Livros e Autores do Espírito Santo.

Atribuo à discrição extrema de Ivan Borgo a advertência que ele faz na 2ª edição de *Navegantes*, quando escreve o seguinte: “Devo também dizer que estes escritos estão comprometidos apenas com a ficção e não têm existência real senão nela.” Num primeiro momento ela me surpreendeu, porque, ao começar a reler a obra de Ivan Borgo, ficou claro para mim que não se poderia estabelecer uma fronteira muito firme entre o homem e o escritor, a vida e o imaginário dele. Ou seja, Ivan Borgo está, todo ele, exceto naquilo que não contou, em sua obra. Desta forma, uma das características da seleção que fiz é esse caráter de autobiografia, e se a advertência acima pode ser contextualizada em *Navegantes*, o leitor bem poderá se certificar de que ele, ainda que escreva histórias curtas, se encontra presente de forma muito clara em algumas delas.

Ainda acho necessário encaminhar aqui alguns agradecimentos, dentre eles a Caco Appel pela cessão do arquivo em PDF de *Recordações do futebol de Vitória*, e a Douglas e Marcelo, da editora Formar, pela cessão do PDF de *Navegantes*, o que facilitou a inclusão neste volume dos textos que contêm, poupando-me do trabalho de digitalizá-los. Gostaria também de agradecer a Luís Carlos de Souza Vieira, que trabalhou com Ivan Borgo no SENAI,

pelo valioso depoimento que está no apêndice deste livro, e a Luiz Guilherme Santos Neves pela lembrança de um debate-papo ocorrido na Biblioteca Pública do Espírito Santo entre ele e Ivan Borgo a que Ivan Borgo... não compareceu, em texto que também se encontra no apêndice.

Finalmente, gostaria de agradecer aos filhos de Ivan Borgo com quem estive junto desde as primeiras saudades desse homem extraordinário, e mencionar que boa parte deste livro não seria possível sem a inestimável contribuição de Inês Borgo, que reabriu as portas da biblioteca de seu pai para que, juntos, pudéssemos compartilhar sua memória e trazê-la para este livro da melhor forma possível. Durante várias semanas essa filha dedicada supriu-me de arquivos, fotografias, informações, tirou dúvidas, enfim, facilitou uma tarefa que nunca foi fácil, mas que esperamos ter cumprido com rigor e respeito.

Com mais este volume da Coleção Roberto Almada, que vem trilhando por vários títulos ao lado da memória e da atualização de nossa melhor literatura, marcando a presença de nomes que de outra forma ficariam esquecidos, o público leitor encontrará grande prazer ao ler ou reler parte da obra do escritor Ivan Borgo.

Pedro J. Nunes

Cronologia

1888

Chegada dos antepassados de Ivan Borgo ao Brasil: Pietro Borgo e Anna Rossetto, bisavós, Eugênio Borgo, avô, Giuseppi e Antonio, tios-avós, todos nascidos em Villorba, Treviso, Província de Veneza, na Itália, chegam em terras brasileiras em novembro pelo vapor “Solferino”.

1929

Em Castelo, município localizado no sul do Espírito Santo, nasce Ivan Anacleto Lorenzoni Borgo em 21 de fevereiro, filho de Anacleto Corassa Borgo e de Margarida Martina Lorenzoni Borgo. Tem como avós paternos Eugênio Borgo e Carlota Corassa Borgo. Seus avós maternos são João Lorenzoni e Anna Gagno Lorenzoni.

1934

Nasce, também em Castelo, em 2 de agosto, o irmão Ivantir Antonio Lorenzoni Borgo.

1935

Transferência da família para o município de Domingos Martins. É de supor-se que a educação formal de Ivan Borgo tenha tido início aí.

1936

Nascimento da irmã Ivanyr Anna Lorenzoni Borgo, em 30 de agosto.

1939

Vem sozinho para Vitória residir na Rua Lisandro Nicoletti, 75, Jucutuquara, em casa de seus avós maternos, para estudar.

1942

Volta para Domingos Martins.

1943

Volta a residir em Vitória, na Vila Rubim.

1945

Mudança dos pais para Vitória, mais precisamente para a Rua Ernestina Pessoa, 48, Jucutuquara. Ivan Borgo vai morar com eles.

1948

O conto “Noite de Natal” é premiado no concurso literário do jornal *A Gazeta*.

1951

Ingressa como escriturário, por meio de concurso público, no Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários – IAPI.

1955

Em outubro de 1955 tem o conto “Epitácio” classificado no “Concurso Permanente de Contos” da revista *A cigarra*.

O dia 27 de novembro desse ano é assinalado por Renato Pacheco como o dia do nascimento do pseudônimo Roberto Mazzini.

1956

Em 1956, mediante concurso público, torna-se fiscal da Previdência. A iminente assunção desse cargo tornou possível a realização de um antigo desejo, que foi casar-se com Glemar Espíndula Borgo, o que ocorreu em 19 de maio. O casal teria quatro filhos: Elza, Eugênio, Inês e Giovana.

1957

Prêmio Petrobras pela monografia *O monopólio estatal do petróleo*.

1961

Ingressa como professor da Universidade Federal do Espírito Santo.

1963

Especialização em Economia pelo Conselho Nacional de Economia.

1965

Ingressa no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

1969

Em novembro desse ano torna-se o diretor regional do SENAI.

1987

Publicação de *História do pensamento econômico: aspectos metodológicos*, edição em mimeógrafo.

1989

Retira-se definitivamente da Universidade Federal do Espírito Santo, onde fora professor por vinte e oito anos.

1990

Em novembro desse ano despede-se da direção do SENAI.

1992

Inicia colaboração na revista *Você*, da Secretaria de Produção e Difusão Cultural da UFES, em que publica crônicas sob o pseudônimo de Roberto Mazzini. A parceria com a revista duraria dois anos e consolidaria o nome de Ivan Borgo como um dos grandes escritores capixabas.

1995

Publicação de *Crônicas de Roberto Mazzini*, reunindo suas crônicas publicadas na revista *Você* e outras.

1996

Publicação do livro *Norte do Espírito Santo – ciclo madeireiro e povoamento*, com Renato Pacheco e Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa.

1997

Publicação, na Coleção Almeida Cousin, do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, de *Chão de Araguaia: poemas e Navegantes: contos*.

1999

Em 30 de junho ingressa na cadeira número 13 de Academia Espírito-santense de Letras. É saudado pelo amigo Miguel Depes Tallon.

2001

Publicação de *Recordações do futebol de Vitória: memórias década 50/60*.

2003

Publicação de *Novas crônicas de Roberto Mazzini* na Coleção Gráfica Espírito Santo de Crônicas.

2011

Publicação da edição aumentada de *Navegantes: contos*.

2012

Inicia a publicação da coluna “Escritos da tarde” no site *Tertúlia* ∴ Livros e Autores do Espírito Santo.

2013

Sai a segunda edição de *Chão de Araguaia*, agora com o subtítulo *Excertos*.

2014

Segunda edição, feita pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, na coleção Cadernos de História, nº 55, de *História do pensamento econômico: aspectos metodológicos*.

2015

Sai a segunda edição aumentada de *Recordações do futebol de Vitória: visões impressionistas do futebol e suas circunstâncias na Vitória dos anos 50/60*.

2016

Em 2 de novembro falece a esposa Gleomar Espíndula Borgo. Alguns meses antes o casal tinha comemorado sessenta anos de casamento.

2017

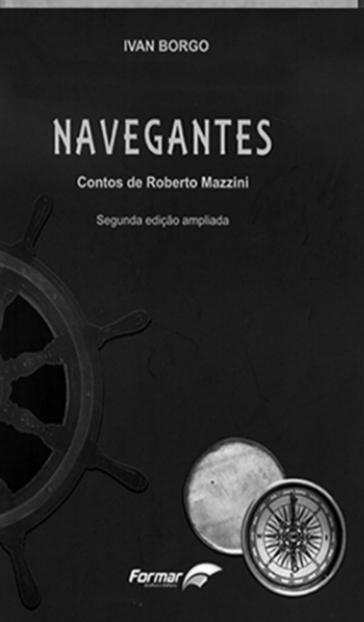
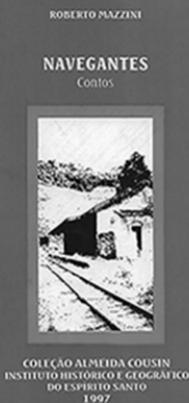
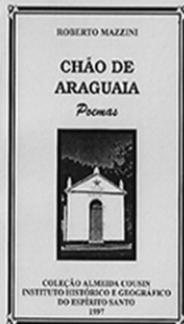
Em 6 de agosto falece Ivan Anacleto Lorenzoni Borgo, assistido por sua família, sendo sepultado no dia seguinte no Cemitério Jardim da Paz em Laranjeiras, Serra, ES.



Ivan Borgo (de pé, de uniforme), sua mãe Margarida Martina Lorenzoni Borgo, o irmão Ivantir Borgo e a irmã Ivanyr Borgo.



Da esquerda para a direita: Anacleto Corassa Borgo (pai), Ivantir Antonio Borgo (irmão), Ivanyr Anna Lorenzoni Borgo (irmã), Margarida Martina Lorenzoni Borgo (mãe) e Ivan Anacleto Lorenzoni Borgo.



História do
Pensamento
Econômico

Aspectos metodológicos

Cadernos de História n.º 55

2ª Edição

HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO
— ASPECTOS METODOLÓGICOS —

Ivan Anacleto Lorenzoni Borgo
Professor do Departamento de História da
Universidade Federal do Espírito Santo

Notícia Biográfica

Apontamentos para uma futura biografia de Ivan Borgo

Num velho papel de caderno que a filha Inês Borgo me mostra, lê-se, sob o rótulo *Ingenuidades* escrito à margem, o esboço manuscrito de *Autorretrato de Ivan Lorenzoni Borgo*, que começa assim: “Tenho uma ideia fixa que me acompanha há anos e que talvez no futuro se transforme em obsessão. Sonho constantemente com a aldeiazinha italiana em que nasceram meus avós, no meu quadro mental vejo as casinhas caiadas de branco que deixam escapar um fiozinho de fumaça branca. Conheço com nitidez extraordinária a dona da padaria do lugarejo, uma matrona gorda com avental alvinho como leite. Tenho uma vontade louca de conhecer esse lugar lá na beira do Adriático na bela Província de Venécia.”

Esta amostra de texto antigo de Ivan Borgo deixa bem claro como ele se ligava a seu passado, como o cultuava em seus escritos e como seus escritos se confundiam com sua própria vida.

Ivan Anacleto Lorenzoni Borgo nasceu em 21 de fevereiro de 1929 em Castelo, município localizado no sul do Espírito Santo, por pouco não nascendo cachoeirense, já que Castelo havia se emancipado um ano antes. Seus pais são Anacleto Corassa Borgo e Margarida Martina Lorenzoni Borgo. “Castelo e o rio. Um rio que passa nos fundos da casa e é respeitado como coisa poderosa. Nas cheias, ele chega até perto da porta da cozinha e lambe as pedras da calçada como num desafio.”, escreve ele acerca desse lugar original em “Castelo”, crônica publicada no livro *Novas crônicas de Roberto Mazzini*.

Os Borgos, chegados ao Brasil em 1888 a bordo do vapor Solferino, se fixaram, já nos primeiros dias de 1889, em Santo Antonio, distrito de Araguaia, onde adquiriram os lotes de nº 716 e 712 da ex-colônia Castelo. Os avós paternos de Ivan Borgo são Eugênio Borgo e Carlota Corassa Borgo. Seus avós maternos são João Lorenzoni e Anna Gagno Lorenzoni.

Ivan Borgo fez os estudos primários no Grupo Escolar Theophilo Paulino, em Campinho/Domingos Martins. Radicando-se em Vitória com a família partir da década de 1940, concluiu os

estudos secundários no Colégio Estadual do Espírito Santo, formando-se finalmente em Direito pela Faculdade de Direito do Espírito Santo.

Em 1951, então com 22 anos de idade, por meio de concurso público, ingressou no Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários – IAPI. Renato Pacheco pinta um retrato dessa época na apresentação do livro de Ivan Borgo *Novas crônicas de Roberto Mazzini*: “Mais tarde, em 1949, fizemos concurso juntos para o antigo IAPI, porta larga por que entravam para o serviço público civil os rapazes pobres, sem pistolão; os interesses literários fortaleceram a amizade, que se consolidou quando ambos passamos a frequentar a roda do Paulo Vellozo, um dos autores de *Cantáridas*, e meu concunhado.” Por essa época o amante de literatura já tinha o conto *Noite de Natal* premiado em concurso literário do jornal *A Gazeta*.

Tendo se iniciado por essa época, Ivan Borgo desenvolveu intensa atividade literária, assunto de que tratarei no texto que se segue, “Notas sobre esta seleção de textos”.

No IAPI Ivan Borgo trabalhou com Berredo de Menezes, Aly Silva (o amigo tantas vezes referido por ele) e Hegner Araújo. Na Universidade Federal do Espírito Santo, onde foi professor por vinte e oito anos, aproximou-se de Paulo Vellozo, Néelson Abel de Almeida, Milton Teixeira Garcia, Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa, Renato Pacheco e Luiz Guilherme Santos Neves, entre outros.

Após passar no concurso de fiscal da Previdência, em 1956, Ivan Borgo encontrou as condições ideais para se casar com Gleomar Espíndula Borgo, com quem teve os filhos Elza, Eugênio, Inês e Giovanna.

Tornou-se professor titular da Universidade Federal do Espírito Santo. Foi chefe do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Econômicas, membro da Comissão de Coordenação e Treinamento de Pessoal de Magistério e da comissão de criação do curso de Serviço Social da UFES, do Conselho Editorial da Fundação Ceciliano Abel de Almeida e do Conselho Estadual de Educação do Espírito Santo.

Entre 8 de janeiro e 8 de junho de 1963 fez especialização em Economia, com “excelente aproveitamento”, em programa para professores dos cursos de Economia das Universidades Brasileiras, realizado pelo Conselho Nacional de Economia em convênio com a Diretoria de Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura (MED), no Rio de Janeiro.

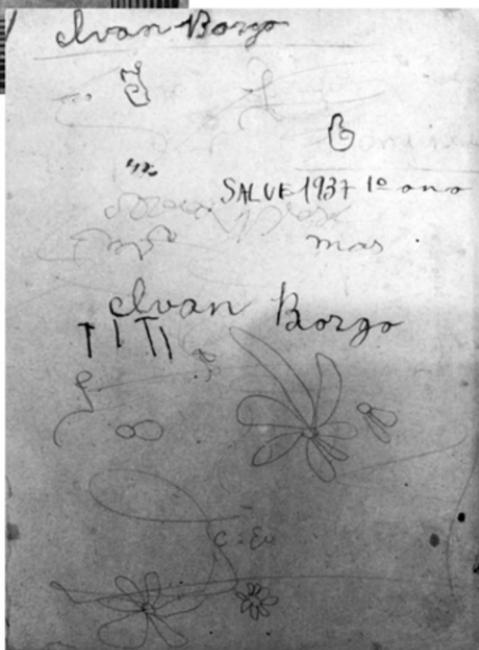
Em novembro de 1969 Ivan Borgo torna-se o diretor regional do SENAI. Como diretor do SENAI fez construir e funcionar centros de formação profissional em Vitória, Cachoeiro de Itapemirim, Linhares, Serra e Colatina, colocou onze unidades móveis de formação profissional percorrendo o interior do estado, montadas em carretas, num projeto em convênio com o Banco Mundial (BID), e um Centro de Instrumentação Industrial, em Vitória, em convênio com o governo do Japão.

No início da década de 1990, já desligado da Universidade Federal do Espírito Santo e do Serviço Nacional da Indústria, pôde Ivan Borgo dar largas à vocação de toda a vida, a literatura, consolidando-se como um dos mais importantes escritores do Espírito Santo.

Depois de enfrentar uma batalha contra uma doença sem jamais perder a esperança ou lançar mão de qualquer recurso do desespero, faleceu na madrugada do dia 6 de agosto de 2017.

Quanto ao mais dos sucessos e insucessos de Ivan Borgo, não estarão porventura inscritos no livro da vida?

Pedro J. Nunes



Por onde andava Ivan Borgo aos oito anos de idade.

Estudo Crítico

Notas sobre esta seleção de textos

Ivan Borgo não apreciava falar de si, sentia-se mesmo bem pouco à vontade quando o assunto era ele. Se alguma vez se revelava, e não era muito, não era sem certo constrangimento. Ainda quando traísse algum decoro autobiográfico ele estacava de repente, como se desse com um princípio de modéstia e discrição traçado para a sua vida, substituindo a fala por um sorriso agradável, franco e largo, mas reticente. Esse sorriso vinha seguido de gestos infalíveis: uma das mãos segurava a testa, tapando o olho, em seguida as duas davam um tapa nas coxas, a troca de assunto vinha fatalmente anunciada pelo dedo indicador na altura do rosto apontando para um lugar indistinto junto com a expressão “mas, então...”. A partir daí não lhe arrancávamos mais nada. Ainda que o enredássemos em algumas armadilhas ditas literárias, verdadeiras arapucas disfarçadas por rótulos tais que *Conversa com o autor*, *Debate-papo com o escritor* e coisas desse gênero, era certo dar com os burros n’água, encontrando o indelével e extraordinário sorriso evasivo de Ivan antecipando que dali pouca coisa sairia a respeito de si mesmo.

Uma prova do que estou falando é o curto parágrafo de seu discurso de posse para a Academia Espírito-santense de Letras em que, referindo-se à sua atividade literária, escreve o seguinte:

Em 1992, através de convite do Reinaldo Santos Neves que juntamente com João Carlos Simonetti dirigiam a revista “Você”, da Universidade Federal do Espírito Santo, passei a colaborador fixo da revista até 1994. Posteriormente, editado pelo Instituto Histórico, publiquei um livro de contos. Participei, também, junto com Renato Pacheco e Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa do livro “Norte do Espírito Santo – ciclo madeireiro e povoamento”, publicado em 1996.¹

Nisso se resume seu mérito literário no aludido discurso de posse.

1 Discurso de posse do Acadêmico Ivan Anacleto Lorenzoni Borgo na Academia Espírito-santense de Letras. Arquivo AEL, pasta Ivan Borgo. Para esta citação e a próxima.

De sua vida privada e de sua família, nesse mesmo discurso de cinco laudas, reserva ele para a posteridade o seguinte:

Claro, a cumplicidade de minha mulher Glemar que me deu quatro filhos, Elza, Eugênio, Inês e Giovana, foi de extrema importância nessa trajetória pela vida em que tentamos conciliar o feijão e o sonho.

Felizmente, seguindo o precedente do escritor – aliás tão apreciado e tantas vezes citado por Ivan Borgo – William Somerset Maugham, para quem “Tão mescladas se acham em minha obra a realidade e a ficção, que agora, olhando para trás, dificilmente posso distinguir uma da outra.”² reconhecemos nos livros do escritor capixaba um homem tão eloquente acerca de si mesmo quanto no extremo encontramos aquele que, no convívio com os amigos, tão pouco fala de si. Quase podemos ouvir o nosso Ivan, na voz do apreciado escritor inglês, falar-nos ainda: “Também era detido pelo fastio de externar meus pensamentos a respeito de minha própria pessoa. Pois embora muito haja escrito nesse sentido, tenho-o feito como um novelista e de modo a observar a mim mesmo como um personagem dentro da história. O longo hábito me tornou mais cômodo falar por intermédio das criaturas de minha invenção. Posso decidir o que elas pensam mais prontamente do que as coisas que penso por mim mesmo.”

Nunca entrei na roda dos que isentam o escritor daquilo que escreve, achando mesmo nisso um assunto muito elevado para que um ingênuo incurável como eu, que debita no rol da vida tudo que foi escrito por todos os homens e mulheres deste planeta, pudesse discutir ou elucidar. De modo que me é muito cômodo e cai muito bem em meus propósitos acreditar que podemos encontrar nos escritos que o escritor Ivan Borgo deixou publicados em jornais, revistas, mídias sociais e livros o homem Ivan Borgo.

Renato Pacheco talvez tivesse a mesma crença. Em “*Grazie, Mazzini...*”, texto com que apresenta o livro *Crônicas de Roberto Mazzini*, afirma: “Borgo/Mazzini, o homem e a obra, aparecem de corpo inteiro em seus textos...”

A confissão de Ivan Borgo na abertura da crônica “Araguaia: memória e sentimento”, que integra o livro apresentado por Renato Pacheco, não deixa dúvidas: “Sempre quis escrever sobre Araguaia

2 MAUGHAM, W. Somerset. *Confissões*. São Paulo : Globo, 2006. Para esta citação e a seguinte.

mas ou não tive disposição ou me faltou coragem. Porque não é fácil falar das coisas que se amam. Araguaia é um mundo inteiro que trago guardado no coração, com um significado difícil, muito difícil, de ser explicado com nitidez.”

Talvez essa dificuldade em falar das coisas que ama, do universo seu e de sua gente, resolva a suspeita de que, por excesso de modéstia e discrição, o escritor tenha preferido adotar pseudônimos. O mais notório deles, aquele com que assinou diversas publicações, colunas em revistas e até livros, foi Roberto Mazzini. Segundo Miguel Depes Tallon esse pseudônimo tem data de nascimento. No discurso de recepção a Ivan Borgo como ocupante da cadeira 13 da Academia Espírito-santense de Letras, revela Miguel: “Renato Pacheco aponta 27 de novembro de 1955 como a data de nascimento de Roberto Mazzini, pseudônimo que Ivan Borgo escolheu para assinar seus contos e suas crônicas mais conhecidos.”

Curioso é que, um mês antes, ou seja, outubro de 1955 a revista *A cigarra* traz o resultado de seu “Concurso Permanente de Contos”, revelando o seguinte:

MONTANHÊS (Vitória, ES) – Foi classificado o seu conto “Epitácio”. Aguarde publicação.³

À margem da revista, descoberta nos guardados bibliográficos de Ivan Borgo, uma anotação do próprio, em que se lê: “Pseudônimo de Ivan Lorenzoni Borgo. Vitória, 26/9/55.”

É sabido que Ivan Borgo publicou contos e crônicas nos jornais *A Gazeta* e *Jornal do Brasil* bem como nas revistas *A Cigarra*, *Para Todos* e *Essa*, e também em antologias, como os *Escritos de Vitória* e *Mulheres: diversa caligrafia*⁴. Em entrevista à revista *Você*, com relação ao surgimento de alguns pseudônimos nas publicações, Reinaldo Santos Neves revela: “Quanto à mania de pseudônimos, ela nasceu da herança do Ivan, que já assinava como Roberto Mazzini. Suas crônicas já tinham frequentado outras publicações sob este pseudônimo.”⁵

3 A CIGARRA. Rio de Janeiro : O Cruzeiro. Ano XXXVI, n. 10, out. 1955.

4 Pelo menos em duas antologias publicadas respectivamente em 2013 e 2015, *Adeus Itália: imigração europeia ao Espírito Santo* (Org. Kamila Brumatti Bergamini) e *Na livraria: diversa caligrafia* (Org. Pedro J. Nunes e Caco Appel), ele assina seus textos como Ivan Borgo.

5 VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES. Ano IV, n. 36, dez. 1995/jan. 1996.

Então, chegada a hora da revista *Você*, esta extraordinária e longeva revista de cultura publicada pela Universidade Federal do Espírito Santo, é chegada a hora de falar de Roberto Mazzini como cronista fixo, de obrigação mensal, escritor profissional – porque, se não me falha a memória, os colaboradores de *Você* eram remunerados na forma de um crédito para trocar por livros na livraria A Edição. Recorro novamente a Reinaldo Santos Neves, um dos editores, para rememorar a notória chegada do cronista à revista *Você*:

Até que chega o belo dia em que, aposentado, Roberto Mazzini pôde ser, para usar o termo de Gilbert Chaudanne, que tão bem lhe soube aos ouvidos, imperador de si mesmo. Estava livre do terno-e-gravata e, com isso, das aporrinhações de executivo e das responsabilidades assumidas pelos e para os outros. E, dentre as primeiras medidas da nova ordem, Mazzini decretou, imperativo, a si próprio: Volte a escrever. E nós, que ficamos sabendo da boa nova antes de outros aventureiros, trouxemos Mazzini para nossa canoa. Assim, isto *Você* fez: revelou ao Espírito Santo o cronista incógnito que brotava entre nós, temporão.⁶

Minha dívida com Reinaldo fica quase impagável quando tomo ainda de seu artigo “Roberto Mazzini não mora mais aqui”, a comprovação da valiosa contribuição de Ivan Borgo para a revista *Você*, quando diz que “Mazzini colaborou conosco, ali, na batata, mês a mês, desde o primeiríssimo número. É um dos sócios fundadores da revista. Nunca falhou. Nunca negou fogo. Tornou-se, aliás, nosso cronista cativo. Uma de nossas pedras angulares, de nossas marcas registradas de qualidade. Um bônus, um brinde, um prato especial, especial para os leitores de *Você*. E naqueles verdes meses de noviciado, em que tentávamos levantar um crédito de confiança para a revista, Roberto Mazzini era nosso aval, nosso fiador. E mais que isso: a postos no vestíbulo da revista, Mazzini, anfitrião, se encarregava de receber os leitores e logo de os pôr bem à vontade. Tudo naquele estilo meio solene, meio irônico, com que sempre tratou seus leitores cativos.”

De fato, de junho de 1992 a maio de 1994, durante vinte e dois números da revista, Ivan Borgo, na pele de Roberto Mazzini, foi o fiel colaborador de Você. O tímido escritor que ao longo dos anos

6 VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES. Ano II, n. 23, jun. 1994. Para esta citação e a seguinte.

publicara seus escritos esparsamente, como já se viu ao longo desta prosa, agora ganhava coluna fixa. Em sua primeira colaboração, com três crônicas reunidas num só título, “Cartas de Veneza”⁷, Roberto Mazzini mostra a que veio, enquanto Ivan Borgo remonta à região da Itália berço de sua família paterna. No primeiro texto, “Veneza e Hemingway”, em que ironiza a virilidade exagerada de um de seus escritores favoritos, confessa: “Ouço vozes d’antanho. Vou me aproximando das águas que balançam na minha frente junto com as gôndolas flutuando num coquetel de luzes. Veneza, Venice, Venezia dos meus amores.”⁸ Em “Piazza San Marco” é ainda a saudade de outros tempos: “(...) o passeio calmo pelas vielas esconsas estava sendo uma espécie de compensação pelo dia anterior carregado de inimagináveis emoções quando encontrei alguns parentes do Vêneto. Parentes que não via há mais de cem anos. Você ali, diante de seu passado. As pessoas se olhando e procurando nos vincos dos rostos vestígios da longa caminhada pelo tempo. Ninguém sabendo exatamente o que dizer. O incomensurável azul do oceano Atlântico interpondo-se entre nós.” No terceiro texto, “O desafio da cidade”, o homem-família, ainda em Veneza, não deixa por menos: “Olho a água verde, de um verde cor de folha e, de súbito, soluciono um dos mistérios da infância longínqua: descubro afinal de onde vinha aquela tinta verde do tinteiro de cristal de meu avô.”

A recepção dos leitores foi calorosa, a reação dos editores, idem. Roberto Mazzini, publicado à página 30 do primeiro número, salta para as páginas iniciais no segundo número da revista e daí não arreda mais pé. Os editores de *Você* se apressam a firmar no editorial do número dois:

Roberto Mazzini permanece. Foi ele a grata surpresa do primeiro número, com suas úmidas crônicas venezianas; surpresa que veio aliada ao mistério do autor incógnito. Oculto atrás de seu pseudônimo, esse ex-professor da UFES exerce o mesmo fascínio que o Zorro, que o Sombra, que o Cavaleiro Negro. “Quem é Roberto Mazzini?” – foi a pergunta que mais tivemos de não responder, depois de lançada a revista. E não perdemos tempo em reservar para *Você* a exclu-

7 Estes textos não foram incluídos neste livro. Quem quiser lê-los, deve procurar o n. 01 da revista *Você* ou o livro *Crônicas de Roberto Mazzini*.

8 VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES. Ano I, n. 1, jun. 1992. Para esta citação e as seguintes.

sividade do cronista, antes que outro aventureiro nos passasse a perna.⁹

Quem acompanhou as primeiras publicações de Roberto Mazzini na revista Você poderia supor tratar-se ele de um cronista de viagem. De fato, Veneza, Londres, Madri, Roma, esses são os ambientes de suas primeiras publicações, exceto por um sensível texto sobre visitas a sebos em alguns lugares deste mundo. “No interior da caverna erudita”¹⁰, publicado no número três, deve ser lido com reverência por qualquer amante de livros. “Um sebo tem suas castas, suas hierarquias”, começa ele, para logo chegar a uma de suas obsessões: “Foi assim aliás que recuperei uma fatia de um tempo saudoso ao comprar por preço de banana uma coleção completa de Eça de Queiroz, na antiga edição da Lello, do Porto.” Ivan Borgo tinha verdadeiro orgulho dessa coleção. Eça de Queiroz, se não era seu escritor favorito, figurava seguramente entre os seus prediletos. Frequentemente, em nossas conversas, falava do autor e de sua famosa coleção. Os amigos também gostavam de afagá-lo elogiando-a e demonstrando, ou não, fingida, mas saudável, inveja. Quanto a mim, bem posso me lembrar do orgulho com que me mostrou esses livros dispostos em sua estante quando me convidou para uma visita a sua biblioteca, que ficava num anexo construído no quintal de sua casa, além do passeio sombreado por um vistoso pé de carambola. Mas voltemos. O grande objeto desta crônica de Roberto Mazzini é a coragem que tinha Ivan Borgo de se arriscar a ponto de adquirir um título desconhecido – *Sangue e volúpia* – de uma escritora – Vicki Baum¹¹ – de quem “todos os de minha geração ligados em livro ouviram falar (...), ainda que duvide que muitos a tenham lido” só porque tinha ela o mesmo nome de uma “prima que mora em São Paulo e gosta de comer banana-split no recém-inaugurado *snack-bar* da esquina.” Ivan Borgo nunca abriu o livro comprado em homenagem à prima Vicki. Está lá na crônica. Mas é certo que nunca tenha se livrado da sedução que essa autora tinha sobre ele: “Vicki Baum está aqui na minha estante na acolhe-

9 VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES. Ano I, n. 2, jul. 1992.

10 VOCÊ. Vitória : SPDC. Ano I, n. 3, set. 1992. Desta crônica, que figura entre as escolhidas para esta coletânea, são os textos citados.

11 Escritora austríaca de grande sucesso, autora do *best-seller Grande Hotel*. É natural que leitores mais exigentes torcessem o nariz para ela. *Best-sellers* costumam ser incômodos. Por isso a coragem da confissão de Ivan Borgo.

dora companhia de livros queridos. Tenho planos de, dia desses, levá-la para a praia a fim de saber, embora tardiamente, que mistérios são esses envoltos em sangue e volúpia na ilha de Bali.”

Este é o texto que abre para este volume a seleta dos vinte e dois textos que publicou na revista *Você*. Não por acaso aquele que fala de uma de suas maiores paixões: o livro. Ou de outra delas: as lembranças. Neste andamento, o próximo texto selecionado é “Esperanças e propostas”, publicadas no número sete da revista, com as aventuras e desventuras do cronista diante de outro de seus assuntos favoritos, a cozinha. Não que Ivan Borgo cozinhasse, nunca se soube, mas se sabia bom de garfo e de copo. O texto é queixoso: “No bojo de uma dieta calvinista, sonho com minestras, minestrões e queijos. Com vinho também.”¹² Mas contém um delicado e melancólico bom-humor: “Frutos do mar, carnes, gorduras, linguiça de porco, adeus. Queridas pizzas, *arrivederci*. Bom dia simpáticos repolhos, salve trigueiras berinjelas, venha um abraço, esvoaçantes alfaces.” A crônica prossegue, cheia de cheiros da comida e do tempo, mas após falar da laranja na infância e de absolver a feijoada, já é hora de concluí-la, pois “é uma pequena tortura pensar em todas essas comidas e ficar maquinando ideias vãs deitado aqui na cama diante de meu zerificado almoço.”

Noutro dos textos selecionados, Ivan Borgo, sempre na pele de Roberto Mazzini, registre-se sempre, retoma duas de suas grandes paixões: Eça e a viagem. Em “Um mundo Eça/Vitoriense” ele se deixa levar pela fantasia: “Lisboa para mim é Eça de Queiroz tão completamente que ao desembarcar em Sacavém me vejo de *pince-nez*, nariz adunco e olhar irônico.”¹³ Nesta crônica o autor está em dois mundos, confundindo-se como num delírio de saudade a cidade de Lisboa com a cidade de Vitória, que escolheu para morar: “Inventam/dizem insones e excêntricos notívagos que em horas mortas, de preferência em plenilúnio de maio, é possível ouvir na Cidade Alta o tilintar de taças de cristal, duetos de madrigais quinhentistas e vozerio de festa (...) Diz-se ainda que é possível ouvir lembranças saudosas dos tempos do Reino, lembranças de lugares como Alemquer, Olivais, Covão da Carvalha, Vale de Ceta, Vale de Ventos, Moita de Poços...”

12 VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES. Ano I, n. 7, jan. 1993. Para esta citação e as seguintes.

13 VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES, ano II, n. 15, set. 1993. Para esta citação e a seguinte.

Em “Um olhar”, “Distâncias” e “A prima Rita”, publicadas em *Você* número 10, 11 e 21, respectivamente, é a montanha, o lugar primordial, o lugar da infância e do retorno à infância, essa recorrente fonte dos contos e das crônicas de Ivan Borgo. Ora aqui as ternas lembranças da avó (“Um olhar”): “O olhar da minha nonna quando eu tinha cinco ou seis anos é um velho tesouro que guardo comigo. Seria bem mais pobre se não pudesse contar com o estoque de ternura que essa avozinha italiana depositou em minha sensibilidade.”¹⁴ Ora ali o lugar primitivo (“Distâncias”), “Antes eram apenas aquelas manchinhas no mapa do Espírito Santo. (Ou nem isso.)”¹⁵, e a impiedade do tempo: “Mas com a estrada nova é diferente. Agora tudo mudou, é muito mais rápido. Os mais jovens sabiam que eu e meu pai estávamos vindo de lá e pediram nosso testemunho. Perguntaram se não era verdade o que diziam. ‘Sim, é verdade’ – confirmamos. Os mais velhos estendiam os olhos para o alto e então percebiam que o seu tempo já havia passado.” Acolá, a saudade da prima amada que morre (“A prima Rita”): “O caminhão dourado, levando o corpo de Rita pela estrada íngreme, drapejava fitas como se prima Rita fosse para uma festa.”¹⁶ E a fé: “As crianças, acompanhando-a naquele passeio pela manhã invernal rumo ao campo santo de Santa Isabel, levavam uma secreta alegria no coração. Porque sabiam que ela passeava pela corte dos sonhos, conforme as histórias que inventava e, por isso, todo aquele cortejo era apenas um acompanhamento para sua coroação no baile das ninfas de cristal.”

A seleção da célebre contribuição de Ivan Borgo para a revista *Você* constante neste volume se encerra com a crônica de uma viagem feita a Santa Leopoldina com Miguel Depes Tallon e Luiz Guilherme Santos Neves, “De uma viagem ao interior do Estado”, que saiu no nº 42 da revista. Publicação temporã, ocupou a coluna “Escrivão da Frota”, criada e mantida por Luiz Guilherme Santos Neves e que vinha publicando textos de outros autores.

A Secretaria de Produção e Difusão Cultural da UFES, responsável pela edição da revista *Você*, criou, também no início dos anos 1990, a Coleção Cultura – UFES, publicando vários livros que

14 VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES, ano I, n. 10, abr. 1993.

15 VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES, ano I, n. 11, mai. 1993. Para esta citação e a seguinte.

16 VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES. Ano II, n. 21, abr. 1994. Para esta citação e a seguinte.

deram voz a novos autores e consolidaram alguns nomes já conhecidos do leitor capixaba.

Embora a algumas pessoas pareça anacronismo reunir crônicas e publicá-las em livro, Pedro Nava justificava esse tipo de publicação:

É lamentável o esquecimento e o silêncio que caem sobre os cronistas se eles não têm o cuidado de pôr no livro que sobrenada e eterniza o artigo passageiro do jornal que nasce de manhã e que afunda e morre de noite. É por isso que a cada livro que vejo aparecer com as crônicas de Drummond, de uma Rachel, de Fernando Sabino, Henrique Pongetti, Clarice Lispector, Rubem Braga e Paulo Mendes Campos tenho a impressão de deparar, vagando, uma salvadora Arca de Noé.¹⁷

Assim é que, antes tarde do que nunca, veio a público o volume *Crônicas de Roberto Mazzini*, integrando a Coleção Cultura – UFES, publicando integralmente os textos que saíram em vinte e dois números da revista, aliando a estes mais treze inéditos em livro. Creio que Renato Pacheco dirá melhor que eu sobre esse volume:

Vejo esses textos nas matérias de memória, na evocação de confluências a que todos nós, humanos, estamos sujeitos.

Vejo-os, *globe-trotters*, com suas recordações ecumênicas, principalmente cidadinas, em Veneza, Roma, Florença, Pádua, Londres, Nova Iorque, Lisboa, Madrid e Tóquio.

Porém, vejo-os, sobretudo em suas raízes ítalo-capixabas, dentro daquele complexo rural-urbano que Geert Banck batizou de estratégias de sobrevivência, ou “caçar com gato”, em suas puríssimas lembranças serranas e marítimas, das serras azuis de Campinho às aragens marinhas de Vitória.

Um longo caminho, desde o menino de Arauaia até as essências estéticas finíssimas de Roberto Mazzini, daquelas que só se encontram nas autênticas obras-primas.¹⁸

17 NAVA, Pedro. *Balão cativo*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira. 1986.

18 “Grazie, Mazzini...” Texto com que Renato Pacheco prefacia o volume *Crônicas de Roberto Mazzini*.

Das treze crônicas inéditas publicadas nesse livro três foram selecionadas para este volume. Duas encontram o cronista ainda adolescente, ora perambulando pelas montanhas durante as férias, ora vivendo em Vitória o complicado e perigoso período em que ocorreu a Segunda Guerra Mundial, a terceira vai revelar um senhor emocionado diante das recordações da terra que nunca saiu de dentro dele, “na região de Araguaia, minha montanha, perdida na chuva, acendendo uma grande saudade ancestral.”¹⁹

“O infante e o silêncio do Dr. Gomes”, posto esteja inserido num livro de crônicas, pode ser lido como um conto sobre os dramáticos desencontros do amor. O infante perambulava, de férias, pela localidade de Verdemiglio – lugar que aparentemente só faz parte da ambiência imaginária de Roberto Mazzini, já que não o encontrei em nenhum mapa do Espírito Santo –, onde um médico perdera uma paciente após lutar contra a morte dela por três dias. Velho amigo da família do cronista, o abalado Dr. Gomes havia alugado um carro a Venâncio para retornar a Campos Verdes. Sabendo disso, e desejoso de também retornar para o mesmo lugar, o cronista vai procurá-lo para conseguir uma carona. Respondendo um lacônico “claro”, o Dr. Gomes o aceita a bordo, oferecendo a ele não apenas uma condução, mas a contemplação de um dos mais dramáticos sofrimentos de amor que já se viu em literatura vivida por um homem diante de uma casa fechada em Melgaço, lugarejo entre Verdemiglio e Campos Verdes.

“Araguaia é sobretudo meu pai, esse homem medieval que foi um universo de valores sitiado por um mundo demasiadamente distinto de onde eles provieram, e que se destaca no horizonte de minha memória como a prova mais-eloquente de que o homem é um ser viável”, principia o cronista no longo texto de “Araguaia: memória e sentimento”.²⁰ O cronista se desculpa: “Tenho medo de falar de Araguaia pela certeza de não poder dizer nem uma fração mísera do que deveria ser dito. Mas agora prossigo.” As cenas desfilam na beleza da prosa do cronista, ora dando conta da história de seus antepassados, “italianos do Vêneto que desembarcaram no porto de Anchieta, foram subindo o rio, de canoa, até Alfredo Chaves e depois prosseguiram a pé até uma pequena chapada inóspita onde construíram o povoado”, ora a lembrança de cenas noturnas,

19 BORGIO, Ivan. *Chão de Araguaia: excertos*. Vitória : Formar, 2013.

20 BORGIO, Ivan. *Crônicas de Roberto Mazzini*. Vitória : SPDC/UFES, 1995. (Coleção Cultura UFES 34) Para esta citação e as seguintes.

aqui a lembrança de uma viagem ao lado do pai pela BR 262, ali a cena de um homem rachando lenha no terreiro em frente da casa pobre, Araguaia vai sendo tecida na beleza da linguagem desta crônica de memória.

Finalmente, em “Crônica de guerra”, outra vez um longo texto memorialístico sobre a adolescência do cronista, uma fila diante do Teatro Glória, o filme é *A dama das camélias*, com Greta Garbo, de 1936 (quanto tempo levava, naquela época, para que um filme chegasse a Vitória?). O fato é que estamos no período da Segunda Guerra Mundial, quando ela terminou o menino Ivan havia acabado de fazer dezesseis anos. Os “americanos, aqueles que estavam lá brigando e que traziam muito dinheiro no bolso”, andando pelas ruas de Vitória, tomando os melhores lugares, alugando as melhores casas, os submarinos que ancoravam na Praia do Canto para se abastecer, os ensaios para o *black-out*, a perseguição aos alemães, “em que Mr. Shell pensava?”. Estas e outras são as cenas do texto que fecha a seleção que se fez de *Crônicas de Roberto Mazzini* para este volume.

“A Coleção Gráfica Espírito Santo de Crônicas, inaugurada em 2001, destina-se a publicar livros de cronistas capixabas ou radicados no Espírito Santo, diversificados em três categorias: crônicas de ontem, de hoje e de amanhã, ou seja, clássicos, militantes e iniciantes.” É o que se lê na última capa do volume *Novas crônicas de Roberto Mazzini*. Onde se lê ainda mais: “Neste seu quinto volume, a Coleção Gráfica Espírito Santo de Crônicas apresenta um novo livro de Ivan Borgo, que é, dentre os cronistas militantes do Espírito Santo, um daqueles a quem se pode com justiça conferir também o grau de clássico.”

De fato, quando da reunião dos textos para este livro, o autor já podia mesmo ser considerado um *militante*, já que havia publicado não só um volume de crônicas, como um livro de contos, outro de memórias do futebol de Vitória e um estudo sobre o pensamento econômico, além de ter roubado a cena na revista *Você*. Em nota do autor, ele nos dá notícias dos caminhos por onde andaram os textos desse novo livro. Ei-la:

Dentre as crônicas de compõem este volume, “De uma visita ao interior do Estado” foi publicada no n. 42 da revista *Você*, editada pela UFES; “Do Douro, naturalmente”, “De batráquios” e “Na tarde de ontem” foram publicadas na *Revista da Academia Espírito-san-*

tense de Letras, edições dos anos 2000, 2001 e 2002; “Fumaças do Trianon”, “Carregadores de madeira”, “Nos domínios do Jucu”, “Gilda”, “Citações, chuva e frio” e “Fichas de arquivo” foram publicadas na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*, ns. 51 e 52; “Descobertas”, “À margem”, “Filme sueco”, “Uruguai”, “Dueto em surdina”, “Castelo”, “Ainda bem”, “No vazio da onda”, “Cinema e Cia.” e “Cadê Paris?” foram publicadas na seção “Canteiro de obras do site Estação Capixaba, da Cultural-ES, hospedado na Gazeta On Line.

As demais publicam-se aqui pela primeira vez.

O livro é composto de quarenta crônicas e pequenas anotações reunidas sobre o subtítulo “Fichas de arquivo”. Eu disse crônicas, mas alguns dos textos de Ivan Borgo neste livro, e mais neste que no anterior, assemelham-se a contos. O próprio autor tinha ressalvas quanto ao rótulo *crônicas* para seus textos. “Crônicas? Bem, eu não sei, eles é que sabem”, dizia ele a respeito, talvez, de seus textos e de seus leitores mais especializados. De fato, alguns textos de *Novas crônicas de Roberto Mazzini* não podem ser classificados como crônicas, mas, como isso é assunto para mais de metro, não quero nem propor a discussão disso aqui. Para este livro da coleção Roberto Almada, embora ainda se encontre em *Novas crônicas* alguma matéria dedicada à memória e à infância do cronista – o que é sem dúvida um dos assuntos recorrentes em sua obra –, selecionei textos que o situassem como um homem hodierno, fixado no lugar em que vivia no tempo da escrita, além disso mais *urbi que orbi*, voltado para alguns temas de sua predileção no tempo presente.

O cronista começa a conversa falando dos prazeres de sua aldeia. Em “Cafés/Livraria”, um de seus textos inéditos, a conversa gira em tornos dos amigos – certamente cultivados a néctar –, do tabaco, do café e dos cafés, das livrarias e dos encontros, da boa conversa e do culto ao papo sobre livros. Em seguida, em “Filme sueco” e “Fumaças do Trianon”, o cronista discorre sobre duas de suas outras grandes paixões, quais sejam, o cinema e o Trianon (e, por favor, não confundam cinema com o Trianon, que para Ivan Borgo eram coisas distintas). Na primeira crônica alguma reflexão sobre Bergman, mas na tela um filme que, embora tenha sido anunciado como filme sueco não era, insídia suprema, de Berg-

man, mas de um tal Sven de Tal. Na segunda, a divertida e delicada narrativa do dia em que levou o pai e a mãe ao Trianon para assistir a um filme italiano.

“Do Douro, naturalmente”, dá vez ao humor de Ivan Borgo. Nos primeiros parágrafos um quadro feito de uma imagem longínqua no tempo e que há de borrar a alma daqueles que conheceram intimamente o cronista com as tintas escuras da saudade inconciliável.

O encontro foi muito bom: António Monteiro, Miguel Tallon e este que vos fala, num fim de tarde, digo, começamos de tarde mas ficamos até nove da noite naquele barzinho da Avenida República.

A moldura não poderia ser de melhor qualidade porque feita de chuva, frio e conversa boa.²¹

Mas, antes que nos esqueçamos, o assunto é Monteiro, “um intelectual português, portador já de algumas décadas de vida nas costas”, amigo dos comensais, que resolve contar a respeito de uma divertida pescaria feita em companhia de Brasiliense Tenório, amigo gaúcho também radicado no Espírito Santo.

O nível do humor continua alto em “Chiquinho, o nobre cachorro”. Somente quem conheceu Ivan Borgo, o homem, não o cronista, sabe do amor que tinha ele por animais e especialmente por cachorros. Chiquinho, um Goldenpulver von Grasper, com relação de antepassados na certidão de nascimento, esse era o cachorro considerado pelo cronista e sua família “um membro da família com suas quatro patas, um apêndice caudal característico e assim por diante.” Mas as coisas não seriam talvez bem assim. “O problema era outro. Para dizer com franqueza e deixando de lado qualquer coisa parecida com sentimento de humilhação, o que era preciso saber é se ele se considerava da família. Dúvida procedente, como se verá adiante.” Seja como for o resultado dessa questão, o fato é que esse cãozinho fez com que Ivan Borgo produzisse um texto pleno de ternura e bom-humor a respeito do melhor amigo do homem. Quem o conheceu sabe que não seria de outra forma em se tratando de cachorros.

A seleção se encerra com uma prosa sobre livros rejeitados em que Ivan Borgo revela, entre outras coisas, seu desconforto com

21 BORG, Ivan. *Novas crônicas de Roberto Mazzini*. Vitória : Gráfica Espírito Santo, 2003. (Coleção Gráfica Espírito Santo de Crônicas 5). Para esta citação e as seguintes.

Dostoiévski e sua paixão por Eça de Queiroz.

Em 1997 Ivan Borgo, assinando ainda Roberto Mazzini, publica a primeira edição de *Navegantes*, um pequeno volume de contos, reunindo onze histórias. Em 2011, *Navegantes*, saindo em segunda edição, vem com vinte e dois contos e uma trilogia, sendo a edição definitiva do livro. No prefácio deste livro escreve Luiz Guilherme Santos Neves: “Em conto, Mazzini mostra agora a sua competência, tirando de dentro da mochila o que em conto andou escrevendo ao longo de si mesmo. Muitas expressões e referências nessas narrativas reunidas confirmam o que eu digo, ou seja, que são produtos de época. Por isto usei a expressão ao longo de si mesmo com significado de percurso, de tempo somado a tempo, mas sobretudo de vivências e emoções depuradas em cálices de licor.”²²

Os contos de *Navegantes* mostram um contista maduro e parecer ter sido escritos ou reescritos ao mesmo tempo, com a força da linguagem de um grande escritor – coisa que definitivamente Ivan Borgo é –, nos dá uma angustiante sensação de que selecionar entre os contos apenas alguns para esta edição é cometer injustiça capital contra os que ficaram de fora. Resta-me o consolo de saber que o leitor poderá ser menos injusto que eu lendo o volume completo. Vale a pena, afirmo com reconhecimento de firma.

Estabeleci, não sei se o leitor percebeu – e se não percebeu vai perceber –, estabeleci para este livro escolher dentre os escritos de Ivan Borgo precisamente aqueles que “escreveu ao longo de si mesmo”, como diz Luiz Guilherme Santos Neves em seu prefácio, escritos que nos dão motivo a que encontremos neles um pouco do homem Ivan Borgo por meio de suas memórias ou da imaginação que suas memórias produziram.

É o que se verá.

Em dois desses contos há meninos de idades indistintas, e ninguém me convence de que não haja neles um tanto do infante Ivan Borgo lá na querida Araguaia, tanto do menino que ouviu, quanto do menino que viu ou viveu histórias. Na primeira delas, “Viagem”, uma ida a Cachoeiro da qual a tia desistiu é feita com o pai. Pelo caminho, Soturno, Engano e Guiomar, lugarejos pelos quais passava o trem da Leopoldina a caminho de Cachoeiro. Hospedados num hotel da cidade, o pai espera o momento de encontrar Arthur, um jovem com quem a tia que desistiu da viagem

22 Usei aqui o prefácio à primeira edição publicado em BORG, Ivan. *Navegantes: contos de Roberto Mazzini*. Vitória : Formar, 2011. Deste livro também são as citações seguintes.

rompeu, incumbindo ao pai procurar o antigo pretendente e lhe oferecer alguma satisfação. Na segunda dessas histórias, “No alto da casa”, um menino curioso encontra uma misteriosa fotografia capaz de calar a alegria de um “tio cujo único defeito, achava, era o de ficar lendo o tempo todo.”

“O olhar oblíquo e derrapante nas tentativas de conversar com ela. Mas isso foi até ontem. Ou melhor, continuava a mesma situação anterior porque agora, irremediavelmente agora, ele amargava uma nova derrota. A possibilidade escapando, o vazio. A pretensa estratégia infalível terminando daquela forma ridícula. Ontem à noite, antes de dormir, imaginava que o dia seguinte, a missa de domingo, seria decisivo para acabar com a sua angústia.” Assim se inicia o conto “Brinquedo desconhecido”, ponto alto do lirismo de Ivan Borgo com uns vernizes de Eça de Queiroz. O conto tem como personagens um rapaz e uma moça chamada Leda que, do alto de uma montanha em Melgaço, fazem uma descoberta extraordinária.

No último dos contos selecionados, “Nuvens”, Giuseppe, um senhor residente em Vitória, durante as festividades de Santo Antônio, na boa terra de Araguaia, “realizadas todos os anos desde o século dezenove por quem se instalou por ali e, depois, por seus descendentes” vindos “do norte da Itália por conta da crise política e econômica vivida pela Península” recebe de Genoveva, uma moça que havia se sentado “num murundu, longe do tumulto dos lances ruidosos do leilão”, uma revelação cheia de fé.

Em “Recordações do futebol de Vitória”, publicado em forma de um pequeno livro em 2001 como de Roberto Mazzini e reeditado em 2015 como de Ivan Borgo, com acréscimo de textos, muito mais que falar de futebol no Espírito Santo, o autor retrata a cidade de Vitória das décadas de 1950 e 1960. Em “Rio Branco”, um dos textos que selecionei para este livro, Ivan Borgo se apressa a esclarecer, “antes de tudo”, que não é “um conhecedor da história do nosso futebol – como um Grijó Neto – e estas notas têm sobretudo um nítido cunha impressionista”, colocando-se “na visão de um determinado espectador.”²³ Selecionei também para este livro a crônica “Aquele jogo da seleção capixaba”, em que ele adverte “que estas recordações coincidem com uma fase de grande crise no futebol capixaba.”

23 BORG, Ivan. *Recordações do futebol de Vitória: visões impressionistas do futebol e suas circunstâncias na Vitória dos anos 50/60*. Vitória : Cultural-ES, 2015. Para esta citação e a seguinte.

Encerram esta coletânea quatro textos publicados exclusivamente pelo site Tertúlia .: Livros e Autores do Espírito Santo (www.tertuliacapixaba.com.br). Ivan Borgo decidiu publicá-los lá em seu próprio nome, abandonando qualquer pseudônimo, mas duvidando de que se tratassem de crônicas, ou não desejando rotular ele próprio seus textos, sugeriu que a coluna tivesse o título de “Escritos da tarde”. Desse “da tarde” deu ele explicações ao editor do site, pedindo que nunca revelasse a ninguém seus motivos. Tenho razões para crer que o segredo de Ivan Borgo não será revelado.

Em três das crônicas publicadas no site Tertúlia, os temas recorrentes de Ivan Borgo: a região da montanha aonde chegaram seus antepassados, as recordações da escassez provocada pela Segunda Guerra Mundial e uma inesperada louvação à moqueca capixaba que traz um auto de fé de Ivan Borgo quando este escreve: “Apesar do meu lastro montanhês, devo dizer que me rendo ao mar, especialmente aos domingos, dia de moqueca. Ressalva: a rendição incondicional não aconteceu porque não existe borracha capaz de limpar a lembrança das neblinas esgarçadas e os verdes do país da infância.”²⁴

No quarto texto retirado do site Tertúlia, “A utilidade veste Prada”, a partir do motivo gerado pelo filme *O diabo veste Prada*, encontramos o mais literário dos tratados de economia sobre a apavorante formação do preço. O autor já o começa pedindo “desculpas pela aridez dos conceitos que presumo importantes e oportunos por focalizar o debate econômico de um ponto de vista seminal.”²⁵ Aqui, Ivan Borgo, após desfiar alguns princípios de economia, manifesta desgosto pelo fato de que haja “alguém disposto a pagar os milhares de dólares por um pedaço de pano confeccionado por alguém a quem chamam de gênio”, criando com isso uma “utilidade artificial”. E vai além: “Quando há na sociedade alguém que pague esses preços exorbitantes existem indícios de que os extremos de riqueza não foram limitados”.

Curioso que Ivan Borgo adiou por meses a publicação desse texto em Tertúlia, dizendo não ter certeza tanto se havia conseguido o formato que queria, ou seja, se a forma como escrevera o texto

24 “Os frutos dourados do mar”, em http://tertuliacapixaba.com.br/coluna_escritos_da_tarde/11_os_frutos_dourados_do_mar.html. Em 17/9/19.

25 “A utilidade veste Prada”, em http://tertuliacapixaba.com.br/coluna_escritos_da_tarde/04_a_utilidade_veste_prada.html. Em 18/9/19. Para esta citação e as seguintes.

seria suficiente para transmitir a mensagem que desejava, quanto se, escrito daquela forma, tivesse uniformidade com os demais textos que ele publicara e pretendia ainda publicar no site.²⁶ Pessoalmente, fico gato a ele por haver se decidido a publicar “A utilidade veste Prada”, um de seus textos que mais aprecio e que ainda me surpreende pela clareza e pela crítica com que expõe a arbitrária formação do preço de alguns produtos que, no meu humilde entendimento, não parecem ter o valor que têm.

Estas notas não foram escritas por um crítico ou teórico literário e não há aqui nenhuma intenção nesse sentido. Quis mostrar ao leitor o que o espera nas páginas que se seguem. Mas gostaria de revelar aqui algo do pensamento do próprio Ivan a respeito de seus escritos: ele ignorava solenemente a delimitação da teoria literária para o que fosse conto, o que fosse crônica. E se incomodava com isso. Aliás, esse foi um dos motivos pelos quais publicou seus últimos textos sobre o rótulo de *Escritos da tarde*, colocando-se, segundo ele mesmo, a salvo dos rótulos. Eu, ingênuo leitor, não entrarei nesse debate, creio que já disse. Mas faço uma aposta: alguns leitores mais argutos deste livro encontrarão facilmente *contos* entre as *crônicas* de Ivan. Para mim, mesmo reconhecendo os limites de minha competência, reconheço que dois dos *contos* selecionados em *Navegantes* são caracteristicamente idênticos a crônicas publicadas nos dois livros de crônicas dados a público pelo autor.

Concluindo, gostaria de declarar que duvido que alguém duvide de que o homem Ivan Borgo não esteja inteirinho nos escritos selecionados para este livro.

Pedro J. Nunes

26 O site Tertúlia .:. Livros e Autores do Espírito Santo publicou alguns dos últimos textos inéditos de Ivan Borgo e, a pedido deste, passou a publicar também os textos publicados em seus dois livros de crônicas.



Ivan Borgo e Pedro J. Nunes em 2012.

Antologia

REVISTA VOCÊ

No interior da caverna erudita

Um sebo tem suas castas, suas hierarquias. Por exemplo, ali está a Brasileira instalada numa bonita estante mostrando títulos de indiscutível importância: *O positivismo na República, Sincretismo religioso afro-brasileiro...* Assuntos sérios respaldados em severas pesquisas e resultado de fundas reflexões. Justo portanto que pontifiquem ali no pedestal, na estante de ar asséptico e superior, acima da livralhada, do populacho que chafurda por debaixo, espremido em grandes gôndolas de pintura descascada.

Bem, há o caso mais delicado e um tanto embaraçoso daquelas senhoras, as coleções, que ficam na porta do sebo se exibindo e servindo de chamariz. Suas capas, outrora belas, mostram nítidos estragos toscamente remendados aqui e ali com fita colante, esparadrapo, etc. Quase sempre, na parte inferior das coleções, como ponta de *peignoir* discretamente aberto revelando um pouquinho da perna e um certo ar de tentação, aparece a etiqueta preço.

Realmente às vezes valerá a pena ceder à ideia de que o importante é a beleza interior. Esqueça as aparências deterioradas e fixe-se nas possíveis maravilhas contidas no cerne dessas prometedoras coleções. Confesso que, quanto a mim, já fui seduzido pelo charme de algumas delas.

Foi assim aliás que recuperei uma fatia de um tempo saudoso ao comprar por preço de banana uma coleção completa de Eça de Queiroz, na antiga edição da Lello, do Porto.

Livros que se apresentavam numa irresistível percalina vermelha-maçã. Se você é atacado pelo vírus sabe como funciona. Durante grande parte de minha vida, já bem longa, fui consumidor de Eça, um de meus vícios mais persistentes. Mas, por mais que procurasse, jamais reencontrei aqueles livros da Lello onde li Eça pela primeira vez, na Biblioteca Pública.

Lembro-me que esses livros da adolescência longínqua carregavam um sutil e quase imperceptível aroma de naftalina que, para mim, sabia ao mais requintado Saint-Laurent.

Mas na hierarquia dos sebos há sempre o submundo espalhado pela periferia, nos cantos escuros onde, em encadernações semi-destruídas, agonizam livros que não têm a mais mínima esperança de um resgate salvador. Capas roídas, pedaços de páginas saindo pe-

los lados como grotescas hemorroidais livrescas, um espetáculo triste acentuado pela precária iluminação.

A pouca luz reflete talvez um sentimento de piedade oriunda do fato de não se querer mostrar em toda a crueza o drama dos rejeitados. Acredito até que para esses rebotalhos haveria menor tristeza se o local fosse iluminado por velas ou lamparinas, o que lhes daria a esperança de um incêndio, de uma eutanásia redentora.

Procurei entrar mais a fundo nesse escabroso recinto do lumpemproletariado (ao menos em aparência) dos livros. Não posso me esquecer do olhar súplice da *Etnografia dos povos da Mongólia Exterior* que saiu dos restos da capa de um grosso volume escuro de avantajadas proporções, quase em frangalhos. Há montes de livros empilhados no chão. Creio que estejam apenas aguardando o transporte para o depósito de papéis velhos.

Aí, de súbito, como se fosse um raio de sol caindo no meio daquele monturo, vejo um livrinho faceiro encadernado em couro e muito bem conservado. Um romance transpirando ingenuidade. Título: *Sangue e volúpia*. Autora: Vicki Baum. Jamais li Vicki Baum, mas seu nome tem ligações com algo que não consigo determinar muito bem mas que de qualquer forma sei que é uma coisa agradável.

Na verdade, todos os de minha geração ligados em livro ouviram falar da autora, ainda que duvide que muitos a tenham lido. Uma coisa me lembro. Vicki Baum fazia parte do elenco de *stars* que, durante a Guerra e no imediato pós, habitava as quietas noites da província d'antanho. Imaginava-a, por exemplo, em tertúlias inacessíveis com estrelas do naipe de Ingrid Bergman ou Marlene Dietrich, discutindo *scripts* de filmes também imaginários. A causa? Provavelmente o próprio nome da escritora. Vicki é nome de prima que mora em São Paulo e gosta de comer banana-split no recém-inaugurado *snack-bar* da esquina. Baum sugere enredos complicados e misteriosos. A junção desses dois vocábulos é um bom prato para elucubrações de adolescente cismador. Memórias vagas mas seguramente ternas.

Por isso, em homenagem ao passado, retirei a pobre mocinha Vicki Baum da infeliz companhia dos livros rejeitados. A edição é da José Olympio, série Fogos Cruzados. Procurei o ano da edição. Não consta. Claro, compreende-se. A mocinha está escondendo a idade. Ao chegar em casa, nova surpresa: o livro é confeccionado com a técnica antiga das páginas ligadas e, por isso, pude constatar que está intacto. Nunca foi aberto. É patético. Calculo que (Vicki Baum, não

me ouça) esse livro deve ter sido editado há mais de quarenta anos. Não vou ficar falando muito sobre isso. Seria indiscreto.

Há porém um fato sólido: Vicki Baum está aqui na minha estante na acolhedora companhia de livros queridos. Tenho planos de, dia desses, levá-la para a praia a fim de saber, embora tardiamente, que mistérios são esses envoltos em sangue e volúpia na ilha de Bali.

Esperanças e propostas

No bojo de uma dieta calvinista, sonho com minestras, minestrões e queijos. Com vinho também. No correr do dia vou me lembrando de comidas onde a característica principal é também a simplicidade.

Talvez a trama onírica imaginária decorra da secreta esperança de conseguir para tais comidas um atestado de inocência. Negociar com as impassíveis PPM e ML/DL dos exames clínicos um passaporte carimbado com notas de inocuidade e destino a um cardápio menos ascético.

Sei bem, fantasias de quem se aferra à lembrança de prazeres perdidos. Primeiro foi o cigarro. Agora comidas e bebidinhas. Água pode. Se aparece a dúvida? Certamente. Valerá a pena? Os argumentos porém são irrespondíveis. Um jogo sim/não onde o sim é a vida. Frutos do mar, carnes, gorduras, linguiça de porco, adeus. Queridas pizzas, *arrivederci*. Bom dia simpáticos repolhos, salve trigueiras berinjelas, venha um abraço, esvoaçantes alfaces.

Mas o conformismo não impede a busca da comida perdida à sombra desses dias de ócio forçado.

Aqui da cama posso até vislumbrar o anfiteatro do congresso médico onde serão discutidos novos aspectos da nutrição humana. Ali está o cientista de cabelos desgrenhados apresentando novas propostas revolucionárias. Dentre elas, a de que a polenta é muito boa para as coronárias. Há gráficos, transparências e tabelas estatísticas. Fato relevante: a polenta será ainda mais benéfica se acompanhada de leite e de uma colher de manteiga da colônia.

Absurdo? Quando criança, laranja era um veneno para quem estivesse resfriado. “Muito fria”, decretavam os doutos. Mais tarde entra em cena a vitamina C e a recomendação passou a ser a oposta: “Dê muito suco de limão e muita laranja para ele chupar” – dizia o esculápio para a mãe incrédula.

É verdade que agora já surge uma corrente que duvida de qualquer efeito da vitamina C em relação a infecções. Tais dados reforçam a ideia de que a proposta do cientista não é tão maluca assim. Demandaria verificação.

Para os que acreditam em cânones fisiológicos imutáveis, lembro Heráclito de Éfeso, pai da dialética materialista, dizendo que você não pode atravessar um rio duas vezes porque numa segunda vez nem você nem o rio serão os mesmos. Daí...

De minha parte torço para que a proposta seja vitoriosa, especialmente pela simplicidade franciscana da polenta. Não há prato mais humilde: fubá, água e sal. Frise-se que a sábia manipulação dessa tríade bendita é fundamental. Uma manipulação desastrada equipara a mistura a comida de pintinhos de quintal. A manipulação correta a coloca num patamar de iguaria rara.

Nem mesmo é necessário que a polenta seja cortada com lixa como fazia minha avó e manda a tradição. Pode cortar com faca mesmo. Experimente e estou certo que você vai olhar com desdém para Apício Célio por não ter incluído a polenta em sua *Arte Culinária*. Ao menos sob esta forma de absoluta simplicidade.

Animada pelo precedente aberto, açulada pela minha imaginação faminta, surge agora num canto do quarto, igualmente calçando as sandálias da humildade, ninguém menos que a feijoada. Absurdo dos absurdos?

Humildemente a feijoada pede meu testemunho e solicita meu parecer quanto à injustiça e generalizada opinião de que se trata de um prato pesado. Absolvida. Jamais me senti pesadão ao comer esse delicioso prato da melhor cozinha brasileira. A feijoada tem um excelente currículo na minha experiência pessoal e, por isso, é mais do que justo que tenha também sua chance nesse esperado mas infelizmente hipotético congresso médico renovador.

No futuro a comida poderia ser apenas uma substância sintética? Uma substância que contivesse todos os sabores das boas comidas do mundo? Da feijoada, passando pelo camarão da *nouvelle cuisine* e por toda a cozinha internacional até a moqueca capixaba, tudo resumido em pastilhas de valor calórico nulo?

Acho a ideia problemática. Em matéria de gosto unificado me lembro de certo jantar com um anfitrião italiano. A pequena *trattoria* era famosa por algumas especialidades de massa. Enquanto bebíamos vinho, no antepasto, o italiano fazia detalhadas considerações sobre o prato que nos sugeria experimentar: *tortellini*.

Chegada a sopa fumegante, um dos convivas, ao prová-la, talvez impulsionado pelo excelente vinho, disse as palavras fatais: “Para mim, toda essa comida italiana é sempre o mesmo macarrão.” O italiano, que acabou ouvindo tal parecer, lascou um olhar fulminante que passou por mim como um raio, por pura sorte desviou-se daquele conviva e ao bater na parede oposta não sei como não tirou um pedaço do reboco.

Pelo exemplo, vê-se que mesmo quanto a um simples macarrão genérico haveria dificuldades. Os nacionalistas exacerbados seriam obstáculos difíceis de transpor.

Ao fim e ao cabo, é uma pequena tortura pensar em todas essas comidas e ficar maquinando ideias vãs deitado aqui na cama diante de meu zerificado almoço.

Como consolo lembro outra vez de Heráclito de Éfeso que disse: “Se a felicidade estivesse nos prazeres do corpo, diríamos felizes os bois, quando encontram ervilha para comer.”

É sobretudo conveniente acreditar nisso.

Um olhar

O olhar da minha *nonna* quando eu tinha cinco ou seis anos é um velho tesouro que guardo comigo. Seria bem mais pobre se não pudesse contar com o estoque de ternura que essa avozinha italiana depositou em minha sensibilidade. Ela era pequenina, vestia uma roupa simples de camponesa com a saia quase arrastando no chão e usava um lenço branco na cabeça.

Nas festas de São Miguel colocava um lenço estampado de seda e isso era o máximo de vaidade que se permitia. Mas em compensação seu olhar era puro luxo. Havia nele uma sombra nostálgica, mas sobretudo era um olhar inteligente que chegava a mim com a marca da compreensão irrestrita.

Nunca vi minha avó reclamar de nada. Aos impacientes sempre aconselhava calma com a frase infalível: “Dio provede”. Não sei se trata de uma frase gramaticalmente correta ou se é uma forma dialetal. Não me preocupo com essas nicas. Sei apenas que a frase era dita dessa forma e era um exemplo de armadura na resistência daquele bravo povo das montanhas do Espírito Santo.

A história da *nonna* é uma história extremamente comum entre o pessoal que desembarcou aqui no final do século passado.

Quando ela chegou ao Brasil era muito novinha e, por isso, não se lembrava de quase nada de sua pátria. Trabalhou na lavoura de café e às vezes, quando tomo essa bebida, me lembro da célebre visita de Goethe a um matadouro de Chicago e sua observação de que jamais havia imaginado que seu bife exigisse tanta fealdade. Do mesmo modo, não raro sinto um travo especial ao degustar a famosa rubiácea e lembrar-me das condições penosas em que foi produzida nos primeiros tempos em nosso Estado.

Talvez por não haver grande variedade de gêneros ela era especialista de uns poucos pratos cozinhados em fogão de lenha. É preciso lembrar também que era um tempo onde havia possibilidade de diálogos desse tipo: “Bepi, pegue a peneira e vá apanhar umas piabas que está quase na hora do almoço”. O Bepi apanhava a peneira de taquara, descia até o ribeirão e não demorava muito para trazer um samburá cheio de peixinhos.

Talvez pelo ar puro da montanha ou porque fazíamos muito exercício em corridas intermináveis pelo pasto e pelo mato, a verdade é que na hora do almoço estávamos sempre azuis de fome. Lá vinha a *nonna* com sua tábua de polenta.

Ficava às nossas costas e dali mesmo, com uma linha, cortava a polenta e o pedaço voava por cima de nossos ombros e caía no prato, com precisão. Polenta com piabinhas: como parar de comer? Saíamos da mesa pesados e lerdos mas com a boa sensação de animais saciados. O cardápio era quase sempre esse com acréscimo de um *radicchio*, um tomate, coisas assim. As únicas exceções vinham na época do Natal quando ela assava castanhas e distribuía nozes.

As portas rangiam ao servir de quebra-nozes e por todo lado restavam cascas dessas frutas de nossa tradição natalina.

Como disse, a *nonna* veio bem novinha para o Brasil e sua experiência urbana era nula. Seu raio de ação limitava-se a uns trinta quilômetros, no máximo. Festa de San Miguel, em Araguaia, visita a uma parenta em San Martin, uma festa de casamento em Sagrada Família, um batizado em Batatal, uma reza no Cristo e só. No restante do tempo ficava mesmo na colônia em sua rotina de camponesa.

Mais tarde viemos morar em Vitória. Por isso ficou mais difícil visitá-la nos seus ermos de Santo Antônio. Algum tempo depois minha mãe me disse que a *nonna* viria nos visitar.

Tomei um susto. Era muito difícil imaginar aquela velhinha andando pelas ruas da cidade. Mas lá no fundo fiquei alegre por-

que sentia falta daquela presença tão terna. No dia marcado fui buscá-la na estação da Leopoldina, em Argolas.

Ao vê-la na plataforma achei que ela era ainda menor do que imaginava. O lenço na cabeça era o estampado de seda. Senti que a *nonna* estava assustada. Olhava para mim apreensiva e tive que acalmá-la para colocá-la no bote que nos levaria para o cais de Vitória. Fez toda a travessia da baía em silêncio.

Por mais que tentasse provocar um assunto ela sempre respondia com monossílabos. Acabei desistindo e passei a mão em seus ombros como que para protegê-la dos perigos urbanos que seus olhinhos iam identificando em cada detalhe da cidade grande. Senti que meu gesto acalmou-se um pouco. Somente ao chegar em casa consegui reconhecer minha *nonna* no velho sorriso que era sua marca pessoal. Confessou-me que estava realmente apavorada com tudo o que via na cidade. Nunca podia imaginar que a cidade fosse tão grande e com tanta confusão (registre-se que estamos nos referindo à Vitória do final dos anos quarenta).

Nos dias seguintes foi quase voltando ao seu estado normal. Morávamos em Jucutuquara e certo dia minha mãe levou-a ao centro da cidade para fazer compras.

A grande quantidade de pessoas na rua, porém, voltou a preocupá-la. Pegou no braço de minha mãe e perguntou: “Cara, hoje é dia de procissão?” “Por quê?” – perguntou-lhe minha mãe. “Tanta gente na rua...” – respondeu ela.

Não demorou muito e disse que precisava voltar para Santo Antônio. Levei-a de volta à estação e pouco antes de entrar no trem me confidenciou: “Vê se vai me ver lá no meu canto porque acho que nunca mais volto para a cidade”. A *nonna* não voltou para a cidade conforme suspeitara. Nunca mais a vi porque morreu poucos meses depois. Ficou o seu olhar. *Grazie nonna*.

Distâncias

Antes eram apenas aquelas manchinhas no mapa do Espírito Santo. (Ou nem isso.) As notícias circulavam vagamente entre uma localidade e outra: “O Angelim quebrou a perna. O Santo melhorou. A Carmela acabou casando mesmo com o Paolo. A Marieta deu à luz uma menina, um pau caiu na cabeça de Giacomo, uma cobra picou o Genaro...” Notícias dadas por viajantes montados em

lombo de burro e cavalo que percorriam os ínvios caminhos da montanha. Viagens de carro, muito raras. As estradas ditas de rolagem tinham buracos e lamaçais desanimadores.

Animais suados fumegando ao sol poente. Cavaleiros pedindo café para não tomar muita água. Nunca compreendi o pedido, mas era assim mesmo que falavam: “Me dê café quente para não encher a barriga de água.” Histórias: “Numa noite de lua, naquela estrada lá dos altos do Pietro, o cavalo empacou. Havia alguma coisa se mexendo ali na frente. Olhei e juro que parecia o fantasma do velho Benevenuto. Suava frio e o cavalo tremia debaixo dos arreios. Piquei as esporas e a muito custo o cavalo começou a andar. Veja só, o fantasma era somente uma folha de palmeira balançando com a força do vento. Mais um pouco de café, *per favore*, Julieta.” Continuava: “O café florou bem, mas o Santo disse que a safra deste ano não vai vender fácil. Vai comer aipim o ano todo porque o milho acabou, mas não quer ser roubado outra vez. Ficou sabendo que a diferença do preço do último café que vendeu aqui e o preço em Vitória foi para mais de dez vezes. Agora neste ano que vem o Santo diz que vai pegar um burro e vai até Vitória para ver essa coisa de preço. Já disseram a ele que não vai adiantar porque o café que ele tem é pouco e esse negócio de preço já está tudo combinado. Mas o Santo, você conhece, é muito teimoso. Vai ficar ainda mais branco de tanto comer aipim mas não vai querer trocar o seu café por dinheiro ralo. Mudando de assunto. A confusão no baile da casa do Luigi não foi nada do que disseram. Não tinha mulher no meio. Tinha só uma manta que o Angelim passou no Pietro na compra de um cavalo ruão. O cavalo tinha um buraco no lombo que o Angelim tapou com bosta de vaca e capim. O Pietro só descobriu a manta quando chegou em casa.”

O nome de algumas dessas manchas espalhadas pela floresta: Araguaia, Venda Nova, Pedreiras, Vitor Hugo, Lajinha. Não, esta última não faz parte da lista. Desculpem. Talvez tenha sido lembrada por fazer parte do imaginário da região. Uma espécie de país à parte. Lajinha equivalia ao exterior. Mesmo porque já era Minas e imaginada como lugar remoto nos confins das montanhas mais altas, com um frio quase impossível de ser suportado, segundo diziam. As mãos endureciam e morriam. Conheci alguns cavaleiros que disseram ter ido lá e confirmavam: o lugar é terrivelmente frio e duas capas gaúchas é o mesmo que nada. O frio atravessa que nem agulha. Por isso, exclua-se Lajinha da relação. Aquelas outras

manchas eram habitadas por imigrantes e seus descendentes que vieram da Itália no final do século passado para tentar a vida no Novo Mundo.

Hábitos muito frugais, nos primeiros tempos era possível apenas sonhar com o queijo de Parma, a uva do Vêneto, o salame de Fontanera ou a mortadela de alguns daqueles *paesi* lembrados com saudade. A igreja precisava ser construída e foi, mas a fome do corpo ia sendo saciada aos poucos. Nos primeiros tempos matava-se a fome com polenta e um ou outro *formaggio*. Galinha com macarrão aos domingos e, claro, um certo vinho que não se sabia bem de onde vinha. Mas estava sempre ali na mesa, sangue bendito, espantador de tristeza e mola para cantar: “La bella bionda va in campagna... bella ciao, ciao, ciao, stamattina...”

Mais tarde algumas daquelas manchas foram se especializando e o queijo do Gerardi de Pedreiras, por exemplo, diminuiu um pouco as saudades dos queijos de Parma. O picuá no lombo do burro trazia também outras preciosidades como a enxada e a foice da marca LP fabricadas em Araguaia substituindo as ferramentas ordinárias que usavam. Quebrou a perna? O Pilon conserta melhor que médico.

Vários anos depois, já nos anos sessenta, estou sentado na mesa da sala de jantar junto com um tio que estica um dedo e aponta: “A estrada vai passar por ali.” O ali era uma borda de mata a cerca de duzentos metros. Bois pastavam pelos arredores e precisávamos fazer um grande esforço de imaginação para acreditar em caminhões e automóveis passando por aquele lugar. De Vitória a Campinho não vai levar mais de quarenta minutos. Sinceramente? Não acreditava. Para não abalar a esperança de meu tio peguei mais um pedaço de pão, enchi minha xícara de café e mudei de assunto. Mas não demorou muito e para surpresa minha e de todos a BR 262 começou a deixar o papel e passou a ser construída. Em Araguaia as notícias ferviam. Um primo falava com entusiasmo do andamento das obras, que tinha também seus lances dramáticos como as mortes na construção de um trecho chamado Pinga Fogo, aberto a dinamite no cerne do granito.

Em 1966 convidei meu pai, um descendente dos pioneiros da região, para um passeio de carro pela BR 262, ainda em obras. Eu sabia o que isso significava para ele, mas evitamos falar muito sobre isso. Fingíamos até certa indiferença porque senão ia ser um derramamento muito grande. De Vitor Hugo para frente ainda

não havia asfalto. Quando avistamos a coroa de nuvens cobrindo a Pedra Azul, olhei para meu pai e vi que seus olhos brilhavam bastante. Já na volta caiu uma tempestade. As águas ainda não estavam domesticadas pelos bueiros e pareciam querer expulsar os intrusos batendo nas laterais do carro com violência. Mas chegamos bem até o trevo da estrada vicinal que vai até Araguaia. Fomos para lá. Perto da estação da estrada de ferro estava um pequeno grupo de pessoas conversando. O assunto? A BR 262 em construção. Mencionavam detalhes e os mais velhos, incrédulos, tinham dificuldade em admitir que era possível ir de um certo ponto A até o ponto B em dez minutos. Argumentavam: “Não é possível. Naquele trecho o cavalo subia e descia toda vida dentro da mata que era tão escura que não se via a luz do sol. Podia até ser meio-dia. A gente levava mais de quatro horas” – diziam eles. “Mas com a estrada nova é diferente. Agora tudo mudou, é muito mais rápido.” Os mais jovens sabiam que eu e meu pai estávamos vindo de lá e pediram nosso testemunho. Perguntaram se não era verdade o que diziam. “Sim, é verdade” – confirmamos. Os mais velhos estendiam os olhos para o alto e então percebiam que o seu tempo já havia passado.

Um mundo Eça/Vitoriense

Lisboa para mim é Eça de Queiroz tão completamente que ao desembarcar em Sacavém me vejo de *pince-nez*, nariz adunco e olhar irônico.

Subo o Chiado tendo por companhia esse aderente ectoplasma e vou experimentando surpresas. Ora pois pois, Lisboa é a minha Vitória dos anos quarenta/cinquenta. Por causa disso e por comodidade, os fantasmas passam a ser dois: um deles continua sendo o do “pobre homem de Póvoa do Varzim”, mas o outro sou eu mesmo em versão juvenil.

Até os anos cinquenta sentia-se uma influência portuguesa bem acentuada na arquitetura de nossa cidade. Mais tarde, necessidades urbanísticas e outras condições quebraram o velho aspecto da outrora pacata cidadezinha. Naqueles tempos havia um quê de manuelino pairando em janelas e portas antigas revestidas de cores diversas onde predominavam o roxo e o rubi. Caleidoscópios filtrando a luz da tarde. Marcos de porta em granito num trabalho feito para durar milênios. Milênios? Foi ainda outro dia que uma

mangueira atrelada a uma potente bomba, através de certo jato d'água, derrubou a porta principal da Farmácia Roubach, firma estabelecida na Rua do Comércio. Uma porta trabalhada em fino artesanato de cantaria.

Inventam/dizem insones e excêntricos notívagos que em horas mortas, de preferência em plenilúnio de maio, é possível ouvir na Cidade Alta o tilintar de taças de cristal, duetos de madrigais quinhentistas e vozerio de festa, em especial no prédio vazio da Assembleia. Uma construção que se manteve fiel a uma linha avoenga e portanto lugar adequado para loas a D. Manuel I, na comemoração da chegada da caravela Glória a Vila Velha ou a discretos recitativos de cantares de amor. Diz-se ainda que é possível ouvir lembranças saudosas dos tempos do Reino, lembranças de lugares como Alemquer, Olivais, Covão da Carvalha, Vale de Ceta, Vale de Ventos, Moita de Poços...

Em Lisboa o hotel onde me hospedo lembra o antigo Hotel Majestic que ficava na Duque de Caxias, em Vitória. Defronte ao hotel lisboeta há um prédio onde funciona um jornal vespertino. De meu quarto vejo redatores, máquinas de escrever e alguém, talvez o chefe de reportagem, com uma previsível viseira verde na testa. De vez em quando um redator sai de sua escrivaninha e se debruça na janela. Todos os funcionários do jornal usam gravatas e camisas brancas. Ali está um deles, pitando seu cigarrinho. É provável que tenha vindo até à janela para olhar o céu, ver os barcos descendo o Tejo e se inspirar para o nariz de cera da matéria sobre as enchentes em Aveiro, na província do Douro, onde chove há semanas. Nariz de cera? Pude constatar que jornais portugueses preservam certa individualidade, certos laivos literários na redação da notícia, o que, para o bem ou para o mal, foi eliminado na imprensa brasileira. O jornalista volta agora para sua mesa a fim de escrever e talvez ligar as enchentes de Aveiro às próprias águas do dilúvio ou lembrar-se, num devaneio, de barquinhos de papel junto às bermas. Talvez não faça nada disso e o devaneio fica por minha conta, mas de qualquer modo há um clima de tempo sobrando.

Dentro da redação, no simulacro de Vitória antiga, vejo Rosendo Serapião debruçado à máquina de escrever, charuto baiano fumegante e pendente dos lábios, tentando formar a frase seguinte do editorial. “Mas é claro” – Rosendo Serapião dirige-se a mim com aqueles olhos deformados pelas grossas lentes dos óculos “mas é claro. Nesta construção o verbo deve estar no infinito. Rui, sem-

pre Rui, estava certo. Ernesto Carneiro Ribeiro estava enganado.” Após esse costumeiro intervalo gramatical, Rosendo voltava para a máquina, completava o artigo de fundo e o remetia para a oficina.

O fantasma eciano me diz que é hora de deixar tais fumaças e ver Lisboa. Digo-lhe que está sendo difícil. Volto a mencionar a confusão de cidades que me anda pela cabeça e peço-lhe tempo. Eça porém insiste e me convida para ir ao Teatro São Carlos onde, na falta da Sassi, a cantora de ópera, está a apresentar-se a Companhia de Danças Martha Graham numa sessão especial para o público lisboeta. Mas ainda uma vez, pelo caminho, vou identificando pedaços da Rua General Osório e paro diante de uma réplica perfeita do edifício do antigo Clube Vitória. Um pouco à frente há uma vitrine de uma casa de comércio. Olho a placa e vejo que é A Colegial da Jerônimo Monteiro. Está toda iluminada porque é noite. Há pessoas descendo de automóveis que estacionam defronte ao Teatro Glória onde, na sessão única das 20 horas, está sendo exibido *Divino Tormento* com Nelson Edy e Jeanette MacDonald. Do outro lado da rua há uma banca de jornais onde muitos adquirem a revista O Cruzeiro. Resolvo não ir hoje ao cinema. De alguma forma, como nos sonhos, mesmo com A Colegial fechada consigo comprar um livro exposto na vitrine com o título *Eça de Queiroz e o século XIX*, de Vianna Moog. Pego o bonde e vou para casa. Não o bonde de Cascais, mas o que vai para Jucutuquara. Ao chegar em casa passo a ler o livro e altas horas da noite ainda estou às voltas com Antero de Quental fazendo preleções a um grupo de embuçados que o ouve silencioso sob a luz mortiça do luar. Em seguida, participo de uma reunião com os “Vencidos da Vida” onde há uma ceia com bacalhau e muito vinho verde originário da quinta do Conde de Arnoso, o Bernardo, que pertence ao grupo e é autor de um livro de versos chamado Azulejos.

O espectro eciano agora parece aborrecido com tantas recordações mas retornamos ao Chiado e nas proximidades da Casa Havaneza penso que vai me convidar para um grogue. Mas Eça vira para a esquerda e entra na Livraria Bertrand. Estou certo que o velho Queiroz está a me armar uma peça. Há aquele riso mal contido que lhe sai pelo canto da boca e que lembra um pouco o meu amigo e grande eciano que foi Paulo Vellozo. “Aqui está” – diz Eça estendendo-me um livro – “um presente” – acrescenta. Olho o título: *A emigração como força civilizadora*. Um inédito de Eça de Queiroz que estava sendo lançado naqueles dias.

Como nas fábulas antigas, as primeiras claridades da manhã dissolvem os espectros.

Levanto-me da cama em Vitória nestes anos noventa e vou até a mercearia mais próxima de minha casa. Ao virar a esquina, um susto que durou alguns décimos de segundo. De repente, tive a sensação de estar sendo observado por alguém debruçado a uma máquina de escrever e com uns olhos deformados por lentes grossas de óculos. Mas tratava-se apenas de uma placa pregada num canto de prédio que nunca havia notado antes e onde se lia: Rua Rosendo Serapião. Homenagem ao velho jornalista que frequentou as visões espectrais de ainda há pouco no simulacro das antigas redações de *A Gazeta* e *A Tribuna*.

Prima Rita

As águas (escachoantes) corriam rapidamente pelas bromélias e o roxo do caixão de Rita se refletia nas presilhas douradas, construindo uma cascata fantástica onde as pérolas das águas espumantes quebravam-se interminavelmente. Passaram-se horas lentas de chorar miúdo, de lamentos abafados pelas catadupas de flores que enfeitavam não apenas o vestido branco de Rita e sua testa pálida quase sumindo debaixo da guirlanda de amores-perfeitos, mas também os cantos das salas. E sobre as flores multicoloridas adejavam abelhas colhendo o néctar. E caía a cera derretida das inúmeras velas que rodeavam o funéreo leito da prima Rita.

O caminhão dourado, levando o corpo de Rita pela estrada íngreme, drapejava fitas como se prima Rita fosse para uma festa. As crianças, acompanhando-a naquele passeio pela manhã invernal rumo ao campo santo de Santa Isabel, levavam uma secreta alegria no coração. Porque sabiam que ela passeava pela corte dos sonhos, conforme as histórias que inventava e, por isso, todo aquele cortejo era apenas um acompanhamento para sua coroação no baile das ninfas de cristal. Estavam tão certas disso que não ficaram nem um pouco tristes quando voltaram para casa deixando lá a prima Rita.

E na clara noite desse dia, o arvoredo inundado de luar fazia fantasmas no caminho que ia dar no paiol. Tudo estava muito quieto e seus olhos vermelhos de não dormir fitavam a porta aberta do paiol, um retângulo negro em cujo fundo estariam acontecendo

coisas extraordinárias. Um vagalume passou pelas folhas do pessegueiro, veio pousar no peitoril da janela e logo se meteu entre as frinchas da madeira de modo que só se via o clarão da sua luz verde pulsando na noite.

O frio da madrugada veio ainda encontrá-lo no mesmo lugar, debruçado na janela e olhando o paiol.

De repente, um vulto em grande velocidade atravessou o terreiro. Seria? Ainda não. Apenas o gato que provavelmente experimentava os músculos depois da longa ronda noturna.

O relógio da sala, que ficava logo debaixo do sótão onde dormia, marcou as horas outra vez. Vésper, agora, já era a Estrela da Manhã e começava a sumir com o risco de luz que subia do leste, lá para os lados do brejal.

O orvalho gelado queimava-lhe os pés e fazia subir uma dor até no meio da canela. Por isso, para esquentar o corpo, começou a correr pelo pasto em direção ao paiol.

Procurou vestígios pelos cantos e chegou a subir na pilha de sacos de milho mas não encontrou nada. Até que, olhando para os arreios pendurados na viga central do paiol, viu um laço de fita branca pendente como uma flor. Conhecia muito bem aquele laço que prendia os louros cabelos de Rita e então começou a pensar na festa de coroação e nas histórias que teriam sido contadas por Rita naquela noite. Para quem? Teve então um violento ataque de ciúme daqueles novos e desconhecidos amigos de Rita e começou a sentir uma grande saudade de sua prima.

De uma viagem ao interior do Estado

Da antiga fazenda de Afonso Cláudio de Freitas Rosa, em Mangará, avista-se um paredão de montanhas do sistema da Mantiqueira, onde se encosta a cidade de Santa Leopoldina. Mas o caminho até lá é plano. Vai-se por uma estrada que corre pelo fundo do vale do Santa Maria margeando o rio que se esconde atrás de barreiras de bambus.

Chegamos.

Ali está a cidade envelopada numa atmosfera ocre como se fosse uma gravura desbotada. Você tem a impressão de sentir o cheiro de estrume fresco deixado por tropas carregando café, dos tempos de riqueza. Mas é só impressão.

Impressionante mesmo é a força de uma obra de arte. Santa Leopoldina continua sendo a personagem eterna de *Canaã*. Graça Aranha, que morou na cidade por pouco tempo, se incorporou de tal modo à sua vida que não seria nenhuma surpresa se cruzássemos com ele carregando um embrulho de pão debaixo do braço nos preparativos da consoada vespertina.

Muitos habitantes de Santa Leopoldina parecem atores permanentes sobre os quais paira equivocadamente o drama de Maria Perutz, como uma espécie de pecado original. Aliás, um drama que, hoje, estaria nivelado com as cascatas de sangue que escorrem de nossos jornais sem causar maiores comoções...

Na viagem de ida, Luiz de Almeida e eu paramos alguns instantes, logo depois de Cariacica, para cumprimentar o Mestre Álvaro, alegre e pimpão na sua confortável aposentadoria, após anos e anos de trabalho orientando pobres pescadores desprovidos de bússolas em seus barcos. Muito justo que agora goze de seu ócio com dignidade, pousado naquela planície do Contorno. Luiz e eu ficamos muito admirados com a vitalidade do velho Mestre, esbanjando verdes matas e mais sacudido do que nunca tomando o sol da manhã. Esta lembrança de nossa montanha mágica se impõe como contraste com o que vejo nesta cidade bonita mas que parece murchar de tristeza desde a morte do pequeno Fritz, vitimado por um tonel de vinho que se desprende das amarras, como se sabe e está descrito de forma pungente no *Canaã*.

Num barzinho simpático, Miguel Tallon e eu tomamos uma cerveja acompanhada de pedacinhos de linguiça. Depois começamos a tomar outra com sardinhas em conserva. Coisas leves. Mas interrompemos nossa programação porque vieram nos avisar que estava na hora das solenidades no Fórum, em homenagem a Graça Aranha, afinal a razão primeira de nossa viagem. Fomos todos para lá. Boas palestras. Em especial a de Luiz Busatto com oportunas observações de ordem filosófica sobre o *Canaã*. Temas para reflexão posterior.

No transcorrer das palestras acentuou-se o sentimento de que Graça Aranha estaria por ali e talvez fosse possível convidá-lo para uma “saideira”. Isso não aconteceu, entre outras razões, porque na hora da saída do Fórum, um chato perdeu o guarda-chuva e ficou

perturbando todo mundo com aquela perda irreparável. Quando demos por nós, o carequinha lá da frente, sobre o qual recaía mais fortemente a suspeita de ser o velho Graça, já havia escapulado. Ficou, portanto, impossível saber se se tratava mesmo do Graça ou de um impostor. Jogo na primeira hipótese mas não posso provar.

Uma alma caridosa veio nos informar que, ao contrário do que se propalava, havia, sim, um restaurante onde seria possível almoçar. Já eram quase três da tarde e a fome rondava. Ávidos, Luiz e eu fomos pegar o carro para ir até o restaurante, que ficava a uns cinco quilômetros, morro acima. Mas os duendes, esses detestáveis serezinhos, sempre prontos para nos pregar uma peça, estavam atentos. Atire a primeira pedra quem ainda não foi vítima deles, quem, algum dia, não passou por esse pequeno vexame: a quebra do fecho *ecler* da calça. Estávamos já longe do centro da cidade. Além disso, o comércio não funcionava no sábado à tarde. E então? Meu reino por um alfinete! Havia poucas casas à margem da estrada. Olhei uma casinha modesta, com um alpendre. É esta, resolvi. Casas com alpendres espaçosos geralmente são habitadas por boas pessoas. Aliás, o que é um alpendre senão uma faixa intermediária entre as forças naturais e o recesso sacrossanto do lar? Entre as agruras das intempéries e o quentinho da cama. Alpendres produzem pessoas compreensivas dos contrastes e percalços do cotidiano. Enfim, depois dessa bem pouco isenta análise socioarquitetural, estou batendo palmas defronte da casa alpendrada. Aparece uma velhinha, uma fadinha de fábula infantil. Explico-lhe e ela me pede para entrar. Começava aí a comprovação de minha tese formulada com a rapidez das conveniências ideológicas. O meu problema causa geral consternação na casa humilde. Ninguém faz ar de mofa. O fato, porém, é que, depois de trabalhosa procura, concluem que não tinham nenhum alfinete em casa. Desanimado, agradeço a todos e vou saindo. Antes, contudo, de ganhar a rua, a velhinha me chama. O alfinete, ou melhor, falando francamente, um pregador de fralda apareceu na mão da velha senhora que o exibia como um troféu. Um troféu certamente surrupiado do bebê que chorava ao fundo e passara a sofrer de problema igual ao meu. Mas, afinal, ele estava em casa e um simples nó resolveria a questão, pensei eu, mesmo com um pequeno remorso. Ficou a lição de solidariedade daquelas pessoas de boa vontade que certamente compõem o exército de reserva que um dia será usado contra as manhas de Belzebu e suas 6.666 legiões. Penso também que, no

caso, aquelas pessoas humildes seriam bons samaritanos disfarçados e constituem uma riqueza secreta de Santa Leopoldina.

Alfinetado e almoçado, junto com Luiz, voltamos para a cidade.

Visita ao Museu do Colono onde vernizes finos cobrem móveis de mogno. Baixelas, porcelanas de Sevres, louças com desenhos finamente trabalhados, cristais da Bohemia mas sobretudo um raio de sol batendo num velho bule de alpaca produzindo no feixe de luz que dividia a sala o limite entre o agora e o ontem. Um ontem por onde entramos ousadamente para cumprimentar a rainha Sissi e pedir a W.A. Mozart que parasse de rir e começasse logo sua apresentação, de preferência com um concerto para piano.

Precisávamos de estímulo para embalar nosso sonho onde reaparecesse Santa

Leopoldina em toda sua antiga prosperidade e vigor.

CRÔNICAS DE ROBERTO MAZZINI

O infante e o silêncio do Dr. Gomes

Um capim arroxeadado tomava as margens da estrada de terra. O automóvel, um velho Ford de capota de lona, aberto dos lados, ia passando no meio desse capim que batia em nossos rostos e braços provocando uma coceira bem forte. Num trecho longo, a estrada de terra corria em paralelo com a estrada de ferro da Leopoldina Railway, embora esta ficasse num plano mais elevado. Aliás, coincidiu que, naquele dia, enquanto passávamos de automóvel nesse trecho, vinha passando também o Noturno procedente do Rio de Janeiro. De repente, desprendeu-se uma batelada de brasas da fornalha do trem que, por pouco, não caiu dentro da cabine do nosso automóvel. Isso aconteceu pouco antes de chegarmos a Melgaço. Quando chegamos lá, o Dr. Gomes pediu ao Venâncio que parasse o carro diante de uma casa.

Paramos.

A casa tinha um muro de tijolos vazados e, por cima dele, se assentava uma roseira sem flores. O Dr. Gomes parou na frente da casa, junto de um portão de ferro e bateu palmas. Ninguém apareceu. A tarde já fazia grandes poças de sombras no morro ao fundo da estação ferroviária. Por causa do frio, as ruas de Melgaço estavam desertas. Raramente passava uma pessoa, sempre enrolada em lãs e capotes. No momento, ia passando um senhor grisalho e o Dr. Gomes lhe perguntou se ele por acaso sabia se havia alguém naquela casa. Esse senhor ficou olhando o Dr. Gomes por alguns segundos, fez um ligeiro movimento com os ombros mas não disse nada. Depois continuou a andar. O Dr. Gomes voltou para diante do portão de ferro e continuou a bater palmas diante da casa toda fechada. O Venâncio se debruçou sobre o volante e passou a cochilar. A noite vinha chegando. O frio aumentava, e o Dr. Gomes tinha desistido de bater palmas. Mas não desistiu de ficar ali. A casa tinha uma barra tipo enxaimel no beiral, o que lhe dava um certo ar amistoso. Mas isso era anulado pelas janelas. Muito altas, estreitas, muito cômicas de sua verticalidade. Uma severidade complementada pelo olho circular que nos observava do alto da parede, na fachada. O efeito severo também não chegava a ser quebrado pelo pequeno jardim com duas buganvílias encarnadas que se apoiavam numa grade de ferro bastante corroída pela ferrugem.

O Dr. Gomes estava agora sentado nos degraus de pedra da entrada principal da casa. O Venâncio começou a roncar dentro do carro. De minha parte, aproveitei para olhar mais de perto uma pilha de dormentes ao lado da estrada de ferro. Os dormentes estavam empilhados como uma fogueira de São João e neles estavam escritas várias palavras numa língua estranha misturadas com listas em verde e amarelo.

Não demorei a voltar para perto da casa. Lá continuava o Dr. Gomes, em silêncio, fumando. Essa situação demorou até o momento em que não consegui mais ver o Dr. Gomes na escuridão. Só via a brasa de seu cigarro. Mas logo depois comecei a ouvir outra vez o som de suas palmas batidas com mais força. A casa permaneceu fechada e escura. Ninguém apareceu. A seguir, o movimento da brasa do cigarro na escuridão indicou que ele havia finalmente desistido de ficar ali. O Venâncio acordou um pouco assustado quando o Dr. Gomes entrou batendo com força a porta do carro. Fiquei no banco de trás.

Tentava amar uma explicação para aquela atitude do médico com as poucas informações que tinha. Sabia, por exemplo, que o Dr. Gomes estava muito abalado por causa da morte da Mafalda Ferrari, sua paciente de alguns anos e moradora da localidade de Verdemiglio, onde moravam meus tios e onde estava passando férias escolares. Durante três dias a população do lugar acompanhou a luta do médico para salvar a Mafalda de uma hemorragia do estômago. Sem sucesso, porque naquela tarde ela havia morrido. Minutos depois da morte de sua amiga, o Dr. Gomes, com o rosto muito carregado, foi procurar o Venâncio para alugar esse carro a fim de voltar a Campos Verdes, onde morávamos. Como já estava cansado dos sapos e grilos de Verdemiglio, despedi-me de meus tios e pedi ao Dr. Gomes que me levasse com ele no automóvel. A única coisa que ele disse foi “claro”. Agora penso que esta foi também a única palavra que ele falou daquele momento em diante até nossa chegada a Campos Verdes.

As luzes dos faróis do Ford de bigode batiam nas margens da mata e, de vez em quando, uma ave noturna cruzava na nossa frente. Muitos mosquitos e mariposas ficavam grudadas no para-brisas. O barulho das explosões secas do motor do carro ia se sobrepondo e abafando os pequenos barulhos da mata absorvida em sua rotina natural. Ninguém falava nada. Nem quando vimos as luzes elétricas da cidade de Campos Verdes, ao chegar nos altos

do Schmidt – uma vista bonita – nenhum de nós falou qualquer coisa. O Dr. Gomes, velho amigo de nossa família, era de costume bastante seco, embora, como era consenso, se dissesse que jamais se podia adivinhar o tipo de coração de manteiga que havia de baixo daquele cimentado que ele armava para se defender não se sabia exatamente de quê. Por isso, naquelas circunstâncias, achei melhor não fazer perguntas porque ele estava mais distante do que nunca e o cimentado de concreto claramente intransponível. Para mim ficava claro que ele precisava falar com urgência com aquela pessoa em Melgaço. Mais tarde fiquei sabendo que se tratava de sua namorada. Amante, retificou aquela moça de uma forma quase ríspida, a voz carregada com uma indisfarçável ponta de amargura. A verdade é que a morte da Mafalda, o desencontro com sua namorada/amante em Melgaço pareciam fechar o Dr. Gomes num fundo poço de silêncio.

Quase ao chegar a Campos Verdes, tive a vontade de oferecer a ele a contribuição da minha própria tristeza. Afinal, não tinha ido nada bem na escola naquele ano e também estava triste. Misturar nossas tristezas talvez valesse a pena para tentar diminuí-las.

Mas nem eu e nem o Dr. Gomes falamos nada. O carro chegou a Campos Verdes, nos despedimos e cada um foi para seu lado.

Araguaia: memória e sentimento

Sempre quis escrever sobre Araguaia mas ou não tive disposição ou me faltou coragem. Porque não é fácil falar das coisas que se amam. Araguaia é um mundo inteiro que trago guardado no coração, com um significado difícil, muito difícil, de ser explicado com nitidez. Araguaia é sobretudo meu pai, esse homem medieval que foi um universo de valores sitiado por um mundo demasiadamente distinto de onde eles provieram, e que se destaca no horizonte de minha memória como a prova mais-eloquente de que o homem é um ser viável.

De vez em quando, como ontem, por exemplo, ao assistir a *Romeu e Julieta* de Zefirelli, sou surpreendido pela presença de Araguaia de maneira a mais insólita. A Verona da Renascença me devolve, nas cores das paredes de uma capela, a presença nítida das festas de Natal ou de São Miguel na igreja de Araguaia, onde as andorinhas davam rasantes sobre meu rosto espantado de meni-

no cismador diante das misteriosas paredes que teriam ouvido as vozes dos primeiros habitantes do lugar, de meus avós, que agora estão enterrados naquele pequeno cemitério de Santo Antônio, situado numa colina verde coberta de bambus.

Tenho medo de falar de Araguaia pela certeza de não poder dizer nem uma fração mísera do que deveria ser dito. Mas agora prossigo.

Para ali foram aqueles italianos do Vêneto que desembarcaram no porto de Anchieta, foram subindo o rio, de canoa, até Alfredo Chaves e depois prosseguiram a pé até uma pequena chapada inóspita onde construíram o povoado. A febre amarela os aguardava e quase mata a todos. Mas eles ficaram ali ou de teimosos ou porque não havia alternativa. Meu pai, às vezes, me falava de Pietro, meu bisavô, considerado o literato porque sabia escrever e se encarregava de mandar cartas, para a Itália, dos outros companheiros que curtiam aquela dor que deve ser imensa, a dor do transplante cultural. Imagino como devem ter sido os primeiros tempos. Isolados lá em cima por cinquenta quilômetros de matas e pela hostilidade habitual dos naturais de todos os lugares do mundo que se sentem ameaçados por grupos que vêm de fora. Meu pai me falou das angústias de Pietro, sempre dominado pela ideia de voltar para sua pátria, embora a Itália que ele deixara não lhe proporcionasse nenhuma facilidade para o retomo.

Lembro-me de uma viagem ao lado de meu pai, pela estrada poeirenta e esburacada que liga a BR-262 a Araguaia, na altura do km 50 para quem vai de Vitória. Chegamos perto da capela de Santo Antônio e ao lado daquela mata que continua sendo para mim a forma mais profunda do mistério. Os ninhos de japu pendurados nas árvores mais altas deixando cair novelos de uma vegetação fina assemelhada à relva. O que existirá dentro daquela mata? É o que me perguntava quando tinha uns sete ou oito anos, no regresso da ladainha que era rezada à noite pelos colonos, entre os quais toda a família de meu pai. O que existirá? Pergunto ainda hoje, sem temer o sorriso irônico esboçado pelo meu próprio raciocínio de adulto. Lembro-me do pio da coruja que vinha da mata e nos acompanhava pela estradinha, quase uma picada, e que liga a capela à propriedade de meu avô, meu falecido avô, simpático e brincalhão apesar daqueles severos e imensos bigodes que lhe caíam da boca.

Essas ladainhas noturnas permanecem na minha lembrança como um fogo mágico. Duas versões: noite escura e noite de luar.

Quando o céu era negro e lá em cima brilhavam as mais belas estrelas jamais vistas, me deixava levar docemente pelo hálito fresco da noite em direção à casa de meu avô. Ia pela mão de um dos meus tios ou então trepado em sua cacunda (ah, esse carinho extremado que os italianos têm por suas crianças). Eles e eu íamos pela estradinha na borda da mata, alegres e falando alto. Bichos medievais navegando pela floresta tropical. Nas noites de lua, a sombra das árvores pelo chão e a possibilidade de nos olharmos nos olhos enquanto a coruja, velha amiga, nos acompanhava com seu pio.

A atmosfera transparente daquelas baixadas que ficam logo ali, no caminho para Matilde.

O homem está rachando lenha perto de sua casa. Um cachorro late e o eco volta das matas por perto, como uma onda primitiva e rude dos primeiros tempos da imigração. O tempo parado, o homem rachando lenha perto de sua casa simples, com aquelas vigas de madeira escura formando um quadrilátero, que é a casa onde ele vai encontrar o filho e a mulher.

A baixada está úmida da chuva caída pela manhã e agora à tarde a chaminé manda uma fumaça branca para o ar (talvez sua mulher esteja assando pão) e essa fumaça é a única coisa que se destaca no ar puro e lavado. O córrego cresceu com a chuva e vai descendo com força. O barulho da água roçando o capim das margens é a única sensação de movimento que se tem aqui neste campo entre as montanhas que se perdem na distância (lá longe é o azul da saudade, das coisas que não podem ser ditas porque se o fossem explodiriam em nossas faces com as violentas cores da maldade: a injustiça de parar o tempo e, ao mesmo tempo, de fazer movê-lo na direção do desastre, da dissolução de valores intocados que vão se perder inexoravelmente nas cidades. O homem ignora tudo isso. Passa a mão na testa para limpar o suor que lhe escorre abundante do rosto e entra em sua casa para, provavelmente, tomar café.

A placidez daquela baixada insiste em permanecer na memória. Por falta de bons acessos (a única estrada é de terra batida e muito precária) a região desse caminho para Matilde restou intocada e me parece ficou do mesmo jeito da época da imigração, no final do século XIX.

As siricórias com suas pernas muito finas e desengonçadas correm pelo banhado, às margens do regato e agora, ao cair da tarde, os primeiros sapos começam a afinar suas vozes para o grande concerto noturno.

Araguaia é também uma videira carregada de uvas, plantada no pátio interno de uma casa que fica logo na entrada da vila. Do cimento rachado por onde sai o tronco da videira mina uma água clara que vem do morro contíguo.

Araguaia é uma casa onde há uma pintura do Convento da Penha na varanda e onde está sentado um sempiterno velhinho dormindo um sono imemorial.

Araguaia tem sotaque carregado de italiano. Tem uma rua só e uma estação da Leopoldina Railway. Muito embora o nome de agora seja Rede Ferroviária Federal, não se pode gostar muito disso, Somente a Leopoldina de sua infância teria possibilidade de colocar em serviço uma locomotiva de nome Ramona. Essa tal locomotiva me parecia a própria imagem do poder e da força, espalhando brasas e fumaças por onde fosse passando e especialmente ao longo da linha que passa defronte das casas de pessoas que assistem a seu desfile debruçadas nos peitoris das janelas ou sentadas nos varandões floridos das casas daqueles brasileiros que falam o R simples como se fosse dobrado. Em Araguaia, pelas manhãs, há uma neblina que pousa nos morros que ficam atrás das casas e também nas hortas cobertas de alfaces, repolhos e tomates que alimentam o povo da vila. Grossos repolhos molhados de sereno, bojudos repolhos repimpando na terra fofa de esterco e aguardando o cutelo que os corta pelos talos, bem embaixo.

A água para o almoço vem de uns filtros de barro marcados com a figura de um cachorro e geralmente ficam numa copa ladrilhada onde entram pela janela rosas plantadas nos canteiros defronte. Amoreiras plantadas rente às cercas de arame farpado, pela manhãzinha, gotejam de sereno enquanto escovamos os dentes com pasta Kolynos para tomar café com broa de milho. Ou, se o Acácio fez o pão, com pão de trigo. Mas o Acácio é um padeiro muito preguiçoso que fica olhando o trem passar e gosta de ficar contando histórias sentado na porta da padaria. Por isso, dorme e acorda tarde. Nunca se viu um padeiro que acorde tarde, mas o Acácio é assim. A vila fica esperando o pão e às vezes ele não vem porque o Acácio está dormindo, e então é preciso apanhar a broa de milho na despensa e comê-la, senão todo mundo se atrasa e a criança não vai ao colégio e nem o Fiorino, o agente, pode agenciar o misto que passa na estação às sete horas.

Uma tira estreita de terra, entre a estrada de ferro e o rio Fundo: esta é a rodovia municipal que liga a BR-262 à vila de Araguaia.

O sol já desceu nessa bela tarde de sexta-feira e aqui estamos num automóvel que vai garimpando as pedras e cascalhos desta rodovia que os poderes públicos conservam há cinquenta anos exatamente da mesma forma como foi construída. Vamos entrando pelas curvas numerosas e subitamente nos vemos enredados numa região que fica do outro lado do espelho. As casas flutuam em nuvens de folhagens verdíssimas, as casas esparsas rodopiam pela colina que margeia a estrada e se confundem com as águas do ribeirão beijadas pelos bambuzais.

Crônica de guerra

A fila do Teatro Glória ia até lá embaixo e ali estavam os ternos brancos, engomados na tinturaria de Chang Ye, muito próprios para o Sábado, para o cinema que levava a *Dama das Camélias*, com Greta Garbo. Na fila, os bigodes aparados diante de espelhos lapidados e engastados em guarda-roupas estilo Luís XV, as gravatas com os laços triângulos recém-lançados. Tudo para se encontrar com a noiva e assistir à sessão única das 20 horas – Hoje – sem esquecer-se de comprar a revista *O Cruzeiro* que chegava na banca de jornais defronte, pouco antes do começo e era muito boa para ler na fila ou na sala de espera. Na rua, de vez em quando, passavam aqueles carros modernos, os jipes, cheios de americanos que usavam roupa *shantung*, estilo esporte. Oito da noite, em frente ao Teatro Glória, em pleno coração da cidade, diante dos ternos SS 120 engomados, dos bigodes finamente lavrados e das gravatas de laço triângulo, saltavam esses bárbaros alourados, com a barba por fazer e sem gravata. Mas eles tinham jipes, eram americanos, aqueles que estavam lá brigando e que traziam muito dinheiro no bolso. Na Praia, alugavam casas por dez vezes o preço normal, pagavam fortunas às empregadas e comiam galinha todos os dias. Então, a fila olhava mas não tinha coragem de dizer não. Mergulhava na leitura de *O Cruzeiro* e ignorava. Melhor ver Greta Garbo e voltar tranquilamente no ônibus das 10 da noite, o último, que demandava às lonjuras da Praia Comprida.

Durante a viagem começava a pensar nos gringos, no jipe e tal. Na noite profunda e calma aparecia o fantasma do por quê. Naturalmente tais dúvidas nada tinham com a inabalável certeza de que os alemães eram o mal e nós éramos o bem. O que se poderia

esperar no futuro? Havia aqueles empregos nas casas comerciais, depois do ginásio. Tecidos? Armazéns? Secos e molhados? Mas percebia que isto já não era muito. Podia ter sido naqueles tempos do Cruz & Sobrinho, da Casa Verde (Você se lembra? Começou varrendo a loja e agora é sócio). Bem, a meta máxima todo mundo sabia: ser escriturário do Banco do Brasil. Mas não era uma meta facilmente alcançável. Afinal, havia sempre aquele obstáculo de saber-se com precisão se uma taxa de desconto aplicada numa duplicata à taxa de 0,003% ao mês, sacada contra e por aí além e que não podia entrar nas cogitações de qualquer um. Para piorar as coisas, a esta altura todo mundo sabia que uma cabana e nosso amor era ótimo para samba-canção mas não funcionava na vida real. De que maneira então sustentar consequentemente aquela paixão envolvida em perfume de manacá, hortênsias e gerânios na janela? Como dizia mesmo o poema? “Entre o passado e o porvir aqueles peixes de prata não me deixavam dormir.” Ah, a mulher amada olhando a merencória luz da lua numa sacada de balaústres torneados e que tentava desencantar pelas serestas que ecoavam nas madrugadas frias. Mas e então? Então era pensar nos submarinos que, na calada da noite, ancoravam na Ponta Formosa, na enseada da Praia do Canto, para abastecer-se. É bem verdade que havia um posto do Terceiro Batalhão na ilha do Boi, com alguns soldados e um bote para fazer a patrulha daquele trecho de águas do Atlântico Sul. Mas recebíamos que, de repente, aparecesse aquele periscópio rasgando as águas pelos lados de Tubarão. O melhor mesmo era pegar o alemão e quebrá-lo. E isto foi feito. O alemão que morava na pequena floresta, em cima da Ponta Formosa, e hasteava (testemunhas oculares juravam terem visto) a bandeira com a cruz suástica numa pedra defronte sua casa. Especialmente em dias de feriado e à noite. O alemão sempre tinha sido um médico caridoso? É, mas e aquele negócio de comprar conservas em grande quantidade e carne-seca aos fardos? Para quê? Claro que era para abastecer os submarinos. Por isso, estava certo que apanhasse, que entrasse no quebra-quebra. O bom da guerra é isto. A falta de dúvidas. No tempo de paz as coisas são muito mais complicadas. Na guerra, não. Tudo simples. Há os amigos, os inimigos e basta. Melhor ainda é que aquela gana secreta de destruir tudo passa a ser algo bastante meritório desde que a violência caia em cima dos inimigos. É muito repousante. Na porta do café do Almeidinha, na Praça Oito, pela manhã, juntavam-se outra vez os de terno e gravata para discutir

os progressos dos Aliados nos vários *fronts*. Estrategistas de lápis e papel na mão, mapas detalhados, explicavam por que o sistema de pinças, que havia funcionado na Polônia e era uma tática fulminante da Wehrmacht, não estava mais dando resultados na frente russa. Tanto que von Paulus...

Um tempo em que havia o mistério do outro lado da baía. O outro lado era constituído pelos distritos de Argolas, Paul, Porto Velho e Capuaba. Sabia-se que por ali trabalhavam engenheiros brasileiros, americanos e ingleses, todos vestidos de shantung (um tecido muito mais distinto que o caroá, largamente utilizado pelos nacionais) e alguns com chapéus de cortiça. Trabalhavam para o esforço de guerra – dizia-se. Os trens chegavam carregados de minério de ferro, vindo de Minas Gerais, que era transportado de caminhão para Vitória. Depois, esse minério iria carregar os porões dos navios ancorados no cais da Praça Oito. Enquanto os navios ficavam carregando, as tripulações bebiam até cair nas calçadas defronte aos bares e botecos que ficavam por ali, onde hoje fica o Edifício das Repartições.

O *outro lado* não fazia parte da cidade. Aqueles engenheiros, técnicos e outras figuras indefiníveis entravam numa perua velha que ia apanhá-los em casa e os transportava diretamente para o outro lado, um lugar crivado de apitos de trens, de lanchas que cruzavam a baía afanosamente, de navios que pareciam tigres velhos com suas camuflagens desbotadas. O pessoal do *outro lado* jamais vinha até o café do Almeidinha para bater papo. Tratava-se de um pessoal muito esquisito.

A guerra como remédio contra o tédio. O futebol dos desesperados. Os motivos econômicos? A fome? A inflação e a ambição? A vontade de poder? Tais coisas podem dar um bom coquetel teórico mas na atmosfera de 42/45 isso era difícil de perceber.

Mr. Shell só pôde ser decifrado muito tempo depois. Mr. Shell, um engenheiro de minas norte-americano, natural do Maine, que inspecionava jazidas de cristal de rocha nos municípios de Santa Teresa, Itaguaçu, por aí. Cristal que ia servir para a fabricação de aparelhos eletrônicos e óticos, essenciais para o arsenal da democracia. Mr. Shell sentava na mesa e enquanto mastigava inumeráveis biscoitos *cream-crackers* ficava anotando números num caderno preto com um lápis bem fininho. Os olhos de Mr. Shell se amendoavam exageradamente através de grossas lentes de uns óculos de aros de ouro e observavam a pedreira próxima durante

muito tempo. Em que Mr. Shell pensava? Um cavalo para trabalhar, diziam todos. Trepava naquele jipe enlameado e entrava em tudo quanto é grota de fim de mundo. Suava muito e estava sempre passando um lenço azul na testa.

Num dia de ensaio geral de *black-out*, enquanto a cidade estava toda escura e um avião teco-teco ia avisando pelo rádio os pontos onde havia luzes acesas – apaguem as luzes, apaguem as luzes. Este é um exercício de defesa aérea – encontrei Mr. Shell fumando na janela e lhe perguntei se aquilo estava mesmo parecido com uma noite de guerra. Mr. Shell me olhou bem sério e, naquele seu português todo embrulhado, me explicou que não podia saber porque nunca havia estado num lugar onde tivesse havido guerra. Não tinha a menor ideia. Talvez para me consolar, completou dizendo que achava que era assim mesmo. Estava parecido sim. E não disse mais nada. Ou melhor, começou a falar no Maine. Mas aquilo não interessava porque a declaração de Mr. Shell era uma bomba. No íntimo, tinha quase a certeza de que Mr. Shell era um herói de tremendas batalhas e que tinha brigado como o diabo. Cheguei a perguntar a meu tio se Mr. Shell não estava blefando, mas meu tio disse que não. Pelo que sabia, ele estava dizendo a verdade. Depois disso, comecei a ver em Mr. Shell apenas um sujeito com mania de comer *cream-crackers* e muito chateado porque estava longe de casa, de sua família, cujo retrato trazia numa carteira de dinheiro. Só isso. Um homem triste e para quem o fascinante jogo da guerra não podia rivalizar com uma boa pescaria nos ribeirões do Maine.

“Você precisa comprar bônus de guerra”, gritava o cartaz onde aparecia um soldado apontando com um dedo indicador. Um cartaz pregado em todos os botequins, escolas, vales e quebradas. “En la vereda tropical, la noche calida de quietud”... e lá vão pela sala deslizante graças à raspa de vela jogada no soalho antes de começar o baile. À medida que deslizam, a luz dos *spot-lights* bate nos cabelos repartidos de lado e fixados com grossas camadas de brilhantina Colgate. Na vereda tropical, palmeiras e um vento soprando enquanto o sol de fogo cai dentro do mar.

Em 1942/45 explodiam nomes como Tarawa, Ilha Wake, Guadalcanal, Batan e outros. Mas a existência desses nomes estava condicionada às “Atualidades Paramount”, complemento apresentado antes do filme principal. Sombras sobre a tela falando de heroísmo e morte. Na realidade, apenas um digestivo programa dominical, duramente cavado *através* de tostões arrecadados du-

rante a semana. Porque na semana, o que havia, de fato, era um outro mundo mágico que nascia debaixo da ponte da Vila Rubim e ia até o Parque Moscoso. Dentro desse mundo, a selva úmida do mercado com suas hortaliças molhadas e vicejantes e as canoas descendo do rio Santa Maria carregadas de lenha e de sacos de cereais, movidas por remadores que cantavam alguma coisa que jamais soube do que se tratava. Era no clube? Ou não? Uma dúvida que também jamais foi possível esclarecer. Mas o que estava no meio da curva da rua perpendicular a uma escadaria, cujo nome se perde na fumaça azulada produzida pela cozinha que funcionava sem parar, o que lá estava era bastante real. Um casarão amarelo e comprido onde nas noites de sábado muitos personagens mágicos dançavam. Aliás, não apenas dançavam como também fornecavam. Quanto a isto não havia a menor dúvida, eis que pelas frestas largas das janelas laterais ao salão de baile podia-se constatar o fato. E o fato era um casal se abraçando e beijando na penumbra de uma luz roxa. Imensos lábios vermelhos de uma bonita mulher de vestido estampado com flores amarelas e que era feito de modo a revelar pernas muito bem e não somente pernas muito bem mas bem. Não. Impossível dizer, porque aquilo estava completamente fora de qualquer coisa que pudesse ser dita. Longe de Tarawa, longe de Sebastopol, um casal se amava enquanto um trombone desenhava um *blues* na noite engolfada por um desejo gigantesco, maior e mais alto do que aqueles prédios que se perdiam na neblina pousada no morro fronteiro. Ilhado em sua pouca idade, fervendo de inquietação, continuava a observar aquelas mulheres superadornadas de colares, sapatos altos e bocas *ultraencarnadas*, entrando e saindo pela porta do clube ou do que fosse. Não podia esquecer-se de todas aquelas possibilidades que lhe escorriam das mãos como água, logo elas que estavam ao alcance dos seus braços. Como podia ser aquilo? Partir e brigar na rua. Sabia que se tratava de uma perfeita imbecilidade essa de ficar trocando murros com os outros moleques enquanto tantas outras coisas importantes aconteciam. Mas o que podia fazer? Era um tempo de Arqueiro Verde, Victor Jory e outros heróis da tela e então era preciso que houvesse a “Turma do Quadro” e a “Turma da Rua de Baixo”, inimigas de morte. Da mesma maneira como existiam o Eixo e os Aliados, os bandidos e o Arqueiro Verde. Vagamente percebia o ridículo da situação. Mas os companheiros atiçavam e embora quase sempre o evitasse, já que brigar nunca tinha sido realmente o seu forte,

brigava por necessidade. Mas nunca suportou. Sendo inevitável, apanhava e batia. Para nada. *La sangre*.

Uma realidade suja no Bar Lopes, ali embaixo na esquina, no prédio de cimento armado, cinzento e penumbroso. Suja? A memória falha, embora fique a certeza de que algo muito desagradável aconteceu ali perto. Os fregueses? Talvez, em parte. Soldados de polícia, bêbados armando uma briga feia onde despontavam os cassetes. Copos voando. Barulho de vidro quebrado. Mas é difícil estabelecer agora uma ligação entre esse bar e a sensação desagradável, muito forte. Há uma vasta pedra no meio do caminho. A lembrança do tiro que saiu daquele bar e foi bater no marco da janela onde dormia. Inútil porque me escapa o principal. Há prostitutas bebendo cachaça, um mendigo deitado na calçada e o vendedor de milho assado soprando aquele fogo pela noite adentro. O bar fica próximo do Clube Stá Cruel donde vem o barulho de tambores que abafam o som longínquo de um pistom. Mergulhado na selva tropical, espreito com meus pobres olhos os inimigos que deslizam nas sombras. Um animal na toca e que não ousa colocar nem a cabeça de fora, porque senão lá vem o grito pavoroso: “Alemão, quinta-coluna!!!” Explicar que não sou alemão nem nada? Que aqueles meus cabelos louros, embora possam efetivamente causar confusão, não são de nenhum alemão desgraçado? Explicar que meu pai, lá em Campinho, colecionava a revista *Netuno* e todos estamos torcendo pelos Aliados?

Mas um bicho não pode ficar na toca o tempo todo. Como todo bicho, precisa sair para buscar alimento e beber água e, no meu caso, a obrigação de apanhar o terno branco de meu tio no Chang Ye. Então, os outros bichos, na selva tropical, “en la vereda tropical”, me cercam. São cinco ou seis que me tapam a passagem, a mim que estou com o terno branco nos braços, embrulhado num papel manilha verde. “Alemão quinta-coluna!!!” – dizem eles. Porém há um mínimo de honra na *jungle* porque agora apenas um deles se destaca do grupo e vem para perto do centro onde estou rodeado pelos outros. Querem dizer que o insulto pertence ao grupo mas o grupo não é covarde para atacar todo junto. Tenho vontade de pedir por que estão me insultando, por quê? Tinha a certeza de que não havia nunca insultado a nenhum deles, etc. Ou que não era nada disso, porque eu nem mesmo era alemão, embora parecesse, etc. A prova era que meu pai colecionava a revista *Netuno*, onde desfilavam os soldados indianos, aqueles com um pano enrolado na cabeça e que tinham um nome muito complicado. Mas já me parecia bastante claro que ninguém estava interessado

em explicações. E isto porque, garotos como eu, tinham descoberto o fascinante jogo da guerra. O inimigo é o mal e é preciso extirpar seja a que preço for. Se os grandes faziam o jogo, não podiam estragar a brincadeira com muitas explicações. As explicações podiam estragar tudo. Ninguém lhes tiraria aquela oportunidade de *lutar pela democracia*. E ali estava o inimigo, um alemão desgraçado com um terno branco embrulhado num papel manilha verde e mostrando visíveis sinais de medo. A vitória do bem sobre o mal começava a se desenhar. O que havia se destacado do grupo, um menino esguio e ágil e que parecia alto como uma torre, chegou-se para mais perto e deu-me um empurrão que me desequilibrou e quase me fez cair. Era agora ou nunca. Sei perfeitamente a origem de uma revolta gigantesca contra a injustiça. Sei perfeitamente. É alguma coisa que nasce um pouco acima do estômago e vem subindo devagar mas com uma marcha inexorável. E essa coisa é um negócio de poder indestrutível. É um escudo de ferro misturado com lanças de aço, sei lá, uma coisa muito terrível. Pedi licença para passar com o terno, que depusitei em cima do muro de pedra que ficava ao lado, voltei para dentro do círculo onde o outro me esperava com os punhos no ar. Tudo aconteceu rapidamente. Ao mesmo tempo em que ele me acertava um murro em cima do peito, que começou a doer e arder muito, acertei-lhe um soco em cima de seu olho direito, que abriu imediatamente uma brecha de onde passou a escorrer muito sangue. O outro começou a gritar como um desesperado, o resto da turma se dispersou e eu, apavorado, apanhei o terno de cima do muro e fui correndo para casa, para minha toca. Joguei o terno rapidamente sobre uma cama e fui sentar-me na mesa onde meus tios jantavam. Vejo com nitidez a posta de peixe frito que minha avó colocou no meu prato enquanto eu tremia. Perguntaram duas coisas: por que estava tremendo e por que aqueles gritos vindos da rua. Disse que estava tremendo de frio e quanto aos gritos não sabia o que era. Um grande medo de abrir outra frente dentro de minha própria toca. Ninguém desconfiou e então comecei a sentir uma estranha sensação de poder, enquanto engolia o peixe frito com arroz. Já tinha visto até em filme, mas nunca podia imaginar que era tão fácil. Olhava para meus braços e mãos como se fosse pela primeira vez, quase não podendo acreditar no que haviam feito. Um sentimento de poder nascido de um sentimento de injustiça, embora os outros estivessem convencidos de que fora apenas uma derrota da democracia, uma vitória do mal, da injustiça, portanto. Ali, eu pensava mais tarde, estava a matéria-prima da guerra. Alguma coisa agarrada no próprio coração do homem.

NOVAS CRÔNICAS DE ROBERTO MAZZINI

Cafés/Livraria

Quem diria? O tabaco já foi considerado planta milagrosa pelo seu poder curativo e era mesmo considerado como o “divino tabaco”. Mas o fato é que, antes de descer aos infernos, a erva nicotiana, juntamente com o café, influenciaram de maneira positiva os hábitos dos europeus a partir do século dezesseis.

Os cafés se espalharam pela Europa e mudaram hábitos como, por exemplo, o dos excessos alcoólicos, nos famosos “becos do gim”. A suave bebida reunia nesses estabelecimentos pessoas como os literatos da época. Os cafés chegaram mesmo a se transformar em instituições que, inclusive, não escaparam da verve e do velho humor como nessa passagem de Macaulay, citada pelo historiador Burns: “Havia cafés em que os melhores médicos podiam ser consultados... Havia cafés puritanos em que não se ouvia uma única praga e onde homens de cabelos escorridos discutiam, em voz fanhosa, sobre os eleitos e os réprobos; cafés de judeus onde cambistas de olhos pretos, vindos de Veneza e Amsterdam, se saudavam mutuamente; e como acreditavam os bons protestantes, os cafés papistas eram os lugares onde os jesuítas tramavam outro grande incêndio por cima das xícaras e fundiam balas de prata para matar o rei.”

Ainda no outro dia, num almoço com Pedro J. Nunes, Regner Castelo e Sebastião Lyrio, lá no São Pedro, que (aviso aos navegantes) voltou a ser o São Pedro da moqueca de sabor do tempo do aterro da Beira-Mar, isto é, um prato movido a segredos corporativos que não constam dos meros formulários burocráticos dos livros de receita, ainda no outro dia, dizia, Regner Castelo falava que pôde afinal compreender melhor Paris, a atmosfera de Paris, no famoso Café de Flore, onde talheres, xícaras e todo o ambiente pareciam estar sempre citando escritores que o frequentaram.

Cafés de longos e deliciosos papos com meus amigos Paulo Ernesto Tolle e Roberto Boclin, em São Paulo e no Rio, onde se jogava conversa fora mas também muita conversa para dentro.

Aqui em Vitória, mais ou menos entre os anos trinta e cinquenta, havia o Café Central, na Praça Oito, o Café Avenida, na velha Praça da Independência, o Café Americano, na confluência das ruas Florentino Avidos, ou melhor, Rua do Comércio e Rua General Osório, e o Café Elite, perto do cais do porto. O Café Almeidi-

nha, na Praça Oito, já pode ser considerado um café de transição porque a freguesia era servida de pé, ao longo de extenso balcão, e, depois, ia conversar no lado de fora, sob as árvores da praça. O café clássico, no modelo europeu, é aquele outro em que as pessoas ficam horas diante de uma simples xícara resolvendo os problemas do homem e do mundo. Aliás, ainda no final dos anos setenta me disseram o mesmo quando tomávamos café num desses estabelecimentos da margem esquerda do Sena, ao lado da livraria Hachette: “Peça um cafezinho e não se preocupe. Pode ficar o tempo que quiser sentado na mesa que ninguém vem lhe perturbar.” Enfim, uma reminiscência do clássico café dos bons tempos. Não sei qual teoria microeconômica pode explicar a persistência, no tempo, de cafés parisienses desse tipo, isto é, de grandes espaços comerciais ocupados por pessoas que apenas consomem xicrinhas de café. Aqui em Vitória ficou clara a impossibilidade da permanência de cafés com esse perfil e, por isso, acabaram todos, inclusive o inovador Almeidinha. Vieram as lanchonetes mas esse é um fenômeno diferente. Ninguém fica conversando nas lanchonetes, que atendem a um outro tipo de necessidade. A cidade cresce, as pessoas moram cada vez mais longe e trabalham no Centro. No intervalo do almoço, como fica difícil ir e voltar de casa, o jeito é enfrentar um sanduíche de pernil, o famoso ovo cozido de casca amarela ou um pf caprichado. Enfim, papo zero porque o tempo ruge.

E as conversas, o hábito latino de ficar conversando sem compromisso? E os poetas com seus versos, os intelectuais, em geral com suas elucubrações? Entidades indispensáveis em qualquer sociedade civilizada.

Ao que me consta, o socorro, isto é, o preenchimento do vazio provocado pelo sumiço dos cafés, da ausência de locais para conversas do gênero, nos anos sessenta, migrou desses estabelecimentos para uma livraria, a Livraria Âncora, na Ladeira Nestor Gomes. Se houve predecessores, retifique-se. Mas quanto à Livraria Âncora, foi um claro refúgio, um oásis onde montavam tenda Guilherme Santos Neves, Nelson Abel de Almeida, Eugênio Sette, José Leão Nunes, Cristiano Ferreira Fraga, Eurípedes Queiroz do Valle e certamente outros que a memória não registra mas que registra sim a presença de Ivanilda, a musa da livraria, com seus olhos azuis de puro céu e um sorriso de menina despertando paixões.

Saltando no tempo, me vejo agora na Livraria Logos, do Silvio Folli, na Praia do Suá, onde aos sábados reúnem-se pessoas

para conversas sem compromisso e onde até, de vez em quando, se fala de literatura. Mas são sempre assuntos que respeitam as tradições desses grupos de conversa e de que não fazem parte quaisquer facções no sentido que lhe dá a sátira do citado Macaulay. Ao contrário, a única unanimidade é o espírito de camaradagem. Afinal, seria uma tolice a existência de grupos assim que se reunissem para discutir a quadratura do círculo e ao cabo se atirassem às respectivas carótidas. Eventuais e inevitáveis divergências se apagam diante do propósito maior, isto é, de um exercício de boa convivência humana. De fato, uma possibilidade um tanto subversiva para a dialética do conflito inevitável. Faço questão de nomear aqui esses perigosos subversivos. Ao grupo inicial da Logos, que já comemorou dez anos de existência, pertenceram João Bonino Moreira e Sérgio Bichara. Depois vieram Victor Biasutti, Francisco Grijó, Carlos Campos Jr., Renato Pacheco, Ivantir Borgo, Hormízio Muniz, Luiz Guilherme e Reinaldo Santos Neves, Getúlio Marcos Pereira Neves, Fernando Achiamé, José Neves, Henrique Herkenhoff, Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa, Pedro J. Nunes, Michel Minassa Jr., Luiz Romero de Oliveira. Não sei se esqueci de alguém. Mas a maioria está aí.

Me dizem que há também outros grupos semelhantes na cidade. Falo desse da Logos porque, com muito prazer, participo dele aos sábados pela manhã. Que todos tenham vida longa.

Filme sueco

Primeiro a dúvida. Seria (como se comentava) um filme de Ingmar Bergman? 1957, Vitória, ES. Portanto, Bergman como notícia da “outra parte”, das comunidades estranhas que mandavam recados além da fome, da miséria física em geral e da pobreza de informações. Uma “outra parte” que mandava dizer em que pé estava a exploração dos limites desse único bicho que sabe que vai morrer. Inclusive explicações para as notícias que chegavam dessa “outra parte” que vivia próxima do Círculo Ártico acerca da doença do suicídio que teria atacado por lá. Será que vai chegar o dia em que apenas deixarão uma carta coletiva dizendo que a solução era a de jogar-se dos seus fiordes? Liquidar com toda a experiência humana? Seria esse o recado final? Estariam desistindo? Que teria o Bergman a dizer sobre isso? Como ficarão os “deste lado” ainda com tantos problemas mais “animais” e que tentam erguer a cabeça para enxergar acima e além do estômago?

Enfim, no caso imediato, será ou não um filme de Bergman, o sueco, com suas neuroses que são também as nossas, com o tempero das crises existenciais da adolescência e pós?

Passou cedo pelo Trianon. Ainda não haviam colocado os cartazes dos filmes da semana. Pela porta semiaberta tentou ver se descobria alguma coisa. Não viu nada nem ninguém. Só à tarde apareceu o cartaz do dia: Hoje, Hoje, às 20 horas, *Ela dançou somente um verão* – filme sueco. Estava confirmado no cartaz, pintado com aquela característica tinta azul, um filme sueco que ele não podia admitir não fosse do Bergman. Aquele diretor tão falado pelo José Carlos Oliveira, jucutuquarense ilustre já instalado no Rio. Zé Carlos, com as informações privilegiadas obtidas nas redações da Capital Federal, me dizia que esse tal de Bergman tinha crises paradoxais. Quase entrava em desespero porque dizia que sua obra cinematográfica se baseava numa ilusão. A ilusão de ótica que proporcionava a falsa sensação de movimento no cinema. Sua arte só existia virtualmente e se baseava numa deficiência do olho humano.

Puxa, um banquete neurótico para ninguém botar defeito. Mas havia uma quase unanimidade: Bergman, com todas as suas inseguranças, era um gênio e sabia, como nenhum outro no cinema, levantar os conflitos da vida civilizada.

“Você assistiu *Noites de circo, Morangos silvestres...*?”

“Não, não assisti.” Daí a grande expectativa, hoje, hoje, filme sueco no Trianon, que seria de Bergman (claro que não era).

A fotografia amarelada dava o tom daquele verão que duraria meses e onde não havia noite. Mas era um dia desbotado, cheio de sombras e de pessoas zanzando pela casa, uns dormindo o tempo todo, outros conversando e falando da vida, mas nada que furasse as fronteiras do convencional, um filme sueco bem pouco filme sueco. Cadê o Bergman? E as pessoas continuavam andando pela casa como sonâmbulas e conversando sobre não sei o quê, mas principalmente sobre um certo baile que seria realizado dali a pouco. Deveria haver uma personagem que dançaria somente naquele verão e depois morreria. Isso deve ter acontecido para haver coerência com o título do filme. Mas, francamente, não me lembro. O filme sueco acabando e o Bergman não dizendo coisa com coisa. (Será que a mensagem era aquela? Era preciso ficar atento. Há muitas sutilezas usadas por esses do “outro lado”).

Lembrou-se que ao entrar na sala, já tendo começado o complemento nacional obrigatório, deram-lhe um folheto com infor-

mações sobre este filme. Para conferir, deu uma rápida chegada na sala de espera e verificou que o filme não era de Bergman nenhum. Era de um Sven de tal. Ah, bom. Voltou para assistir o resto do filme. Que remédio? Não podia se dar o luxo de gastar o dinheiro da entrada e deixar o filme pelo meio.

Os personagens se amontoavam num canto da sala depois de uma bebedeira homérica. Não era dia, não era noite e vamos indo.

Mas, quase terminando, o filme se salvou por causa de uma chuva. Isso mesmo. O melhor filme de chuva que vi até hoje. Os que me conhecem sabem que sou fã de chuva, sem desastres, claro. Tenho grandes chuvas catalogadas na memória e fico me perguntando se a mania não começou com esse filme. Pode ser. Que me lembre, na vida real só vi uma chuva que se poderia igualar a essa do filme. Foi aqui, no interior do Espírito Santo, num sítio. De repente, uma cortina de chuva batida pelo sol em contraste com o fundo escuro da mata fechada situada num vale. A cortina se deslocando, com incrível beleza, da esquerda para a direita, em longuíssimos pingos caindo verticalmente, num impecável *show* de elegância oferecido pela natureza. Um espetáculo tão bonito que merecia ter sido encenado dentro de um sonho. Não foi um sonho. Aconteceu. Não fosse o testemunho de minha mulher, que assistiu comigo, estaria inclinado a pensar que teria sido vítima de uma alucinação maravilhosa.

Falo dessa tal chuva do sítio para estabelecer uma espécie de padrão de qualidade para as “grandes chuvas” arquivadas na memória. No real, a chuva do sítio, na imagem, a do filme sueco, chuvas do *pantheon* das águas.

Era num lago de águas tranquilas no lusco-fusco do verão do Círculo Ártico. Juncos, com suas hastes flexíveis, balançavam com uma aragem que vinha de um fundo mais escuro carregado de nuvens. Creio que a moça que dançaria apenas um verão estaria à beira do lago mas não posso assegurar. Lentamente os pingos de chuva vão furando a calma superfície do lago e numa sequência quase musical vão aumentando de intensidade até chegar a uma apoteose líquida que tomou conta do lago e da floresta a seu redor. Esse espetáculo, que evidentemente é impossível de ser descrito, persiste em minha imaginação como um dos momentos altos da arte cinematográfica.

Enfim, não tínhamos ainda o Bergman mas tínhamos o Sven de tal com a arma secreta da chuva. O que não era pouco.

Fumaças do Trianon

Meu pai foi um craque em coisas que pensava e fazia. Contudo, não quero falar aqui de suas qualidades mas de uma de suas rabugices. Contra filmes.

– Bobagens – dizia ele.

Os únicos filmes que o interessavam eram os que ele chamava de naturais. Acho que gostaria dessa série levada agora pela TV, *Planeta Terra*. Livro, para ele, tinha de ser no modelo *A vida das abelhas* de Maeterlinck (lido, relido e extensamente comentado).

Quando, no final dos anos quarenta, as tropas do mundo cinematográfico, com grandes contingentes europeus, acamparam em Jucutuquara, no Trianon, ao pé da Pedra do Bode, achei que a situação ia ficar difícil para ele. O cinema, construído a dois passos de nossa casa, era uma provocação muito forte. No entanto, a despeito de todo o alarido das tropas de ocupação no imaginário cinematográfico da cidade, meu pai não lhes deu atenção.

– Bobagens.

Mas meu pai, como disse, era um craque e, por baixo daquela casca radical, havia uma boa camada de senso de humor.

– Pai, que tal irmos hoje ao cinema com a mãe? – falei de surpresa. Está passando um filme muito bom baseado na vida de um compositor italiano. – Sublinhei o italiano para espicaçar suas raízes. O filme se chama *Um grande amor de Bellini*.

O convite bomba foi feito pela manhã. Na hora, apanhado de surpresa, o pai não disse nada. Escafedi-me para o trabalho e só voltei à noite.

Ao chegar, vi minha mãe no toucador passando loção de al-fazema, indispensável quando saía de casa. Pó de arroz, também, Coty, o de uma caixa grande com uma esponja e um pegador de seda. Não falei nada quando vi meu pai saindo do quarto vestindo passeio completo, envergando um terno de casimira inglesa. Essa roupa ele mandava fazer no Rio por um alfaiate ambulante chamado Garcia que tomava as medidas dos fregueses do interior do Estado, onde morávamos, e aparecia periodicamente na serraria de meu pai. As encomendas eram feitas à *Alfaiataria Estadual*, firma estabelecida na Rua Uruguaiana, no Rio.

Tomei café e, depois, com o ar mais displicente possível jun-tei-me aos dois.

– Vamos?

Fomos.

O Trianon, como sempre, a joia que brilhava na noite, prometendo alegrias e emoções em sua tela mágica. Não foi diferente nesse dia. Mas assistimos ao filme quase em silêncio. A situação exigia prudência.

– Gostaram do filme? – perguntei na saída. O sim e o sorriso de minha mãe dispensavam comentários.

– Gostei – disse meu pai com aquela sua voz de baixo profundo – um filme natural.

– ???

– *Um amor de Bellini*. O que é mais natural que o amor?

Mais não disse nem lhe foi perguntado.

A esperança de que ele transformasse a ida ao cinema num hábito para compensar um pouco sua dura vida de trabalho foi vã. Aquele foi o único filme a que assistiu no Trianon. Apenas para me agradar, estou certo. Como *hobby* continuou lendo sobre assuntos naturais e, entre eles, naturalmente, *A vida das abelhas*, ou criando as próprias no fundo do quintal ou ainda fabricando peças para o pré-sépio mecânico visitado até por gente que vinha de longe, no Natal.

Do Douro, naturalmente

O encontro foi muito bom: António Monteiro, Miguel Tallon e este que vos fala, num fim de tarde, digo, começamos de tarde mas ficamos até nove da noite naquele barzinho da Avenida República.

A moldura não poderia ser de melhor qualidade porque feita de chuva, frio e conversa boa.

Monteiro é um intelectual português, portador já de algumas décadas de vida nas costas. Desses portugueses históricos que respiram Dom Dinis, *Cancioneiro da Ajuda*, a consolidação da língua portuguesa, a batalha de Aljubarrota, as histórias da construção do mosteiro contadas por Alexandre Herculano, o infante Dom Henrique olhando o mar do promontório de Sagres e assim por diante. Ele discorre sobre esses temas com aquela segurança que vem de uma sólida sabedoria avoenga.

Como estava frio foi inevitável lembrar de caldos verdes temperados com azeites finos e servidos nas adegas do Reino ao som de fados plangentes.

Então, ora pois. Monteiro ali, por inteiro, falando de sua vida de rebelde em Portugal, um doce rebelde – acredito – porque não posso imaginá-lo agredindo ninguém nem mesmo com um talo de mamoeiro, embora essa não fosse a opinião da Pide, que o deixou preso em seus cárceres por nove vezes.

Monteiro fala de sua mocidade, de seus primeiros tempos em Vitória. Lembra de amigos como o patrício Teixeira, proprietário de um negócio de “molhados & snookers” (naquele tempo ninguém tinha peito de dizer apenas sinucas) estabelecido por aqui mesmo, nesta mesma Avenida República.

Naquela época, Monteiro gostava de pescar e, por isso, certo dia aceitou convite para uma pescaria, de outro amigo, um gaúcho radicado no Espírito Santo, o Brasiliense Tenório.

“E vamos lá no domingo” – disse o Brasiliense.

“E vamos” – disse Monteiro.

No dia apazado, vão eles. Chegam ao barco. Brasiliense vai até à proa, saca um boné e simplesmente muda de personalidade. Não é mais o amigo Brasiliense mas o indiscutível comandante. Monteiro, claro, pelas inflexíveis regras do mar, é seu subordinado e lhe deve a mais estrita obediência. Piratas dependurados em pontas de cordas pendentes de portalós, depois de motins fracassados, fazem parte de um inconsciente coletivo que, inconscientemente, levam Monteiro a uma atitude de submissão incondicional.

“Claro, comandante. As suas ordens.”

Imperturbável, Brasiliense continua as operações de desatracção do barco e determina:

“Puxe a poita!!!”

Monteiro a puxa e o barco navega pela baía de Vitória em busca do farto pescado prometido pela sapiência marinheira do comandante Brasiliense. Remam que remam. Os peixes ignoram as imperativas determinações do comandante e fogem indisciplinadamente. Enfim, regressam sem peixe mas o Brasiliense não se abala e, bigodes ao vento, orienta as operações de atracção com uma última ordem:

“Solta a poita!!!”

Monteiro, o marinheiro, a solta.

Amarrado o barco ao cais, o Brasiliense, livre do boné e das agruras do comando, volta a ser o amigo de sempre.

Mas ali, na mesa do bar, Brasiliense é apenas uma sombra nostálgica e Monteiro faz questão de repetir que, afora esses ino-

centes rasgos de redescobridor do cabo da Boa Esperança, ele foi sempre um amigo disposto a ajudar seus amigos.

Monteiro se diverte contando essas coisas e nós também.

“Monteiro, você é de que parte de Portugal?”

“Do Douro, naturalmente.”

Aquele naturalmente acendia cautelas.

Minha escassa experiência portuguesa entra com o Chiado lisboeta, a casa Havaneza e a Livraria Bertrand, aquela que fica logo à esquerda. Lanço essas coordenadas como balão de ensaio. Miguel fala da Vila Nova de Gaia e das pipas de vinho transportadas em compridas canoas que Monteiro classifica como barcos rabelos. Com essa estocada do Miguel ele rememora e abre a guarda.

“Vila Nova de Gaia... bem defronte do Porto.”

De lambujem percebo que, ao menos em parte, minhas coordenadas portuguesas foram absorvidas por Monteiro, embora à Livraria Bertrand ele contraponha Lello & Irmão, “uma livraria bem mais simpática, com um acervo superior devidamente arrumado em móveis de mogno muito envernizados”, acentua Monteiro.

“Rua das Carmelitas” – acrescento.

“Claro. Mas conheces o Porto?”

“Não. Mas sei que a Livraria Lello fica nesse endereço porque é a editora do Eça.” Mais uma vez o velho Eça me deu uma mãozinha porque percebo que Monteiro adotou um pouco seu radicalismo portuense.

Monteiro prossegue em sua prosa e já agora nos fala da Pedra Azul. É lá que ele tem um sítio onde passa os meses de brasa, esses que nos torram aqui em Vitória. Aliás, Monteiro é autor do prefácio da *História da Pedra Azul*, livro escrito por seu falecido amigo Júlio de Oliveira Pinho e editado pelo Instituto Histórico.

“Agora, não sou mais nem português nem brasileiro” – diz Monteiro num arroubo característico – “agora sou pedrazulense”.

Compreendo Monteiro. Na dialética que ele mesmo revela em seu livro de poemas *De cá e de lá* e que ao final é o caso de todo emigrado que se divide entre a pátria de origem e a terra que o acolheu, ele encontrou a síntese em Pedra Azul. Sabiamente.

Chiquinho, o nobre cachorro

Sempre se disse que, com o tempo, o cachorro passa a ser uma espécie de membro da família. Parece que há consenso nisso. Mas no caso de Chiquinho havia um problema. Nós o considerávamos assim, um membro da família com suas quatro patas, um apêndice caudal característico e assim por diante. O problema era outro. Para dizer com franqueza e deixando de lado qualquer coisa parecida com sentimento de humilhação, o que era preciso saber é se *ele* se considerava da família. Dúvida procedente, como se verá adiante. Aliás, o próprio nome, Chiquinho, lhe foi dado numa tentativa de amainar os espinhos de seu nome original: “Goldenpulver von Grasper”. Lido o seu *pedigree*, com avós e bisavós de nomes dinásticos, pudemos logo compreender sua pose e a desenvoltura com que entrou em nossa casa como quem entra em território próprio. Ele veio do Rio de Janeiro no porão de carga (deve ter achado isso um acinte) de um avião de carreira. Mal chegou e apenas apresentado à minha filha, sua pretensa dona, o tal Goldenpulver subiu correndo a escada do corredor sem que ninguém lhe tivesse dado autorização para isso. Pegou direto uma de minhas meias do par de seda que eu havia comprado para ir a um casamento no sábado seguinte. Tentei salvar as meias e o que ganhei foi uma dentada no polegar. O sangue brotou. O *beagle* saiu todo chibante como se não tivesse acontecido nada. Deixa ele, é apenas um filhotinho, disseram os partidários da recém fundada associação de proteção de sua excelência. Deixei. É apenas um filhotinho, disse a mim mesmo, conformado.

Chiquinho, Chiquinho, repetíamos para tirar de letra o peso do *pedigree*. Tentávamos dar muito carinho ao cachorro na tentativa de fazê-lo menos posudo.

Não sei se todos vocês conhecem o beagle. Um cãozinho que tem um rabo de ponta branca, vergado como uma cimitarra sarracena e que ele exhibia como um estandarte proclamando aos ventos a nobreza de sua estirpe, acentuada pelo andar altivo e uma expressão de indiferença superior.

Para tentar compreender aquele personagem que se dignava a habitar nossa casa, comprei um livro sobre cachorro. Passei a entender um pouco o que se passava. Dizia o livro que o cão da raça *beagle* considera-se o chefe do clã doméstico. Ou seja, éramos todos súditos da matilha do senhor de Goldenpulver e, certamente, ele era um desses líderes que não gostam de dar intimidade.

A coisa era divertida. Passamos a jogar o jogo do nobre beagle. Em certos momentos chegamos mesmo a duvidar se era mesmo um jogo porque estávamos todos impressionados pelo charme daquele cavalheiro inglês com seus olhos doces encobrendo uma férrea disposição totalitária.

Chiquinho recusava-se terminantemente a fazer qualquer coisa que normalmente se espera de um cachorro. A desconhecidos que chegavam ao portão, dava uma acolhida afetuosa que jamais dispensava aos de casa. Fazia festas a qualquer um que chegasse. Está certo, não havia comprado o *beagle* para ser cão de guarda. Mas não precisava exagerar.

Recorri mais uma vez ao livro de cachorro para tentar descobrir aquele seu desligamento total quanto à segurança da casa. Acho que encontrei a resposta. O *beagle* é um caçador de lebre. De lebre, compreendeu? Não é coelho, seu ignorante. Só então comecei a entender o meu fracasso para estimulá-lo a cumprir obrigações mínimas que se esperam de um cachorro. Nessas horas ele me olhava de lado e geralmente se deitava. Parecia estar me dizendo: “Há lebres por aqui? Se não há, não me aborreça. Sou um profissional especializado.”

Quando ficou adulto, Chiquinho parecia olhar com ar de desprezo o espaço que lhe foi destinado: um pequeno quintal onde construí para ele uma casa em que jamais se dignou a entrar. Certamente por não achá-la digna de um nobre com sua estirpe. Uma casinha de cachorro com chão de cerâmica, fachada em estilo colonial e um cobogó de louça vazada para ventilação. Não sei qual o detalhe da construção que o desagradou. Por isso ou por aquilo, o fato é que ele jamais colocou as patas dentro dessa casa.

Algumas vezes surpreendi Chiquinho olhando o pequeno quintal com olhos semicerrados como a medi-lo. Pouco espaço – sentia-se que era isso o que pensava. O tal livro dizia que o *beagle* precisa de muito espaço para gastar sua formidável energia. Nesses momentos, sentia uma certa pena do animalzinho em cujos olhos pressentia uma saudade das charnecas inglesas, dos banhados coalhados de lebres nos imensos campos de caça dos lordes. Agora, ali, confinado no pequeno quintal margeado por muros de pedra. Mas eu não ia comprar o terreno contíguo nem alugar um trator para demolir um muro a fim de dar acesso à pequena mata que ficava nos fundos da casa. Chiquinho que se conformasse.

Ah, é? No princípio não entendi direito o que acontecia quando aquele bólido passou por mim quase me derrubando e a

empregada começou a gritar. Quando o bólido bateu nos azulejos da cozinha, perto do armário, identifiquei Chiquinho que já vinha de volta com a mesma velocidade, passando pela porta aberta e desaparecendo no quintal. Fui para a porta ver o que estava acontecendo e ainda cheguei a ver Chiquinho batendo no muro de pedra com toda violência e já voltando para bater outra vez na parede azulejada da cozinha. Fiquei espantado vendo o cachorro fazendo seu fulminante trajeto de ida e volta e batendo violentamente contra aqueles obstáculos. Admiti, como a empregada proclamava aos berros, que Chiquinho, apesar de vacinado regularmente, havia ficado doido. Minutos depois, cansado, com a língua de fora, o *beagle* sentou-se ao lado (nunca dentro) da casa que eu havia construído para ele, fechou os olhos e dormiu. Fui ao livro, mas, daquela vez, não obtive nenhuma informação esclarecedora. É possível que ele não pudesse ser completamente explicado em livros elementares de cinofilia. Mas a mensagem não podia ser mais clara. Chiquinho não se adaptava a um confinamento urbano ainda que fosse num quintal. Respeitei seu protesto embora não pudesse compreender como ele não quebrava algum ou todos os ossos naquele embate inglório contra paredes e muros.

Sim, é verdade. Já estava passando da época e aquilo também podia explicar essas súbitas explosões de energia. Chiquinho ainda era virgem e eu não ousava apresentá-lo às vira-latas que viviam por perto. Deixei o tempo correr. Naquela época, em Vitória, havia poucos *beagles*. Certo dia um amigo me telefonou dizendo que havia comprado uma fêmea da raça, a Keka, e me perguntou se não queria cruzá-la com Chiquinho. Fiz todas as perguntas que, tinha a certeza, o nosso cachorro gostaria que fossem feitas. Pedigree, costumes, aparência e por aí. Exageros? Conhecia a minha peça. A Keka era uma *beagle* de origem americana. Bom – disse comigo – acho que não vai haver problema por esse simples detalhe. Afinal Inglaterra e EEUU, a língua e a história comuns, Churchill e Roosevelt, Segunda Guerra. Enfim, improvável que Chiquinho fizesse objeções pela falta de tradição aristocrática por parte daquela americaninha. As afinidades seriam mais fortes. Sabe de uma coisa, esse nosso *beagle* que fosse plantar batatas. Iríamos, sim, apresentá-lo à Keka. Lá fomos eu e minha filha levá-lo até à cidade, onde morava a cachorrinha americana.

Assim que viu a Keka, Chiquinho ficou transtornado. Amor à primeira vista. A fulminante paixão de Chiquinho fê-lo pular de

nosso colo para apresentar-se ele mesmo àquela menina *beagle*, de fato muito bonita. Aliás, acho que em matéria de beleza o *beagle* ganha de todos. Keka não negava a raça. Era uma cadelinha faceira, olhos derramando mel e uma pelagem tricolor brilhante, a mesma de Chiquinho. Enquanto conversávamos, não percebemos o que estava acontecendo.

E o que estava acontecendo é que simplesmente a Keka não estava aceitando o assédio de Chiquinho. Meteu-se no meio de umas telhas no fundo do quintal e não havia jeito de sair de lá. Os ganidos e latidos de Chiquinho não faziam o menor efeito. De vez em quando ele voltava para nosso lado, língua de fora, ofegante e ar de decepção total. Fomos até o monte de telhas, tiramos a Keka para tentar uma conciliação. Mal se viu no chão, a Keka começou a correr e Chiquinho atrás. Ficaram rodando assim durante mais de dez minutos, ao fim dos quais Chiquinho, derrotado, desistiu e veio sentar-se a nossos pés, orgulho massacrado.

Depois dessa decepção amorosa, Chiquinho mudou muito. Passou a ter um comportamento boêmio que chegava à irresponsabilidade. Para se ter ideia, certo dia passou a disputar uma cadelinha com um enorme pastor alemão que tinha umas cinco vezes o tamanho dele. No entretanto, o pastor levantou Chiquinho no ar, pelos dentes, e o depositou no chão para completar o massacre. Não fosse a intervenção de minha filha, a história de Chiquinho terminaria ali. Desde essa época, era um custo segurá-lo em casa. Qualquer descuido com o portão aberto, ele fugia. Passou a ficar conhecido no bairro e, não sei por quê, ganhou o apelido de Birila. Foi assim que ouvi o açougueiro chamá-lo quando o flagrei dentro do açougue da esquina pedindo um pedaço de carne.

Para terminar, um episódio que, por justiça deve ser relatado. Afinal esse episódio representou uma brecha na filosofia contemplativa de nosso grande caçador de lebres que jamais foram caçadas por inexistirem.

Certa manhã minha filha sai para passear com o Goldenpulver. Eis senão quando o caçador divisa em seu horizonte um burro deitado e cochilando ao sol. Não se sabe por quê, e jamais se vai saber, de repente Chiquinho olha o burro como se estivesse vendo aquele animal pela primeira vez. Também pela primeira vez ele assume a posição de cachorro caçador. Admirável. Chiquinho com todos os tiques e toques de um verdadeiro profissional. Um jeitão que humilharia qualquer *pointer* carregado de medalhas e *pedigrees*.

Chiquinho vinha rastejando em direção do burro. Pobre bicho. Não sabia o que o esperava com o ataque daquele pequeno animal que devia ter o segredo dos ninjas para enfrentar um outro muito maior que ele.

Chiquinho rastejando e se aproximando da presa. Coitado do burro. Impedir o ataque? Não. Esse é o mundo animal e afinal o cãozinho revelava o íntimo de sua natureza e não seria justo intervir.

Chiquinho continua se aproximando. O burro lá, parado. Ele chega a uns dois metros da presa. Agora, o ataque.

Não, não foi o ataque.

Chiquinho deixou de rastejar. Levantou-se, sacudiu-se e assumiu a pose de sempre. Não teria achado o burro um adversário à altura?

O burro? Dormia um sono profundo e nem percebeu a ameaça que pairou sobre ele por alguns minutos.

Chiquinho viveu conosco durante dezessete anos e ontem morreu. Por isso todas essas recordações, que afinal não devem esconder a grande ternura que tínhamos por ele.

Ainda bem

Nos começos de julho, por um tempo extremamente quente, saía um rapaz de um cubículo alugado, na travessa de S..., e, caminhando devagar, dirigia-se à ponte K...

Também vou caminhando, sabendo que sempre me cansei muito andando por esse caminho, por mais devagar que ande. Vou seguindo: “Trago uma coisa para empenhar!” – e puxou de um velho relógio de prata, de algibeira.

Desisto. Há uma força que me inibe de ir adiante na leitura desse clássico de Dostoiévski. Ponho o livro de lado e penso – ainda bem que não sou professor de literatura para tentar explicar por que jamais consegui ir adiante com o *Crime e castigo*. Estou certo que seria muito difícil. Confessando minha inexplicável ojeriza ao livro, certamente teria que enfrentar as pedradas dos admiradores do russo. Pedradas merecidas, acredito. Mas é assim. Pior que há precedente. Tive outra experiência negativa com Dostoiévski. Nos idos dos anos cinquenta, Álvaro Barbosa, amigo de Jucutuquara, me apareceu com olhos espantados dizendo que estava lendo um livro espetacular: *Recordações da casa dos mortos*, desse mesmo

Dostoiévski. Álvaro estava longe de fazer pose de leitor erudito. Lia por prazer. Trabalhava como contador de uma firma exportadora de café, a McKinley, uma multinacional. Se dizia que gostava, com olhos esbugalhados e tudo, é porque gostava mesmo. Eu já tinha ouvido falar no russo mas não conhecia nada dele. Quando terminou de ler, o Álvaro me emprestou o *Recordações*. Comecei a ler sentado à beira da vala mesmo, à noite, à luz dos postes de iluminação. Continuei a ler em casa mas meus olhos não esbugalharam. Até que tentei. Mas nada. Dias depois, devolvi o livro a um admirado Álvaro quando lhe disse que não havia conseguido gostar do livro. Dito o quê, passamos aos outros itens da pauta que, naquele tempo, na vala, entravam pela madrugada adentro. Me confortou não ter que dizer por que não gostei do livro. Álvaro dispensou o comentário crítico.

Sei que há tentativas de respostas para o fenômeno que não me interessam. Ou pelo menos não me interessam neste momento, sem qualquer sombra de desrespeito por quem o estuda. Mas confesso sentir um alívio por não ser obrigado a explicá-lo. Em outra direção, também não consigo dizer por que o Eça me deu aquela pancada. Que teria sido? O primo Basílio (Episódio doméstico). Lello & Irmão – Editores – Rua das Carmelitas, 144 – Porto. Ano? Não consta mas deve ser 1946, por aí. Começa o pobre homem de Póvoa do Varzim: “Tinham dado onze horas no cuco da sala de jantar. Jorge fechou o volume de Luís Figuiier que estivera folheando devagar, estirado na velha *voltaire* de marroquim escuro, espreguiçou-se, bocejou e disse:

- Tu não te vais vestir, Luísa?
- Logo.”

Quem poderia imaginar um início tão convencional, doméstico mesmo? E no entanto, no entanto, nas páginas seguintes fui encontrando a maior descoberta, a maior experiência literária de toda a minha vida. Ainda que não tenha que dar razões técnicas, fico me perguntando o porquê desse deslumbramento. Claro, em primeiro lugar, a linguagem que deixava os óculos, o fraque e a cartola de lado e vinha conversar conosco naquela mesa do bar do Guaracy, em Jucutuquara. José Carlos Oliveira morava perto dali mas ainda era muito criancinha e, naquela época, pelo que li mais tarde em suas crônicas, devia estar comprando uma cocada no bar de seu Dudu, que ficava uma porta adiante. Não queria saber de Eça mas dos doces de seu Dudu. Me lembro das cocadas que fica-

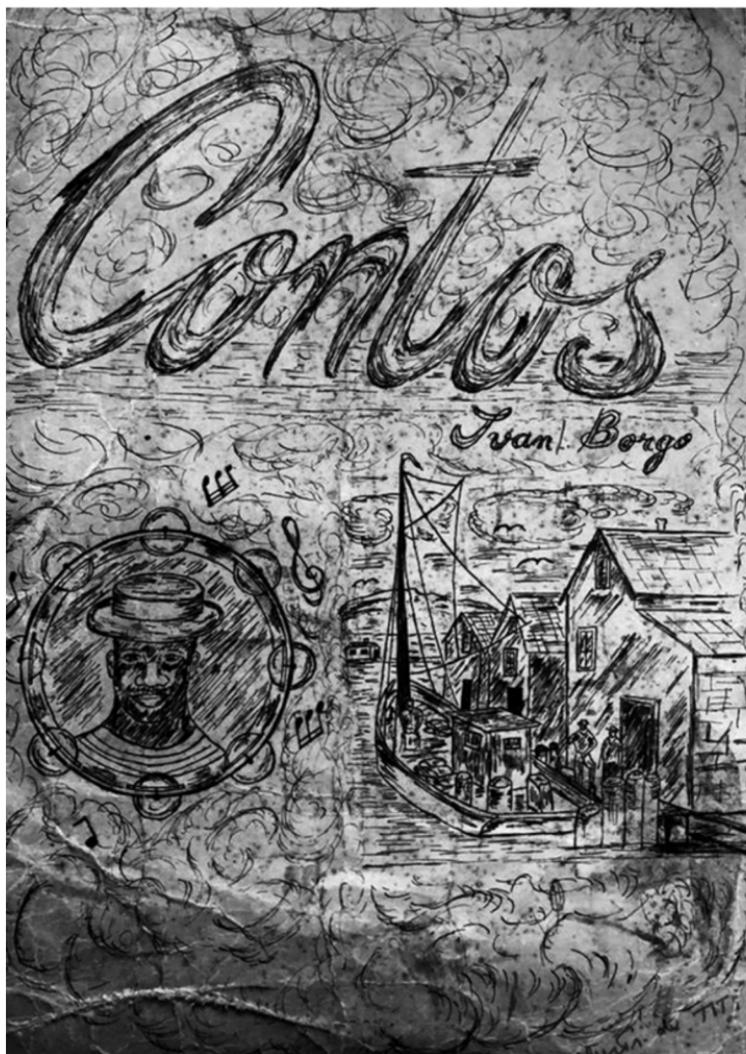
vam num vidro, em cima da geladeira. Enfim, Zé Carlos ficou fora do complô da explosão eciana. Mas então, isso. Por que o Eça me pegou pelo pé? Que teria acontecido de bom naquele domingo à tarde, essa parte da semana que ainda é de descanso mas já pairam no ar as ameaças dos fantásticos do cotidiano? De vez em quando tento levantar as circunstâncias em que se deu a descoberta do Primo Basílio. A mãe teria feito aquele macarrão gostoso na máquina? O meu cachorro Dick já podia ser considerado fora de perigo depois do atropelamento? O Fluminense teria vencido o jogo? Os manacás do beco começaram a perfumar a casa mais cedo? Pode ter sido tudo isso ou nada disso. O fato é que Eça passou a ser um ícone. Jamais me importei com os que diziam que ele não sabia escrever português. Ah, não? Achava também que Machado não fora justo em sua crítica tanto ao *Primo* como ao *Crime do Padre Amaro*.

Os estudiosos que o digam: Machado escreveu “Missa do Galo” antes ou depois de ler Eça de Queiroz? Tirem suas conclusões, em qualquer hipótese.

Outro: *Cem anos de solidão*. Tentei mas não deu. Inexplicável, pelo que pessoas de excelente gosto dizem da obra. Respeito a opinião delas mas a possibilidade de mudança de opinião de minha parte fica para a enésima e uma vez em que tentar ler o romance. Em compensação, *Crônica de uma morte anunciada*, também de García Márquez, me parece, essa sim, obra de um Nobel de literatura. Há a construção literária de alta qualidade, com achados primorosos como o da barca subindo o rio e o bispo acenando para um povo ribeirinho que o aplaude delirantemente. Mas, para mim, o forte do livro é o espectro do tabu que paira sobre a aldeia e sufoca as iniciativas individuais.

Enfim, diz-se agora que “gosto se discute”. Mais um prolongamento dos tempos de crê ou morre.

Gosto não se discute e ponto final.



Capa de Ivantir Borgo para um possível volume de contos de Ivan Borgo.

NAVEGANTES

Viagem

Laranja-seleta, gomos amarelados como o pasto da Grota da Capivara no cair do sol. Gosto bom. Água fria dói dente são, que dirá. Mas não. Essa água da Bica é leve como o ventinho que dobra as muxingas da ladeira que vem pra cá. Ruim é a espera de levar as reses para o curral e vigiar o sol. Qualquer descuido e passa da hora.

Agora veio no ar o cheiro do capim-gordura, que mexeu outra vez com o tesouro de sua memória: a viagem de trem. Pois a viagem era mais do que o céu e o mar juntos. Enfim, o mais que podia ser imaginado. O trem curvava lá embaixo, depois de passar o bambuzal, e vinha. Passava e a terra tremia, a terra vermelha virava poeira, o trem se resumia em janelas e braços, rostos, às vezes, e passava e às vezes apitava e, quando ele dava conta, já ia longe, sem que tivesse nunca a oportunidade de lhe pôr a mão, rápido como uma aragem.

Mas chegou aquele dia.

Tudo por causa do Arthur. Jamais o vira, porém tinha por ele uma estima quase igual à que tinha pelo seu cachorro. O Arthur era assim, lá longe, em Cachoeiro, tal qual o azulado dos Três Pontões, embora menos inacessível, pois sabia que só podia mesmo olhar de longe o azulado e as pedras negras que ficavam à altura do horizonte. Em seu coração pressentia que em tempo algum tocaria o azulado com as mãos e isso sempre lhe dava uma mágoa bem por dentro. Com o Arthur era diferente. A história começou quando sua tia lhe dissera que precisava acompanhá-la a Cachoeiro. E isso era muito. O mais, como efetivamente foi, de toda a sua vida. Mas não soube por que não mais a ela, a tia, teria de acompanhar a Cachoeiro, mas a seu pai.

Logo de madrugada abriu os olhos, espantado com a cor esbranquiçada do céu, porém era ainda muito cedo e a claridade era a do luar e não a do começo do dia.

Depois, com irritante lentidão, chegou a hora de se levantar. Olhou para fora e viu ainda algumas estrelas retardatárias, o que, de certo modo, lhe deu um pouco de ar de gente grande, pois ver estrelas de manhã seria talvez o começo de sua vida adulta, sua meta, seu sonho. Molhou o pedaço de pão no café tão afobada-

mente que respingou o terno de brim, tão novinho que conservava ainda o cheiro da venda.

Na charrete, o alazão suava e o sol apenas começava a nascer dentro do frio da manhã. Fingia que fumava, soprando o vapor formado pela umidade, e olhava em torno com ares muito importantes. No fundo, queria dizer a cada árvore, a cada pedaço de barreira que o via todas as quintas-feiras, quando ia ao moinho apanhar fubá, que hoje não ia apenas ao moinho mas viajaria de trem e para bem longe, ia pra Cachoeiro. Não seria bom subir na charrete e gritar que hoje viajaria de trem para onde deveria ser, pelo menos, o começo do fim do mundo?

Na estação, enquanto o pai comprava os bilhetes de passagem, aproveitava para dar uma volta e, principalmente, olhar os cartazes coloridos pregados na parede da estação. Agora sim, não seria como das outras vezes em que lia os cartazes quando acontecia o embarque ou o desembarque de algum parente ou conhecido. Agora ele próprio iria viajar e, por isso, lia os cartazes com todo o direito.

Mas havia, num canto da parede, um grande cartaz ainda não lido. Devia ter sido colocado recentemente. Falava na compra de amendoim com frete pago até a estação de Praia Formosa. O nome estalou diante dele como um desafio.

Praia Formosa?

Hoje vou é pra Cachoeiro, longe, bem longe. “Não é, pai? Cachoeiro não é mais longe que Praia Formosa?”

A resposta foi meio decepcionante: que Praia Formosa ficava já no estado do Rio. Mas imagine, ir a Praia Formosa e não passar por Soturno, por Engano e por Guiomar (onde vendiam pastéis de queijo com palmito), como lhe falavam sempre em sua casa. Então, tudo isso não é mais importante que essa tal de Prai...? Olha que o trem já vem vindo. O agente abotoou o dólma, endireitou o quepe de lona vermelha e foi para a plataforma da estação.

Furando o arvoredo próximo, o “Expresso” apareceu, jogando fumaça pela chaminé e pelos lados. Vinha manso, domesticado, e nem parecia aquele diabo que passava cuspidando fogo e carvão na ribanceira do Gaspero.

Pisou no estribo onde se lia L & R em relevo. Na cabine, as cadeiras de vime trançado e, nas paredes, muitos anúncios, principalmente do Anil Colman falando de Rio de Janeiro, talvez só para humilhá-lo. Nem precisava, pois já sabia que o Rio era mais longe que Cachoeiro. Mas uma coisa o consolou: “Depois dos viadutos

nos abismos de Soturno, por onde vamos passar, nada há mais de tão interessante no resto da estrada” – foi o que disse o viajante experimentado e que (idiota) dormiu depois quase todo o tempo. No fundo gostaria de manter aquela displicência do viajante, que nem ligava para a paisagem. Chegou mesmo a recostar a cabeça na cadeira mas ficou nisso apenas dois minutos que, afinal, não estava ali para desperdiçar a viagem. O viajante que ficasse com sua preguiça.

O cheiro forte do capim-gordura impregnava o trem inteiro. Bois e vacas pastavam nas encostas e ele, de terno novo, como um príncipe, viajando.

Banana-da-terra cozida na parada do Engano e a necessidade de engolir o café com rapidez, pois o apito já chamava os passageiros de volta. E o medo de o trem partir e deixá-los na estrada?

Na verdade, a chegada a Cachoeiro deixou-o um pouco triste. A viagem era muito mais importante. No mesmo dia, depois de instalados no hotel, ele e o pai foram ao encontro do Arthur. Subiram por uma escada comprida e foram dar numa saleta de espera. Três minutos depois apareceu o Arthur, que o pai tratou de doutor. “Pois não, já esperava sua vinda... Excelente... Muitíssimo obrigado” – disse o Arthur.

Em seguida, entraram em outra sala e ele ficou de fora, esperando. Não teve tempo de dizer ao Arthur quanto o estimava por ter dado motivo àquela viagem. Pedacos da conversa chegavam até ele através do tabique de madeira que separava a sala de Arthur da saleta de espera. Não atinava bem com o assunto de que os dois tratavam, embora chegasse a entender que se referiam à sua tia, a noiva do Arthur. “...e compreenda o senhor que foi de tal maneira... seria impossível aceitar... afinal... uma satisfação à família... a pessoa indicada... trata-se da minha irmã, a quem muito estimo. Claro que ela tem todo o direito... escolher quem entenda que deva... mas... porque do contrário... um homem... sua dignidade...” Conversas assim. O nome de sua tia apareceu várias vezes.

Algum tempo mais e logo apareceram Arthur e o pai com as fisionomias carregadas. O Arthur chegou a dizer-lhe algo de que não se lembra. Despediram-se. O pai agarrou-o pelo braço e desceu as escadas, muito agitado. Parecia aborrecido. Sem motivo, porque no dia seguinte haveria outra viagem de trem. Os adultos são difíceis de compreender. Era o que pensava enquanto se dirigiam novamente para o hotel.

A volta foi também boa, apenas com a desvantagem de não ter um amanhã e uma outra viagem.

Agora, quando fala do Arthur com sua tia, ela não responde nada e certa vez ficou com os olhos cheios d'água. Porque ele alimentava uma secreta esperança de outra viagem, embora em sua casa ninguém mais fale de Arthur. O pior: ultimamente tem aparecido na casa um camarada todo janota, de óculos de aro de tartaruga e terno engomado. Senta no sofá da sala e logo lhe trazem café numa bandeja. Um dia a tia lhe trouxe biscoitos de polvilho junto com o café. Nesse dia, depois que viu os dois se abraçarem, compreendeu de modo fulminante que sua nova viagem a Cachoeiro estava definitivamente ameaçada.

Brinquedo desconhecido

O olhar oblíquo e derrapante nas tentativas de conversar com ela. Mas isso foi até ontem. Ou melhor, continuava a mesma situação anterior porque agora, irremediavelmente agora, ele amargava uma nova derrota. A possibilidade escapando, o vazio. A pretensa estratégia infalível terminando daquela forma ridícula. Ontem à noite, antes de dormir, imaginava que o dia seguinte, a missa de domingo, seria decisivo para acabar com a sua angústia. Não seria difícil. Esperava-a na Alameda das Acácias, logo depois da missa, e dizia-lhe de uma vez o que estava para lhe dizer havia mais de dois meses.

No entanto, ali estava ele, agora, revendo a lamentável cena de poucos minutos atrás. Mal o padre terminou de dizer “Ite missa est”, plantou-se nas Acácias, como havia planejado. Ainda podia ouvir as vozes das moças saindo e ele, parado, esperando o momento de Leda aparecer. O cascalho misturado com terra vermelha rangendo sob os sapatos domingueiros, o sol de meio-dia caindo violento sobre seu terno de linho branco.

Então, com surpresa, viu Leda descendo pelo outro lado, pela Alameda das Hortênsias, fazendo um caminho diferente do habitual. Um vermelho de raiva queimando-lhe o rosto e misturando-se com a paixão enlouquecedora. A estratégia do encontro casual sumindo pelo azul do céu. Pior que, para seu desespero, via Leda naquela manhã ainda mais bonita.

Havia mudado o penteado, o cabelo puxado para o alto da cabeça, revelando um pescoço muito comprido, uma nuca susten-

tada por duas colunas dóricas. Meu Deus, tinha até medo de que outras pessoas pudessem desconfiar dessa comparação. Mas era isso mesmo, tal como no livro de história que falava dos gregos. Leda, com seu perfil grego, descendo pela Alameda das Hortênsias. Um perfil sustentado por duas colunas dóricas. Mas isso era uma bobagem. Uma forma de tentar capturar algo que lhe fugia sem perdão. Chegando ao parapeito da escadaria, Abelardo pôde ainda ver os cabelos de Leda pairando no ar como uma palma selvagem antes de ela virar a esquina e perder-se inexoravelmente no canto esquerdo da loja de ferragens.

Permaneceu por mais algum tempo no adro da igreja, pensando ainda uma vez por que estavam acontecendo aquelas coisas. Impossível compreender. Leda, sua amiga, colega de brincadeiras desde o tempo mais antigo de que podia se lembrar, transformada nessa coisa distante.

O mistério veio se instalando nele de uma forma lenta e impossível de ser contida. Até que no mês de maio explodiu na festa de Coroação de Nossa Senhora. Abelardo ficou muito assustado com aquela transformação. Uma felicidade presa dentro de grades de aço. Leda vestida de anjo, para ele era mesmo Leda-anjo. Não teve mais coragem de dirigir-lhe a palavra desde esse dia, quando o mistério atingiu seu ponto mais alto. Tia Rosinha falou com D. Gertrudes, que falou com sua mãe Tereza: “O Abelardo anda esquisito. Nunca mais vi esse menino conversando com a Leda”. Ninguém compreendia. Mas, principalmente ele. Por isso a firme decisão de ontem à noite.

Era preciso acabar com tal situação. Falaria com Leda, mas tudo precisava parecer consequência de encontro casual. O fracasso de agora há pouco fortaleceu sua decisão de resolver o assunto. Por isso, ao invés de ir para casa, trancar-se no quarto e ficar olhando pela janela como um bobo – sua rotina dos últimos dois meses, sempre que conseguia fugir das obrigações – decidiu ir direto para a casa de D. Gertrudes.

“Ah, Abelardo. Até que enfim, que surpresa! Sentimos muito sua falta. Leda me disse que você anda muito orgulhoso. Não fala mais com ela”.

Abelardo fez tudo para conservar as aparências. Deu algumas desculpas pelo seu comportamento. Enquanto conversava banalidades com D. Gertrudes, não tirava os olhos do corredor onde, à direita, ficava o quarto dela. Ela devia estar lá. Estava. Não demorou e

Leda saiu do quarto. Quando o viu fez uma enorme cara de espanto mas disse apenas: “Abelardo?” No cruzar de seus olhos, Abelardo, numa fração de segundo, percebeu com surpresa que o mistério também havia entrado em Leda e ela não sabia como enfrentá-lo.

D. Gertrudes não se cansava de dizer como a visita de Abelardo a deixava feliz. Por isso, chocolate com leite, biscoitos de polvilho, *crostolli* com açúcar e refresco de groselha. Abelardo comeu e bebeu junto com Leda, mas apenas uma vez se olharam.

No resto do tempo falavam de coisas sem importância, mas sempre tendo o cuidado de desviar os olhares para os lados. Numa única vez em que esses olhares se encontraram, contudo, deu para confirmar que o mistério viera mesmo colar-se em suas vidas como um brinquedo desconhecido.

Afinal, a chegada de outras crianças mais novas diminuiu um pouco a tensão.

De repente, Abelardo sugeriu:

“Vamos ao Melgaço?”

“Para quê?” – perguntou Leda.

“Quero lhe mostrar uma coisa que descobri no outro dia” – disse Abelardo.

Foram.

Todo o grupo foi subindo por uma estreita picada recentemente aberta na mata. As crianças faziam um grande barulho mas Leda e Abelardo não falavam nada. Chegaram finalmente a uma clareira no alto da montanha. Em volta, o verde profundo da mata. O sol brilhava.

“Olha” – disse Abelardo, apontando para bem longe – “Olha aquela fita azul lá embaixo no horizonte. Sabem o que é aquela fita? É o mar” – completou Abelardo. Os altos gritos das demais crianças, festejando a bela imagem da visão do mar, ficavam na parte exterior da redoma que não pôde ser quebrada e onde Leda e Abelardo ainda permaneciam, olhando-se atônitos.

No alto da casa

Por exemplo, o sótão. Nem há necessidade dessas situações extremas, como na história de Andersen sobre o pinheiro de Natal abandonado depois de brilhar na noite, rodeado de caixas de presentes e crianças.

Menos dramáticas mas com certo gosto de “nunca mais”, essas coisas simples que estavam lá no sótão da casa dos avós, esperando não se sabe o quê. Uma vassoura de faxineira, talvez, que não era acionada porque a ordem de faxina encontrava resistência num provável sentimento de culpa, de “melhor esquecer”, de “melhor deixar por aí”.

No fundo, coisas que estavam lá, abandonadas, mas se recusavam a morrer.

Sucedeu que sua família, pai, mãe e dois filhos menores – e ele era um deles – chegou de véspera pelo trem da Leopoldina Railway. Para alojá-los, os tios precisaram sair de seus quartos da parte térrea, onde dormiam nos dias comuns. Foram dormir lá em cima. Perto das telhas em forma de canal e também de teias de aranhas invisíveis que habitavam por ali. De manhã, antes que os outros acordassem, ele resolveu subir na escada empinada que dava para o sótão. Onde não havia camas. Os tios, espalhados pelo chão, dormiam em colchões colocados no assoalho. Por causa do frio da quase madrugada, estavam ainda embrulhados em grossos cobertores de lã. Nem o viram chegar de mansinho. Olhou em volta. Viu um aparelho telefônico de parede, quebrado, que devia ser muito velho. Estava com a tampa rachada, onde se via uma pilha elétrica maior do que qualquer outra pilha vista até então. Uma cesta de vime, dessas de piquenique, com uma grande mancha vermelha em um dos lados. Vinho derramado? Um suspensório velho pendendo de um barrote do telhado, uma coleção de revistas coloridas empilhadas perto de um gramofone, cacos de um tinteiro branco de cristal. Arreios de cavalo, inclusive silhão para mulheres montarem, porque não ficava bem mulheres andando a cavalo como os homens. Sentavam de lado. Ele pensava que era muito mais perigoso montar assim do que como os homens faziam. Achava até que era por isso que elas tinham tanto medo de montar. Davam gritinhos o tempo todo, mas, dizia-se, os animais escolhidos para as mulheres eram sempre muito mansos. Por isso, não havia perigo. Dois silhões no sótão. Um seria para a tia, mas e o outro? Sua avó não andava a cavalo, sua tia sim. Mas por que dois silhões? Não sabia.

Depois, ele tropeçou numa grande caixa de papelão cheia de papéis, velhas canetas de madeira com penas enferrujadas, cartas. A escrita era bonita, toda redonda, como no caderno de caligrafia. Chegou a ver também um coração desenhado com lápis vermelho.

Com o tropeção na caixa, os tios acordaram.

“Como é que você chegou até aqui?”

A curiosidade aumentou.

Naquela tarde, o perfume de comida sendo preparada no forno ocupava toda a casa, vozes falavam de castanhas e de que é preciso dourar mais a carne. A farofa não está pronta e coloca os miúdos na panela, em separado, e não esqueça o presente dela, que não pode vir hoje. Vem na outra semana e o vinho está debaixo do soalho, que é para refrescar. É só pegar a cordinha ali no canto da sala onde fica o abajur e levantar o alçapão pela alça de metal. Ali embaixo está também um engradado de cerveja. Você gostou daquele chianti? Mais pra noite vai chover e é ruim para o Joaquim passar naquele atoleiro onde ficamos presos no ano passado. Não, não, ele telefonou e disse que não pode vir por causa da menina que está com muita febre.

Enfim, enquanto os outros estavam distraídos com a preparação da ceia de Natal, ele subiu outra vez pela escada empinada. O sótão, vazio. Na caixa de papelão em que ele havia tropeçado pela manhã, achou aquela fotografia amarelada com o rosto de uma moça bonita. Queria saber quem era ela. Seria a dona do outro silhão?

Desceu para a sala.

Na varanda, o tio lia um livro de capa vermelha. Quando o viu fez sinal para que ele se aproximasse. Gostava muito daquele tio cujo único defeito, achava, era o de ficar lendo o tempo todo. Estava sempre com um livro na mão ou então tomando nota de alguma coisa que devia ser importante, porque não parava de rabiscar num caderno de capa escura. Gostava quando ele contava histórias engraçadas ou então quando ia ao bar e trazia rebuçados.

Mostrou a fotografia para tio Alberto, que ficou meio atrapalhado.

“Onde você achou isso, menino?”

Ele não respondeu. O tio também não voltou a perguntar. Ficou apenas olhando a fotografia e viu uma ruga de tristeza no rosto daquele tio quase sempre tão alegre.

Nuvens

Quanto a nuvens, ficou sabendo melhor da possível extensão de seus conhecimentos numa tarde depois da procissão em homenagem a Santo Antônio. Enquanto outros se distraíam com o leilão em que

a prenda maior, ansiada por todos, era uma porca de suas mais de dez arrobas, ela sentou-se num murundu, longe do tumulto dos lances ruidosos do leilão. Como no almoço ela havia me oferecido um prato típico de que nem me lembrava mais, depois desses anos na cidade, longe dos usos e costumes “deles lá” (nossos), aproximei-me para lhe pedir detalhes da sua preparação, porque o sabor me despertou um mundo de recordações boas que gostaria de reproduzir quando voltasse para casa. Mas, surpreendentemente, embora ela tivesse preparado toda a comida para a festa, me disse que não poderia me explicar. Vou pegando o fubá (tem que ser de moinho de pedra), pego as galinhas do terreiro, banha de porco, alho, sal, cebola e pronto. Faça mas não sei dizer como faço. Vou fazendo, disse. E o resultado é sempre o mesmo? – pergunto eu. Dizem que sim – diz ela. Não tenho reclamação. Aprendi com minha mãe, que aprendeu com a mãe dela, que aprendeu com sua avó, ainda mesmo quando estavam na Itália. Não sendo possível obter o modo de fazer daquelas iguarias simples que têm um sabor inigualável e, por mais que outros tentem repetir, o resultado é sempre insatisfatório, agradeceu-me a atenção e já ia me retirando quando ela me chamou para dizer algo sobre as tais nuvens, que não compreendi logo. Algo como: você viu aquelas nuvens, hoje? O que afinal não é uma conversa, digamos, usual. Que nuvens? As dali do morro atrás da capela – disse ela. Não. Como e por que eu haveria de ver nuvens? Está com medo de que chova? Ela ficou pensativa por um momento como se estivesse avaliando se valeria a pena explicar a ignorantes o que havia de especial nas nuvens. Então muito obrigado, ensaiei novamente afastar-me para participar mais diretamente das festividades de Santo Antônio que eram realizadas todos os anos desde o século dezenove por quem se instalou por ali e, depois, por seus descendentes. Vieram do norte da Itália por conta da crise política e econômica vivida pela Península. Na verdade, uma crise que vinha desde o século quatorze, segundo me disse um amigo estudioso de História. Bom, mas isso é outra conversa e quero mesmo é falar da moça que fala de nuvens. No primeiro momento estava interessado em arrematar uma velha panela de ferro, com pés, dessas de fazer polenta. Já ia me aproximando do local onde era realizado o leilão dessa peça rara quando ela me chamou outra vez. Giuseppe, por favor. Sim – disse eu, voltando-me para seu lado. Não gosto de ficar falando dessas coisas para qualquer um, mas você, homem de estudo, acho, repito, acho eu, vai me compreender e não vai manganar de mim. Como muitos desses ignorantes daqui. Estou falando daquela nuvem escura

que, ainda quando a festa estava para começar (você já estava aqui, eu vi), quase roçava o morro atrás da capela, aquele morro ali, por trás do cemitério. Não, não vi. Não reparei. Ela fez uma grande pausa, como se estivesse ainda avaliando se valeria a pena fazer sua revelação sobre a nuvem. Mas foi por um momento. Giuseppe, não vá rir de mim. Pode acreditar que não, disse eu. Ela ajeitou os olhos claros, muito azuis como o céu que agora cobria nossa festa, e perguntou: Você não viu Santo Antônio descendo da nuvem ali detrás da capela? Como? Santo Antônio descendo da nuvem e abrindo o capim alto do morro para chegar à sua casa, isto é, à capela onde ele sabia que seria o centro das comemorações do seu aniversário. Procurando manter-me dentro da promessa de que não riria do que ela estava me revelando, tentei ser o mais natural possível. Não, Genoveva. Acho que estava distraído e não vi o que você está falando. Obrigado, Giuseppe, por não rir de mim. Estava mesmo procurando alguém para dizer isso, que acontece todos os anos no dia treze de junho, e estava certa de que você acreditaria em mim ou pelo menos não ia ficar fazendo graça com uma coisa tão importante que, parece, só eu mesma posso ver. Conte mais, Genoveva. Estou com tempo porque já leiloaram a panela de ferro e só daqui a pouco estou indo embora. Mas o que você disse mesmo? Santo Antônio descendo o morro? O próprio. Com o menino Jesus no colo? – pergunto, para dizer alguma coisa. Não, sozinho. No momento em que ele desceu da nuvem acenou para alguém que ficou lá, mas não sei dizer quem era. Talvez até o próprio Jesus, mas não sei. Ele chega atrás da capela e não precisa de chave para entrar em casa. Vou correndo e entro na capela, ainda a tempo de ver que ele está ajoelhado diante da imagem que os imigrantes trouxeram da Itália. Faz o sinal da cruz e desaparece. Isso é fato e eu sempre vejo. Eu devia estar distraído, porque não vi nada disso – disse eu. É comum – disse ela – todos dizem a mesma coisa e pensam que estou louca, ficam mangando de mim. Mas não me importo mais. Não estava disposto a continuar aquela conversa estranha embora, lá no fundo, achasse agradável pensar na presença do próprio Santo Antônio em nossa festa, que se realiza há mais de cinquenta anos, embora nos últimos tempos poucos comparessem a ela. A cada ano diminuía o número de pessoas que vinham cantar aquelas velhas canções trazidas por nossa gente. Canções muito simples, mas que traziam um mundo de recordações dos que vieram até ali para reconstruir suas vidas. Está certo, Genoveva, mas agora preciso ir. Não quero pegar a estrada de noite e a chuva grossa de ontem derrubou uma barreira lá no Sizenando, antes da ponte do Rio

Jucu. Mas são só três da tarde e o sol ainda vai alto – disse ela – será que você está ficando igual aos outros, que vêm aqui só para dizer que vieram e vão logo embora? Seu pai, no dia de Santo Antônio, dormia por aqui mesmo, na casa de um e de outro. Continuavam a cantar até noite alta, tomando vinho e comendo polenta com linguiça. Uma alegria só. Não – disse eu, meio sem graça; é que... Certo, você agora é homem de cidade... Vamos tomar uma gengibirra e conversar mais um pouco. É ainda cedo mesmo – disse eu. No balcão das bebidas, o Marco servia e nos deu dois grandes copos da bebida. O que você anda fazendo na cidade? – perguntou Marco. Continuo no ramo da construção – respondi. Está ganhando dinheiro, hein? Não posso reclamar – disse eu, querendo logo encerrar a conversa porque o Marco não era das pessoas mais agradáveis.

Depois de servir a uma outra pessoa, o Marco virou-se para Geneveva, deu um sorrisinho malicioso e perguntou se ela tinha visto Santo Antônio hoje. Ela não respondeu e me pediu para acompanhá-la. Voltamos para o murundu, que ficava um pouco afastado do movimento maior da festa. Você viu? Tenho de falar dessas coisas para alguém que pode não acreditar, mas pelo menos não zomba do que conto. Essas galinhas que vocês fazem para a festa são daqui mesmo ou vocês compram no mercado? – perguntei para mudar de assunto. Daqui mesmo. Todas de terreiro e criadas com sobra de comida. Está bem. Antes de ir, queria que você me dissesse onde posso comprar uma. Vou tentar fazer uma galinha melhor do que a que se come na cidade. Está bem – disse ela. Mas logo emendou: o clarão dos primeiros tempos também aconteceu naquele morro atrás da capela. Mas quem disse isso não fui eu, foi o velho Augusto Vinhatti, da primeira leva de imigrantes. Clarão? Clarão dos brabos, dizia ele, que iluminava todos esses campos, esses brejos, essas tábuas e tudo, muito antes de eles construírem a capela já no ano de 1891, como está escrito ali na fachada. Deve ter acontecido entre 1870 e 1880, por aí. Mas que foi nesse morro aí, não tenho dúvida, porque o Augusto contava e repetia sempre essa história nos dias de Santo Antônio. Pedi desculpas mas disse a Geneveva que não podia ouvir o resto da história que ela se dispunha a contar. Tinha um compromisso ainda naquela noite e, além disso, o céu ficava cada vez mais escuro e eu precisava descer logo a montanha porque as possibilidades de lamaçais intransitáveis no trecho do Bico do Galo, perto de Viana, não eram tão escassas.

RECORDAÇÕES DO FUTEBOL DE VITÓRIA

De “compactos”

A saudade sempre nos permite elaborar uma espécie de “compacto”. O jogo da vida pode ter a duração do “tempo regulamentar”, mas esses “compactos”, em geral, não passam de poucos minutos. Há os que se impacientam quando uma pessoa de mais idade começa a falar dos “bons tempos”. Se lhes fosse explicado que se trata de um mero “compacto” em que são eliminadas as bolas fora, os tiros de meta, etc., enfim lances que podem ou devem ser esquecidos, talvez fossem mais indulgentes.

Rio Branco

Feito o necessário nariz de cera, passo ao assunto que surgiu numa conversa com o Miguel Depes Tallon: o futebol de Vitória “naquele tempo”.

Começo com uma determinada lembrança do meu time, o Rio Branco. Em 1952, vejo-me como membro da diretoria do Rio Branco presidida por Alaor de Queiroz Araújo, mais tarde reitor da UFES.

Mas a memória mais antiga do Rio Branco vem de 1946, talvez porque me tenham perguntado sobre glórias do futebol capixaba e fui tentando encontrar louros de antigas batalhas em imaginários baús quase esquecidos. Seja também explicado antes de tudo que não sou um conhecedor da história do nosso futebol – como um Grijó Neto – e estas notas têm sobretudo um nítido cunho impressionista. Detalhes podem estar desfocados, mas, no conjunto, creio, fica um painel que procura revelar certos episódios, frise-se, na visão de um determinado espectador.

Mas por que 1946? Recordemos. Nesse ano o Fluminense do Rio havia conseguido um título inédito no futebol brasileiro, o de supercampeão. Hoje em dia são fabricados supercampeões em série (releve-se o saudosismo). Mas o supercampeão de que vos falo possuía craques como Ademir Menezes, o Queixada, o Orlando Pingo de Ouro, Rodrigues, o ponta-esquerda que tinha um canhão nos pés, Pedro Amorim, o médico jogador, e outros astros de semelhante quilate.

Num momento de extrema audácia, o nosso Rio Branco resolveu desafiar esse Fluminense, supercampeão de 1946, para uma partida no Estádio Governador Bley, em Jucutuquara.

Nessa época eu morava a uns duzentos metros do Estádio. Pode-se calcular a alegria de quem apenas podia imaginar os lances de seu time no Rio pelo rádio, em especial pelo Oduvaldo Cozzi – também tricolor – e que de repente via a possibilidade de ver as jogadas desses supercraques, ao vivo e a dois passos de sua casa. Mas nesse momento instalou-se também uma espécie de conflito cultural. Como torcer contra o Fluminense apesar de todo o meu amor pelo Rio Branco? Nesses casos, a província se divertia e, sádica, aguçava o dilema. E agora?

Sinceramente? Na hora do jogo torcia para os dois. Como? Torcia para quem estivesse no ataque. Mas quando o Fluminense fez 2 x 0, passei a torcer apenas pelo Rio Branco. A verdade é que toda minha flama provinciana não foi capaz de deter a admiração pelo futebol do Ademir. O Queixada era um bólido que partia de seu campo e parecia deixar um rastro de fumaça em sua vertiginosa escalada em direção ao gol. Na meia-esquerda, o Orlando Pingo de Ouro produzia filigranas, trabalhando jogadas da mais pura ourivesaria do “esporte bretão”, como era denominado o futebol nos discursos de antigas solenidades esportivas. Como ignorar isso em nome da fidelidade ao time da terra? Um doloroso dilema parcialmente resolvido apenas no final do jogo, que terminou mesmo nos 2 x 0 para o clube carioca. A solução veio de riobranquenses como Ruy Benezath, que não eram torcedores do Fluminense. Ou eram?

Fica a dúvida. O que importa é que nos descobrimos relativamente satisfeitos porque o Rio Branco havia perdido apenas por 2 x 0. Esperava-se uma goleada e aquele placar reduzido passou a ser uma espécie de vitória moral. Não é preciso acrescentar que, salomonicamente, embora com um leve traço de remorso, passei também a comemorar nossa modesta derrota.

Aquele jogo da seleção capixaba

Mas, e as glórias? Será que não existiram? Preciso avisar que estas recordações coincidem com uma fase de grande crise no futebol capixaba. Foi a época em que o Rio Branco ficou sem o Estádio Governador Bley e teve até que mudar de nome, passando a cha-

mar-se Riobranquinho, vejam só. Voltou a chamar-se Rio Branco A. C. alguns anos depois, quando também pôde reaver o Estádio, construído com muito sacrifício pelos associados daquele tempo. É verdade que no período em que assistia a futebol em Vitória, entre os anos quarenta e sessenta, falava-se de uma época anterior muito feliz de nosso futebol. Não sei se se trata de referências às invariáveis idades de ouro da história de todos os povos e que correspondem apenas a uma conhecida necessidade psicológica, sem relação com os fatos. Não sei. Falava-se de muitas glórias e de grandes craques. Não duvido. Apenas não sei. Limite-me a escavar as glórias do meu próprio tempo como espectador. Talvez não muito retumbantes. Mas são as que a memória torna disponíveis.

Naquele dia aguardávamos ansiosos o trompete do Harry James que anunciava o programa “Focalizando os Desportos” na Rádio Espírito Santo. Um programa apresentado pelo Mickey, dublê do jogador Darly, excelente meia-esquerda do escrete capixaba. Aguardávamos a descrição da façanha de nosso selecionado em terras estranhas onde havíamos derrotado o time dos temíveis papa-goiabas, os fluminenses. Adolescentes ilhados em Vitória, imaginávamos esses papa-goiabas travestidos de ferrabrases então subjugados pela perícia de nossos craques. Ainda mais, esses nossos inimigos, ora derrotados pelo arrasador placar de 2 x 1, moravam em Niterói, uma cidade que, em nossa imaginação, aparecia como uma espécie de Nova Iorque. Claro, esses nossos adversários deviam viver como nababos naqueles arranha-céus que seriam gigantescos. Não trabalhavam. Viviam de jogar futebol, o que na época não era nada recomendável. “Nossos rapazes”, como eram chamados pela imprensa, nossos humildes rapazes, ao contrário, não eram assim. Trabalhavam de sol a sol. Treinavam ao clarear do dia para pegar no batente às oito da manhã. Mesmo assim, nossos heroicos rapazes haviam infligido essa acachapante derrota aos nababos fluminenses, desprezíveis profissionais da bola. Argh.

No domingo seguinte, seria a revanche no Estádio Governador Bley. Para os papadores de goiaba, bem entendido.

E o domingo veio. Estádio repleto. O orgulho da terra pelo seu escrete explodia nos risos de todos, sentíamos-nos mais conterrâneos do que nunca.

Entra em campo a representação fluminense.

“Papa-goiaba”, “Papa-goiaba”... nós, da camisa 12, procurávamos fazer a nossa parte a fim de minar a autoestima dos inimigos.

Afinal, ali estavam os ferrabrases, os argentários, pretendendo vingar a derrota que lhes impusemos em seus próprios domínios. Pois sim. No calor das manifestações das hostilidades – uma hostilidade esportiva, e os aficionados sabem do que estou falando – fazíamos espaço para observações. Para falar a verdade, a maioria daqueles jogadores era de estatura bem menor do que imaginávamos e ao invés de bíceps hercúleos muitos deles traziam a marca de um quase raquitismo. Não importava. Eram nossos inimigos e seriam massacrados (na bola, é claro).

Uma figura se destacava entre eles. Era um jogador depois identificado com Clivaldo, ponta-esquerda do selecionado fluminense. Para espanto de todos, esse jogador tinha entrado em campo simplesmente com a perna esquerda totalmente enfaixada em gaze.

O que foi, o que não foi. Ficou-se sabendo que o jogador havia se machucado no jogo anterior com o nosso escrete. Imediatamente formou-se um consenso de que a contusão havia sido acidental porque “nossos rapazes” seriam incapazes de machucar alguém de propósito. Isto é, numa fração de minuto, todo o estádio, embora sem informações prévias, concluiu que a contusão se dera num lance da maior casualidade. Ora, se assim era, pensando bem, aquilo até que representava uma vantagem para nós. Não sendo culpados pela contusão, só nos restava aceitar a vantagem inesperada. Ia acontecendo isso no jogo. Até os trinta minutos do segundo tempo, Clivaldo, o ponta-esquerda de perna enfaixada, cumpria o seu papel de inválido com espaço privilegiado para assistir ao jogo. Arrastava-se pela extrema esquerda do campo como uma tartaruga conformada. Mas por volta dos trinta e cinco minutos do segundo tempo, a tartaruga vestiu uma roupa de lebre e todos nós prendemos a respiração porque ia se materializando uma leve suspeita que, desde o princípio, nos incomodava: aquela faixa na perna não seria mero embuste, um truque, para nos enganar, uma traição ignominiosa? Clivaldo corria pela ponta como se tivesse nos pés as asas de um lépido Mercúrio. “Infame, traidor”, era um pensamento tão unânime na arquibancada que quase podia ser tocado com as mãos. Nos segundos em que tais coisas aconteciam, Clivaldo acelerava mais a corrida com a bola dominada até que do bico da área desfechou um canhonaço histórico. A bola-bala descreve uma curta e descabida parábola e, em cima do gol, caprichosa, despenca como uma folha seca. Goleiro batido, já que havia se jogado para o canto errado, enganado pela trajetória

da bola temperada com um veneno mortal (também não sei se o chute saiu assim por acaso), só nos restava erguer lamentos aos céus. Mas não foi nada disso. No último instante, como se também estivesse revoltado contra as transgressões à lei da Física perpetradas pelo chute que muitos diriam desengonçado, mas nós considerávamos traiçoeiro, apareceu, não sei como, o ângulo de junção das traves do canto direito que deu um quique na bola jogando-a pela linha de fundo.

Perplexos e felizes vimos a bola morrendo no fundo do campo, talvez aliviada por não participar daquele conluio com o falso inválido. Falso? Talvez não fosse fingimento porque após aquela corrida que durou alguns segundos, mas para nós teve a duração de um século, o Cliveraldo caiu pela lateral do campo e parecia, como se ouviu, “completamente falecido“. Os dirigentes do selecionado fluminense foram até lá e trouxeram o Cliveraldo nas costas porque naquele tempo ainda não era usada a maca. Nova farsa? Tivemos a certeza que não, porque dali a poucos minutos o jogo acabava com nossa vitória por um a zero. Foi assim que, com duas vitórias consecutivas, eliminamos os terríveis papa-goiabas, aqueles que viviam à tripa forra, ganhando salários astronômicos e morando em arranha-céus de luxo, como era maquinado pela nossa fértil imaginação. A comemoração varou a madrugada e os bares do Guaracy e do Heráclito, em Jucutuquara, venderam cerveja como nunca.

No mês seguinte o Vitória contratou o ponta-direita desse mesmo selecionado fluminense, de nome Heitor. A partir daí fomos obrigados a fazer uma revisão histórica, como está em moda hoje em dia. Heitor, ex-atacante do facinoroso escrete fluminense, na verdade, em sua identidade secreta, era uma excelente pessoa que se casou com uma moça de Jucutuquara onde foi morar, na Rua Augusto Calmon, e passou a fazer parte de nosso grupo que ficava batendo papo na beira da antiga vala até altas horas da noite. Claro que durante algum tempo foi obrigado a aguentar nossas brincadeiras, mas a tudo respondia com sorrisos e uma calma de sábio.

Não demorou a ser um dos nossos.

TERTÚLIA .:. LIVROS E AUTORES DO ESPÍRITO SANTO

www.tertuliacapixaba.com.br

A utilidade veste Prada

A grande dama do cinema americano, Meryl Streep, com a conhecida classe de superstar, navega em “céu de brigadeiro” no “Diabo veste Prada” até topar com uma candidata ao cargo de sua assistente: Anne Hathaway. Ali encontrou alguém com talento à sua altura. A partir de então, assistimos a duas performances inesquecíveis. Não me lembro de ilustração melhor, no cinema, da “prepotência embuçada”, seguida do contraponto de como enfrentá-la com falsa humildade, ironia e piedade. Este o papel da então novata Anne em confronto com a megera Miranda (Streep).

Mas o filme despertou outras cogitações que vêm a seguir. Desde logo peço desculpas pela aridez dos conceitos que presumo importantes e oportunos por focalizar o debate econômico de um ponto de vista seminal. Outra ressalva é pelo extremo esquematismo a que me obriga o espaço e o limite da paciência de prováveis leitores.

A história de “O diabo veste Prada” se passa nos bastidores de uma grande revista especializada em moda e as conversas giram em torno de modelos assim e assado. O que mais se ouve é que o modelo tal custa xis milhares de dólares e o qual não sei quantos mais. Citam-se grifes classificadas segundo um código a que só iniciados têm acesso. Iniciados com poder de veto e gratificação sem a necessidade de explicar nada. Ditadores de qualidade e preço.

E as cogitações?

Como quem não quer nada, o filme bate numa encruzilhada básica do pensamento econômico ocidental: os bens econômicos teriam valor objetivo ou subjetivo? Não se incluem aqui as infinitas variações do tema, mas, acredito, o essencial de ambos os princípios pode ser apreendido em sua simples formulação original.

A partir do final do século dezoito e até hoje, é uma questão em aberto lastreada por ideologias conflitantes. Houve quem tentasse conciliar os dois campos como um certo Alfred Marshall no final do século dezenove. Mas, no mundo real, as tendências

tomaram caminhos diferentes e um exemplo significativo é o da União Soviética que baseou sua economia no planejamento central e no valor objetivo. Os bens custariam o tanto do trabalho que demandassem. Elimine-se o subjetivismo do mercado e aplique-se o planejamento segundo os interesses maiores da sociedade em geral. Por melhores que fossem as intenções dos formuladores da ideia, por mais que o princípio tivesse sólidas bases filosóficas, o resultado é bem conhecido e veio com a marca da intolerância, da falta de liberdade e da violência.

Na parte do mundo ocidental a que críticos chamavam ironicamente de “mundo livre” e apesar de o valor objetivo ter sido formulado nos primórdios da Revolução Industrial, por um dos fundadores da Economia e do liberalismo, Adam Smith, (ainda que de forma ambígua) a ideia de valor foi retomada pelos marginalistas no terço final do século dezanove e acabou do lado oposto a Smith. Enfim, o valor seria determinado pela avaliação subjetiva, pela utilidade que o bem assumia perante o consumidor. Não é preciso acrescentar que o *crescimento econômico* proporcionado por tal visão associada à ideia de livre iniciativa e liberdade de escolha foi muito grande apesar de carregar no passivo crises cíclicas e ondas de desemprego.

Enfim, o *problema econômico* estaria resolvido satisfatoriamente? Chegamos ao “Fim da História”? Estaria resolvido, por exemplo, nos EEUU, país de economia basicamente descentralizada e onde a ideia de valor subjetivo é dominante? No livro “A consciência de um liberal”, Paul Krugman, Nobel de Economia, depois de críticas à vida econômica americana diz que acredita “em uma sociedade relativamente igualitária, apoiada por instituições que limitem os extremos de riqueza e pobreza.” Diz ainda que acredita “na democracia, nas liberdades civis e no Estado de direito. Isto me torna um liberal e disso me orgulho.” (pg. 324).

Os procedimentos daquele universo girando em torno do “Diabo veste Prada” orgulhariam a um liberal? Fiados nos mandamentos da subjetividade, os mandarins da moda estipulam valores que não têm a mínima correspondência com tempo de trabalho e custo de produção. Sabem que podem determinar seus valores porque há alguém disposto a pagar os milhares de dólares por um pedaço de pano confeccionado por alguém a quem chamam de gênio, criam uma “utilidade artificial” e incentivam um comportamento a que Veblen chamou de “consumismo conspícuo”. Quando

há na sociedade alguém que pague esses preços exorbitantes existem indícios de que os extremos de riqueza não foram limitados e um liberal não teria nenhum orgulho disso. Óbvio que não está em causa a imensa diversidade da oferta num sistema de livre mercado e, em consequência, as enormes possibilidades de consumo que tais circunstâncias possibilitam. Isso nada tem a ver com o caso específico abordado e seus contornos teratológicos.

Marshall, o inglês (final do século dezenove), com o crédito que lhe dão os especialistas de ter criado grande parte do instrumental da moderna Economia e que tentou conciliar as duas teorias do valor, diz que “A Economia Política ou Economia é o estudo das ações humanas... para consecução e uso dos requisitos materiais do *bem-estar*.” É bom acreditar que a “atual bagunça econômica”, como a classifica a revista “Time” numa vinheta do livro de Krugman, possa ser superada com o prosseguimento da ideia de Marshall que incluía um tempero ético e aplicação maciça de recursos em educação.

Mata atlântica

Uma pequena floresta localizada no extremo montanhoso do sítio. Depois de anos, pela primeira vez, resolvi ir até lá. Na caminhada, a companhia agradável do barulho da nascente, que mais abaixo era canalizada para as necessidades da casa. Nessa canalização havia uma caixa de cimento para captar volume maior de água de modo a facilitar-lhe o fluxo. Certa vez o cano da caixa entupiu e durante alguns dias o abastecimento foi interrompido. A causa: uma cobra coral que se enfiou no cano. Foi um custo desentupi-lo.

Mais adiante um ouriço-cacheiro com suas cerdas eriçadas passou a cerca de dez metros de mim talvez para avisar que eu entrava em território, senão proibido, ao menos com exigências não costumeiras para urbanos. Achei que teria sido esse mesmo ouriço que sapecou um espinho no focinho de meu cachorro, o valente Mopis, que passeava muito por aquelas bandas.

A seguir, a passagem foi dificultada por tufos mais espessos de assa-peixe, arbusto de aspecto insignificante, mas não pelas operosas abelhas que habitavam as quatro caixas perto do regato maior que atravessava a propriedade. Com cuidado para não irritá-las contornei as plantas e deixei que continuassem a produzir um mel muito bom, sempre esperado pelo pessoal de casa.

O caminho íngreme da subida acabava. Na borda da floresta, grande quantidade de pariparoba, planta usada para afecções hepáticas. Surpreendente a existência de um renque de ameixeiras amarelas que me levaram para minha casa de infância onde havia um pé dessas ameixas de que não gostava tanto, mas era a única árvore frutífera do quintal. A enorme quantidade de aves em cima delas aqui no limiar da floresta me dizia que elas não concordavam com minha opinião e brigavam muito para comer as frutinhas douradas.

Entrei na floresta, a catedral intacta desde a infância do mundo, como disse certa vez Frei Vicente Salvador, falando das florestas do Espírito Santo de outros tempos. Neste sítio de cerca de trinta hectares só havia aquela pequena floresta remanescente da Mata Atlântica. Perto da casa-sede restavam uma frondosa árvore de cedro e outra de jequitibá. Últimos vestígios do que teria sido a floresta original. A mesma situação de quando comprei o sítio e a mesma de quando o vendi. Hoje, há os que por obscuras razões ideológicas ou incompreensão sistemática condenam sem perdão aos que, por necessidade, cortaram as árvores. Mas há pessoas de outro departamento que pensam assim também. Creio que se equivocam, já que formulam uma ideia anacrônica, praga que distorce o pensar razoável.

Por exemplo, se os proprietários anteriores ou os anteriores dos anteriores lutavam pela sobrevivência e não queriam simplesmente se misturar à natureza, mas usá-la como elemento para satisfazer suas necessidades com o cultivo da terra, seria aceitável que cortassem as árvores. Afinal foi isso que a *humanidade fez* ao longo de sua existência à medida que procurava atender a novas necessidades de consumo, como nos ensina a História Econômica. Avanços científicos e tecnológicos possibilitaram atitude diferente diante das florestas, graças ao aumento de produtividade. Não é o caso de demonizar os que usaram a floresta para sobreviver, num nível compatível com suas necessidades. Claro, falo da floresta, sobretudo como valor de uso e não como valor de troca, porque, neste caso, haveria desdobramentos não considerados aqui.

O fato é que, apesar do grande aumento da população, foi possível a atitude moderna de revitalização e preservação das florestas.

Pensava em tais coisas enquanto entrava mais no interior de minha pequena mata, uma mata tropical que, conforme li de um biólogo inglês, é o sonho de consumo de estudantes europeus re-

cém formados nessa área. Isto é, do potencial que nelas existe para descoberta de coisas úteis para a vida humana.

Como o fôlego acabou, encerrei a visita. Pouco antes de sair da mata, grande nuvem saiu de uma moita e passou por mim. Era uma apoteose de borboletas que não vou chamar pelo inominável *panapaná* para não ofendê-las.

As velhas filas da carne e do açúcar

Canhões ou manteiga? Esta uma questão elementar proposta pelos manuais de Economia para ilustrar teoricamente as possibilidades de produção de uma sociedade econômica qualquer. Uma decisão que poderia ser política ou de mercado caso se tratasse de uma sociedade com controles econômicos centralizados ou não. Se fosse uma sociedade onde houvesse liberdade de produção e consumo, o mercado não iria produzir apenas um dos dois artigos, ou melhor, dos bens (caso se possa classificar um canhão de *bem*). Vai tentar, por tateios, descobrir qual a melhor combinação entre eles para obtenção de lucro por parte dos produtores e de satisfação por parte dos consumidores. No caso das sociedades centralizadas, “a decisão é esta e estamos conversados”, ainda que se possa ter como pressuposto o bem-estar geral. Mas me dou conta que descambei para um impróprio economês quando a intenção era apenas falar de um certo tempo da Segunda Guerra aqui em nosso país, ou melhor, no ES, ou ainda, em Jucutuquara, principado anexo à cidade de Vitória, portando, ao menos naqueles anos, uma Constituição própria, mesmo que não escrita. Mas há propósito em falar de filas porque a economia de guerra pressupõe certo tipo de controle similar ao mencionado no início. Por isso, vamos lá.

“Este livro não é você!”

“Claro que é”.

“Me lembro que até no outro dia você era um paralelepípedo e agora você vem me dizer que é esse livro aí só porque está logo no princípio da fila? Cuidado que o dono do livro pode chegar e você vai ficar com cara de besta.”

Não, não é trecho de peça de teatro prafentex. O diálogo seria possível naquele tempo da “fila da carne” diante do açougue do Sizinzo, na Avenida Alberto Torres, na Jucutuquara dos anos quarenta.

Quem já experimentou uma fila daquelas sabe do que se trata. Imagine levantar de madrugada para enfrentar a fila do Sizino. Lá ficavam eles esperando o açougue abrir e se colocando na ordem de chegada. Era preciso situar-se bem na fila porque quem estivesse na rabeira, quase sempre ficava na pior. A carne acabava antes de chegar a sua vez. A velha lei do menor esforço acabou entrando em ação. Acordar cedo, tudo bem. Mas mofar na fila até às oito horas quando o açougue abria? A solução para os madrugadores? Cada um colocaria um objeto na fila para representá-los e depois iam dormir um pouco mais. Havia uma pequena cadeira de balanço que representava um senhor de idade, funcionário público aposentado, um abajur que era a mocinha que morava na frente do estádio e por aí. Fui primeiro um caderno “capa de aranha” que depois foi substituído por um livro. Solução prática, mas que de vez em quando dava problema como na conversa falada acima.

Enfim, em plena Segunda Guerra, enfrentávamos o problema de grande escassez de produtos de primeira necessidade, já que as possibilidades de produção deviam levar em conta necessidades do esforço bélico. Além do mais, as grandes dificuldades de comunicação entre centros produtores e consumidores. O Atlântico Sul era zona de guerra e, portanto, o açúcar do Nordeste, por exemplo, tinha dificuldade em chegar aqui. Aliás, essa era outra fila famosa. A “fila do açúcar”. A maior que conheci era a da Vila Rubim. Ia do bar do Lopes, ali na subida da Rua São Simão até o Clube Stá Cruel na Duarte Lemos. Eles não aplicavam a racionalização de procedimento como no caso do recurso aos objetos da fila da carne de Jucutuquara. Ficavam ali, firmes, conversando, discutindo e até brigando, como vi algumas vezes. Mais uma vez, Jucutuquara estava à frente de seu tempo ainda que o sistema não fosse tão aperfeiçoado de modo a eliminar completamente as espertezas dos eternos espertos. O que é, como se sabe, quase impossível.

Pão era a coisa mais difícil. De manhã cedo, o estribilho do vendedor: “muxá de coco”, “muxá de coco”. Melhor que o muxá era o “bolinho de arroz”, “bolinho de arroz”. Pão branco? Quando vinha, era uma mistura de trigo com farinha de mandioca que fazia o pão ficar parecendo um pedaço de pau. Bons tempos? De minha parte, dispenso. Mesmo porque, nessa área, não estou certo de que as “possibilidades de distribuição” seguindo normas da economia de guerra tenham sido usadas de forma correta, ou melhor, de forma mais justa. Mas isto já é economês misturado com moral tomista e fica para depois...(talvez).

Os frutos dourados do mar

Apesar do meu lastro montanhês, devo dizer que me rendo ao mar, especialmente aos domingos, dia de moqueca. Ressalva: a rendição incondicional não aconteceu porque não existe borracha capaz de limpar a lembrança das neblinas esgarçadas e os verdes do país da infância. Mas vou me submetendo a essa agradável ambiguidade que tem lá suas doçuras na medida em que não preciso formular a alternativa entre montanha e mar. Enfim, *e/e* e não *ou/ou*. Há alguns anos, por exemplo, me dava o privilégio de tomar banho de mar pela manhã e dormir a quase mil metros de altitude, num certo sítio aninhado entre as montanhas. Agora, mesmo não tendo mais nem um centímetro quadrado de terra naquelas serranias, continuo com um latifúndio montanhês na alma.

Visto o que, sendo hoje domingo, assumo a condição de senhor de robalos e badejos que pulam nas ferventes panelas de barro. Postas, douradas como as madeixas de Rapunzel, que me levam à torre de requintados tesouros gastronômicos.

Enquanto aguardamos a chegada de nosso peixe, e para evitar demonstrações de pressa ao garçom, o que nunca é recomendável, tento pensar em outras coisas. Como, por exemplo, no profissionalismo desses trabalhadores do mar que não falham na messe que alegra nossos corações domingueiros.

Há alguns anos, um especialista em educação dizia que o bom profissional não se formava apenas com um treinamento rápido. Mesmo que isso possa soar óbvio, não o era na época em que foi dito. Havia os que, a pretexto de formar quadros profissionais com urgência, tentavam atropelar a boa técnica e se firmavam em quantidades, ignorando a qualidade, já que precisavam de números para as estatísticas. Sabemos todos, em especial os da área, que ambos esses termos devem ser igualmente considerados à vista de objetivos definidos. Além do mais, a eficácia do aprendizado precisa de alguma coisa adicional. Certa atitude de “pertencimento” que exige vocação, tempo de estudo *e/* ou de prática mais prolongada no tempo. Pensei nesse especialista em educação quando conversava com alguns pescadores que estão numa “idade histórica” diferente dos educandos imaginados pelo especialista. Fazem parte da parcela de profissionais formados apenas pela prática, mas que ostentam uma atitude, uma espécie de orgulho e de satisfação pelo que fazem e que os aproxima do ideal imaginado pelo educador. Esses pescadores não tinham tempo de estudo, mas carregavam essa tradição de competência de lavradores do mar, traduzidas

nesses peixes como o badejo, que é pescado a quase trezentos metros da superfície, segundo me dizem. Badejo, porque ele sabe que, na outra ponta, está o capixaba que não aceita generalizações: “Quero uma moqueca de peixe”. Não é capixaba. Capixaba pede peixe pelo nome, o que afinal é uma forma de valorizar o profissionalismo de quem não pesca peixe, mas o peixe tal e tal. Se se trata de capixaba, o pescador sabe que precisa usar seus conhecimentos para atender a esse cliente que ele respeita porque ama o mar e suas coisas tanto quanto ele.

Um respeito pelo mar como o de certo pescador de Manguinhos de anos atrás que apanhava lagostas, sua especialidade, conforme me contou o Manoel Ceciliano, conhecedor profundo de coisas da região. Seu “pesqueiro” ficava naquelas pedras depois da curva que vai para Bicanga. O tal apanhador trabalhava apenas uma hora por dia e nesse tempo pegava x quilos de lagosta. Conhecia aquelas pedras como a palma da mão e talvez conhecesse a própria biografia de cada lagosta apanhada. Não tinha erro. Uma hora de trabalho e tantos quilos de lagosta. Nem mais nem menos. Quem estivesse de fora podia dizer: “Mas que desperdício!” Se trabalhasse as oito horas regulamentares pegaria sete vezes mais do que pescava numa hora. Ele, nada. Só trabalhava daquele jeito. Depois, ia para o boteco do Chico tomar uma talagada.

Sei que a atitude desse pescador se explica por outras vias, mas não quero entrar por esse caminho. Deixemos a História/Economia em paz, por ora. Talvez seja apenas oportuno lembrar que se trata de uma prática herdada das sociedades coletoras/caçadoras. Um anacronismo que encanta, mas que bate de frente com o aumento da população. De qualquer maneira, um elemento de utopia quando se vê a sociedade tradicional apenas sob esse signo da “boa vida”, como lhe chamou Heimann. O advento da “sociedade econômica” que precisa alimentar as multidões que sobrevieram à revolução populacional rasgou a fantasia e, no momento, até o sonar entra em cena para localizar cardumes visando atender a essa avalanche de novas necessidades que explodem em ritmo crescente. Uma lembrança que atordoia um pouco pela superposição de uma tecnologia avançada sobre um bem natural. Hasta quando? Mas acabei falando demais. Sem maiores encucações, contemplemos essa moqueca que está chegando para nossa mesa e nos faz desejar vida longa para os trabalhadores do mar e seus produtos maravilhosos.

PS: Louvemos nossa moqueca, mas que, na esteira das louvações, não se aproveitem os restaurantes para cobrar preços tão altos pela iguaria. Como está acontecendo.



No verso desta fotografia de 1957 lê-se esta anotação de Ivan Borgo:
Este foi o grupo que ganhou o concurso do jornal "Diário de Notícias" sobre o "monopólio estatal do petróleo".



A bordo de uma lancha da Petrobrás subindo o Rio Negro, fotografia tirada em Manaus, em 1957 (ao que tudo indica com parte do mesmo grupo da fotografia acima)



Ivan Borgo em 1958.



Ivan Borgo em dois momentos.



Missão japonesa não oficial no Espírito Santo em 1982.

ORDINE DELLA STELLA DELLA SOLIDARIETA' ITALIANA

IN VIRTUTE



VIRTUS

IL PRESIDENTE DELLA REPUBBLICA
PRESIDENTE DELL'ORDINE DELLA STELLA DELLA SOLIDARIETA' ITALIANA
VISTO L'ART. 87 DELLA COSTITUZIONE; VISTO L'ART. 6 DEL DECRETO LEGISLATIVO 9 MARZO 1948 N. 812;
SENTITO IL CONSIGLIO DELL'ORDINE
SU PROPOSTA DEL MINISTRO SEGRETARIO DI STATO PER GLI AFFARI ESTERI
HA CONFERITO L'ONORIFICENZA DI CAVALIERE
CON FACOLTA' DI FREGIARSI DELLE INSEGNE DELL'ORDINE

A

Avv. IVAN ANACLETO BORGIO

DATO IN ROMA, LI 25-APRILE-2007

IL PRESIDENTE DELLA REPUBBLICA

Giorgio Napolitano

IL MINISTRO PER GLI AFFARI ESTERI

Domènec Mele

Seguramente um dos momentos mais significativos na vida de Ivan Borgo.

THE NEW SCHOOL FOR SOCIAL RESEARCH

6 East 16th St. 11th Fl. New York 10003
t 212.229.5777 x3044 f 212.229.5774 gfa.com@newschool.edu
www.newschool.edu/socialresearch
Department of Economics

October 23, 2014

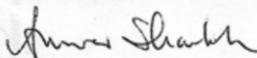
Dr. Ivan Anaciento Lorenzoni Borgo
Professor of History
Universidade Federal do Espírito Santo
Rua Ordilio Cassilatas Aguiavi
No. 210 – Mata Da Praia
Vitoria, ES CEP 29065-570
BRASIL

Dear Dr. Borgo.

On behalf of the Economics Department of the New School for Social Research I thank you for the donation of your book *Historia Do Pensamento Economico*. We are proud to add it to our library. Your generous gesture is much appreciated by our faculty and our students.

It is evident that your book is a scholarly work which will be of value to present and future generations of economists. I am sure that Eduard Heimann would be quite pleased with your acknowledgement.

Sincerely,



Anwar Shaikh
Professor and Chair

Carta recebida por Ivan Borgo da New School de Nova Iorque em agradecimento pela remessa do livro *História do pensamento econômico*.

Prezado Senhor Borgo

Em nome do Departamento de Economia da New School for Social Research agradeço-lhe pela doação de seu livro *História do Pensamento Econômico*. Estamos orgulhosos de adicioná-lo à nossa biblioteca. Seu generoso gesto é muito apreciado por nossa Faculdade e nossos estudantes.

Fica evidente que seu livro é um trabalho acadêmico que terá valor para as gerações de economistas do presente e do futuro. Estou certo de que Eduard Heimann ficaria muito satisfeito com seu reconhecimento.

(Tradução de Pedro J. Nunes)



Na livraria Logos, década de 1990.
Em pé, da esquerda para a direita: Álvaro Santos Silva, Reinaldo Santos Neves, Fernando Achiamé e Pedro J. Nunes. Sentados: Sérgio Luiz Bichara, Renato Pacheco, Luiz Guilherme Santos Neves, João Bonino Moreira e Ivan Borgo



Na livraria Logos, década de 1990.
Em pé, da esquerda para a direita: Álvaro Santos Silva, Reinaldo Santos Neves, Fernando Achiamé e Pedro J. Nunes. Sentados: Sérgio Luiz Bichara, Renato Pacheco, Luiz Guilherme Santos Neves, João Bonino Moreira e Ivan Borgo



Ivan e Gleamar comemoram sessenta anos de casamento.



Ivan, Glemar e os filhos Elza, Eugênio, Inês e Giovanna.

Ivan Borgo, um homem emblemático

Luís Carlos de Souza Vieira

Conheci o professor Ivan Anacleto Lorenzoni Borgo no dia 06/11/85, quando fui selecionado para trabalhar no SENAI/ES. Já no primeiro contato, impressionava. Descendente de italianos, muito alto, fala pausada, relatava a vida dura dos antepassados nas montanhas capixaba. Era a senha para discorrer sobre a transformação que a Educação Profissional de Nível Técnico é capaz de fazer na vida dos jovens, em qualquer sociedade, em qualquer país. Com uma didática impressionante, ele ensinava que “a história do SENAI foi construída por homens que conheciam o mundo real do Trabalho e da Produção. Trabalhadores que já queimaram a mão.” No gabinete que ficava no quinto andar do Edifício da Federação das Indústrias, ouvi, pela primeira vez, um professor titular de História do Pensamento Econômico, da Universidade Federal, explicar a metodologia de ensino que consagrou o SENAI, oriunda do Ensino Dual, alemão. Gesticulando, como todo italiano, ele ensinava: “É preciso apreender a fazer, fazendo. É a pedagogia que estruturou a educação profissional no pós-guerra, nos países ocidentais. O professor Ivan Borgo foi um dos expoentes dessa geração e, no Espírito Santo, foi o mais importante dirigente da história do SENAI. Dirigiu a entidade por quase vinte e um anos, construiu as principais escolas na capital e no interior, mas destaco o Centro Técnico de Instrumentação Industrial Arivaldo Fontes, na Beira Mar, o primeiro projeto de Cooperação Internacional do Japão, por meio da JICA, desenvolvido no ES. Formou a elite técnica das grandes plantas siderúrgicas, de papel e celulose e outras, que se instalaram no Espírito Santo. Ali, está o dedo do professor Ivan.

Ocupei o cargo de assessor do professor Ivan. Na verdade, fui um aluno. Dirigi o SENAI do ES duas vezes, o SENAI de São Paulo por dez anos e ocupei uma direção no SENAI Nacional, além de ter sido reitor, em Belo Horizonte. Ivan, um professor com orgulho do aluno, costumava dizer que “superei o mestre”. Ledo engano. Gentileza. Eu sou apenas um executivo, um operador. Ivan Borgo fazia parte da geração de notáveis, de professores e escritores que,

por meio da Educação Profissional, transformaram o Espírito Santo em um estado industrial.

Debate-Papo sobre Ivan Borgo na Biblioteca Estadual do Espírito Santo em 31/10/2012

Luiz Guilherme Santos Neves

A primeira vez que tive a honra de prefaciar Ivan Borgo foi para sua coletânea de contos *Navegantes*, com autoria atribuída a Roberto Mazzini, edição de 1997, promovida pelo IHGES, se não me engano durante a presidência do saudoso Miguel Depes Tallon.

O livro saiu sob o formato de *pocket book*, com capa verde-nha, tendo no centro a discreta ilustração em preto e branco da estação de Araguaia, território mui querido do Autor, os trilhos da linha férrea estendendo-se na direção do leitor numa vetorial que se prenuncia evocativa para o que narram em sua maioria os contos reunidos no livro.

A segunda edição da obra, editada pela Formar, e enriquecida com alguns novos textos, saiu no ano passado, em apresentação gráfica caprichada, com luzidia capa criada pela mestria artística de Pedro Nunes. Nessa obra Ivan deu-me a consideração de republicar o meu prefácio da primeira edição.

Agora, novamente aqui estou, neste debate-papo na Biblioteca Estadual, convidado a falar sobre Ivan Borgo, o debatepapense ausente por razões que seus diletos amigos como eu devemos considerar razões insondáveis, porém indiscutíveis. E mais uma vez cumpro com satisfação o meu encargo.

*

Ivan Borgo é, para mim, muitas possibilidades de palavras. Palavras sobre as palavras que ele escreveu e continua escrevendo; palavras sobre o que nos tem unido ao longo desse tempo de palavras; palavras sobre esse tempo variado e fugidio em que tem transcorrido a nossa fraterna convivência.

Somos sobreviventes, eu e ele, de um tempo em que não havia livrarias em Vitória (década de 40 e 50) e em que para se con-

seguir livros era preciso caçá-los nas poucas tipografias ou gráficas (isso mesmo!) que havia na cidade, lê-los por empréstimo ou encomendá-los pelo correio. Sorte grande era obtê-los nas estantes particulares de outros leitores, amigos e parentes.

Somos sobreviventes ainda de um tempo em que, em Vitória, ninguém se formava em cursos de letras ou de literatura, mas em que o fascínio por ambos era uma tentação e um desafio para cada um de nós.

Porque já então afligia-nos a ansiedade da leitura dos bons autores, os norte-americanos abrindo a procissão.

Eis que então se inaugura, para a alegria nossa, a Livraria Âncora, instalada primeiramente numa loja do térreo do Edifício Álvares Cabral, na Rua Barão de Itapemirim, por iniciativa de Nestor Cinelli, que antes vendia livros quase escondidos no Empório Capixaba em estantes cabisbaixas. Melhor ainda foi quando a Âncora mudou-se para a ladeira Nestor Gomes, em espaço digno de orgulho de todos os seus freqüentadores, dentre os quais, eu e Ivan Borgo éramos fregueses constantes.

Foi também junto com Ivan, Aly da Silva e Ivantir Borgo, este encarregado da sonoplastia clássica, que nos atrevemos a criar e irradiar um programa radiofônico dedicado à cultura chamado *Contrastes e Confrontos*, versando literatura e música erudita, que durante trinta minutos ia ao ar às 22 horas das segundas-feiras, na Rádio Capixaba, instalada na Rua Graciano Neves. Antes de o programa começar, os seus protagonistas se reuniam na Praça Costa Pereira, literalmente para tomar fôlego e coragem e ir para o estúdio onde, do outro lado do aquário envidraçado em que estávamos e que nos isolava do som ambiente, ainda tínhamos de encarar, algumas vezes, a presença de Paulo Veloso nos corujando.

Por essa época, no prédio em que funcionava a FAFI, Faculdade de Filosofia e Letras, promovemos um ciclo de palestras sobre literatura norte-americana em que ousamos falar de autores então raramente lidos no Espírito Santo e, diga-se de passagem, contando com o auditório lotado.

Vivemos assim os nossos atrevimentos intelectuais, levados a efeito, podem estar certos, sem pompa, mas com circunstância.

Em relação a esse tempo, nessa retrospectiva de amizade que estou fazendo de raspão, uma palavra merece ser dada ao Cine Trianon, em Jucutuquara, que abriu para nós, jovens acocorados em Vitória, a perspectiva reveladora de um mundo novo, quando

nada no que tocava à arte cinematográfica. Enquanto para eu ir ao Trianon precisava me deslocar do Parque Moscoso até lá, o que era então considerado uma grande distância a ser percorrida, a Ivan Borgo bastava dar dois ou três pulos para atravessar a rua que o ligava ao cinema para que o mundo da Europa se lhe abrisse na tela fronteira à sua casa. Miudezas da memória de dias idos? Prefiro defini-las como correntes memoriais que aprisionam e fraternizam as pessoas que viveram a mesma experiência que se transformou, para mim e Ivan Borgo, num passado comum de antiga contemporaneidade.

Falei um pouco de Ivan o homem e o amigo.

E sobre a variedade da sua obra de escritor que se consagra quase sempre sob o pseudônimo literário de Roberto Mazzini, o que pode ser dito?

Retiro alguns dados ao site Tertúlia Capixaba, para o qual Ivan colabora, e de onde transcrevo: Publicou contos no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, no jornal de cultura Paratodos e na revista *A Cigarra*. Foi colaborador permanente da revista de cultura *Você*, da Ufes. Publicou *Crônicas de Roberto Mazzini*, *Navegantes* (contos) e *Novas crônicas de Roberto Mazzini*. Colaborou em alguns números da série *Escritos de Vitória* e participou da coletânea de autores capixabas *A parte que nos toca* e do livro *Norte do Espírito Santo: ciclo madeireiro*. Recebeu, em 1957, prêmio da Petrobrás pela monografia “O monopólio estatal do petróleo”. Foi fundador e colaborador da *Revista Essa*, que teve no grande Xerxes Gusmão Neto seu dedicado editor chefe. Pertence à Academia Espírito-santense de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Deixo de mencionar aqui os títulos e a vivência de Ivan no magistério e no campo do saber econômico. Menciono, porém, o que para ele é motivo de orgulho que não esconde de ninguém: a sua profícua e duradoura gestão de diretor do SENAI, em Vitória. Finalmente, para não ficar de fora, digo ainda que Ivan é um dos assíduos frequentadores do Sabalogs, que ocorre aos sábados, na Livraria Logos da Praia do Sua.

Sobre a qualidade da obra literária de Roberto Mazzini, embora não seja este o momento para análises e críticas de alta envergadura acadêmica ou literária que, aliás, foge à minha competência, não posso me calar quanto a um aspecto (para não me alongar em outros) que fazem de Roberto Mazzini um dos expoentes definitivos da literatura capixaba.

Refiro-me ao seu perfeito e admirável domínio do texto curto, conto ou crônica, narrados em partituras que, no conjunto, se orquestram harmoniosamente.

Quando escrevi o prefácio para a primeira edição de *Navegantes*, em 1997, já deixara sinalizada essa qualidade do Autor.

De lá para cá se passaram doze anos sem que Mazzini parasse de escrever. De lá para cá se fortaleceu em meu entendimento a convicção de que é na crônica e no conto que o meu querido amigo reina e governa literariamente.

Nos dois gêneros Mazzini se condensa e, paradoxalmente, se amplia, conferindo perenidade ao que escreve e atingindo dimensões surpreendentes para os que o leem.

Nesse sentido, nenhum dos seus textos é descartável porque têm eles o dom de provocar novas emoções e gerar ilações inesgotáveis, para muito além da grafia em que estão vazados.

Gozam assim da densidade literária que o Autor lhes imprime com seu indiscutível talento de escritor maior, sendo ele próprio quem ressaltou, na “Explicação” que escreveu para a segunda edição de *Navegantes*, que os seus escritos “estão comprometidos apenas com a ficção e não têm existência real senão nela”.

Não obstante, destaco eu que algumas linhas antes dessa observação, o Autor declarou que “alguns destes textos estão imbuídos de intenções que, espero, sejam percebidas, mesmo que as percepções adquiram *nuances* individualmente captadas e que não necessariamente correspondem às de quem os escreveu.”

É, pois, na justaposição de valores aparentemente divergentes em que o episódico e o universal se integram e se completam que a literatura de Ivan Borgo/Roberto Mazzini extrapola os limites do efêmero para adquirir foros de versatilidade e permanência.

Por tudo o que eu disse, havia eu preparado quatro questões que desejava formular ao debatedor desta noite, mas que não me impeço de lançá-las ao ar neste auditório na esperança de que um bom pombo-correio leve-as ao seu destino, e que, quem sabe, talvez mereçam as desejadas respostas da parte do indagado ausente. São elas:²⁷

27 Luiz Guilherme Santos Neves seria o debatedor com Ivan Borgo nesse encontro que não aconteceu. Este texto foi escrito por ele para ser sua fala na ocasião, como de fato foi, falando solitariamente o debatedor. A partir deste parágrafo, o Autor adaptou o final do texto à realidade para que fosse publicado neste livro.

1. Como você, Ivan Borgo, explica a preferência pelo conto e pela crônica em suas navegações literárias de escritor?

2. Já foi dito que você é um autor que se revelou tardiamente na literatura capixaba. Se você concorda com a observação, por que e como isso aconteceu?

3. Retornando ao que há pouco chamei de miudezas da memória em relação ao Cine Trianon é certo que ele também foi para você, como foi para mim, uma janela aberta para um mundo novo?

4. Pelo que eu sei você nunca foi um grande esportista nem um exemplo de jogador de futebol. Como você explica a predileção pelo tema esportivo em muitas das suas crônicas?

Que os bons ventos levem, portanto, ao debatedor ausente as quatro questões formuladas, o que não nos impede de continuar tratando de sua obra e contribuição literária nesta oportunidade que estamos tendo esta noite.

Referências

- A CIGARRA. Rio de Janeiro: O Cruzeiro. Ano XXXVI, n. 10, out. 1955.
- BERGAMINI, Kamila Brumatti. *Adeus Itália: imigração europeia ao Espírito Santo*. Vitória : Secult-ES, 2013.
- BORGO, Ivan. *Crônicas de Roberto Mazzini*. Vitória : SPDC/UFES, 1995. (Coleção Cultura - UFES 34)
- BORGO, Ivan. *Novas crônicas de Roberto Mazzini*. Vitória: Gráfica Espírito Santo, 2003. (Coleção Gráfica Espírito Santo de Crônicas 5)
- BORGO, Ivan. *Navegantes: contos de Roberto Mazzini*. Serra: Formar, 2011.
- BORGO, Ivan. *Chão de Araguaia: excertos*. Serra : Formar, 2013.
- BORGO, Ivan. *Recordações do futebol de Vitória: visões impressionistas do futebol e suas circunstâncias na Vitória dos anos 50/60*. Vitória : Cultural-ES, 2015.
- MAUGHAM, W. Somerset. *Confissões*. São Paulo : Globo, 2006.
- NAVA, Pedro. *Balão cativo*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira. 1986.
- NUNES, Pedro J. e APPEL, Caco (Org.). Na livraria: diversa caligrafia. Serra : Formar, 2015.
- VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES. Ano I, n. 1, jun. 1992.
- VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES. Ano I, n. 2, jul. 1992.
- VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES, ano I, n. 3, set. 1992.
- VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES, ano I, n. 7, jan. 1993.
- VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES, ano I, n. 10, abr. 1993.
- VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES, ano II, n. 15, set. 1993.
- VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES, ano I, n. 11, mai. 1993.
- VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES, ano II, n. 21, abr. 1994.
- VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES. Ano II, n. 23, jun. 1994.
- VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES. Ano IV, n. 36, dez. 1995/jan. 1996.
- VOCÊ. Vitória : SPDC/UFES, ano V, n. 42, set. 1996.

- | | | | |
|-----------|-----------------------------------------------------------------------------------------|-----------|------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | <i>De folhas versadas</i>
Roberto Almada: <i>vida e obra</i> | 16 | <i>Última Oferenda</i>
Acchiles Vivaacqua: <i>vida e obra</i> |
| 2 | <i>Inquilino da rua da imaginação</i>
Fernando Tatagiba: <i>vida e obra</i> | 17 | <i>O Pavão Multifacetado</i>
José Carlos Oliveira: <i>vida e obra</i> |
| 3 | <i>Júbilo e Agonia</i>
Amylton de Almeida: <i>vida e obra</i> | 18 | <i>A Embaixadora das Artes</i>
Lidia Besouchet: <i>vida e obra</i> |
| 4 | <i>A árvore das palavras</i>
Adilson Vilaça: <i>vida e obra</i> | 19 | <i>Poeta, Cachoeirense</i>
Newton Braga: <i>vida e obra</i> |
| 5 | <i>Metáforas e hieróglifos</i>
Bernadette Lyra: <i>vida e obra</i> | 20 | <i>Faces Poéticas</i>
Geir Campos: <i>vida e obra</i> |
| 6 | <i>Navegante do imaginário</i>
Luiz Guilherme Santos Neves: <i>vida e obra</i> | 21 | <i>Carmélia, por Carmélia</i>
Carmélia Maria de Souza: <i>vida e obra</i> |
| 7 | <i>Dídalo no centro do labirinto</i>
Miguel Marvillá: <i>vida e obra</i> | 22 | <i>O Solitário de Itapemirim</i>
Narciso Araújo: <i>vida e obra</i> |
| 8 | <i>Múltiplas escrituras</i>
Reinaldo Santos Neves: <i>vida e obra</i> | 23 | <i>O Poeta da Crônica</i>
Rubem Braga: <i>vida e obra</i> |
| 9 | <i>Nomes pra viagem</i>
Renato Pacheco: <i>vida e obra</i> | 24 | <i>Chrysalida</i>
Guilly Furtado Bandeira: <i>vida e obra</i> |
| 10 | <i>Porque e por quê: Blank, Sérgio Luiz</i>
Sérgio Blank: <i>vida e obra</i> | 25 | <i>Lírico e Humanista</i>
Alvino Gatti: <i>vida e obra</i> |
| 11 | <i>Lira dos sete dedos: a poética de Valdo Motta</i>
Valdo Motta: <i>vida e obra</i> | 26 | <i>Método Confuso</i>
Mendes Tradique: <i>vida e obra</i> |
| 12 | <i>Alma de Flor</i>
Maria Antonieta Tatagiba: <i>vida e obra</i> | 27 | <i>O Poeta da Cidade</i>
Elmo Elton: <i>vida e obra</i> |
| 13 | <i>A Voz do Coração</i>
Virginia G. Tamanini: <i>vida e obra</i> | 28 | <i>Manhosa Escrita</i>
Miguel Depes Tallon: <i>vida e obra</i> |
| 14 | <i>Ainda Resta Uma Esperança</i>
Haydée Nicolussi: <i>vida e obra</i> | 29 | <i>Olhar Marginal</i>
Lucy Ribeiro: <i>vida e obra</i> |
| 15 | <i>Suspe Pantera</i>
Marly de Oliveira: <i>vida e obra</i> | 30 | <i>Um capizaba entremundos</i>
Newton Freitas: <i>vida e obra</i> |
| | | 31 | <i>Roberto Mazzini e outros navegantes</i>
Jean Borgo: <i>vida e obra</i> |



PREFEITURA DE
VITÓRIA



ACADEMIA
ESPIRITO
SANTENSE
DE LETRAS

FORMAR
EDITORA

editoraformar.com.br



9 788595 861077